

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**ANTROPOLOGIA SOCIAL**

***"BICHA TU TENS NA BARRIGA, EU SOU MULHER..."***

*Etnografia sobre travestis em Porto Alegre*

**CRISTINA DE OLIVEIRA FLORENTINO**

**CRISTINA DE OLIVEIRA FLORENTINO**

***"BICHA TU TENS NA BARRIGA, EU SOU MULHER..."***

*Etnografia sobre travestis em Porto Alegre*

Dissertação apresentada como requisito parcial à  
obtenção do grau de Mestre.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.  
Universidade Federal de Santa Catarina.

**Orientador:** Prof. Dr. Hélio R. S. Silva

**FLORIANÓPOLIS**

1998

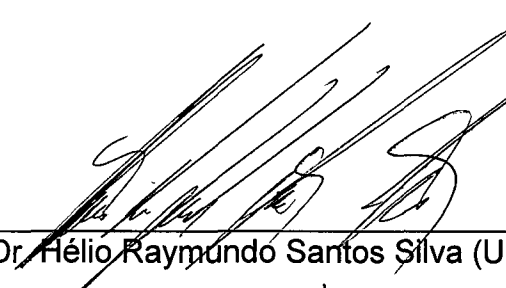
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**"BICHA TU TENS NA BARRIGA, EU SOU MULHER:  
ETNOGRAFIA SOBRE TRAVESTIS EM PORTO ALEGRE"**

Cristina de Oliveira Florentino


Orientador: Dr. Hélio Raymundo Santos Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores:




---

Dr. Hélio Raymundo Santos Silva (UFSC-Orientador)



---

Dra. Ondina Fachel Leal (UFRGS)



---

Dra. Miriam Pillar Grossi (UFSC)

Florianópolis, 17 de dezembro de 1998.

*Dedico este trabalho aos grandes*

*amigos e colaboradores*

*Alessandra e Paulo*

## *Agradecimentos*

Meu mais profundo e sincero agradecimento às travestis e aos garotos que forneceram, direta ou indiretamente, às bases para a realização deste trabalho.

Agradeço meus familiares e meus amigos mineiros pelo carinho e por tudo que aprendi com cada um deles sobre a minuciosa tarefa de viver.

Agradeço Christina Lopreato, João Marcos Âlem e Antônio de Almeida, professores da Universidade Federal de Uberlândia-MG, que contribuíram de forma decisiva para minha formação intelectual, profissional e humana.

Aos amigos da "Comunidade Campeche" e aos colegas de mestrado, muito obrigada.

Com Jacqueline Pólvora tenho uma imensa dívida. Agradeço pela gentileza, confiança e carinho com que me recebeu em sua residência em Porto Alegre. Agradeço também pelas longas conversas e dicas sempre presentes durante toda a pesquisa.

Rose, Rogério, Jô e Alfredo, agradeço a simpatia, o companheirismo e as valiosas informações sobre Porto Alegre.

Agradeço ao GAPA/RS e a toda equipe do NAESP por permitir minha participação em diferentes atividades desenvolvidas por este Núcleo. Destaco o apoio de Suzana, Marcos e Karen.

Agradeço aos integrantes do NUANCES Grupo pela Livre Orientação Sexual, especialmente as pessoas de Célio, Liane, Paixão, André, Glad, Paulo e Fernando, que com atenção e receptividade sempre me apoiaram desde o início do trabalho de *campo*. À Alessandra Greff, também participante deste Grupo, tenho muito a agradecer. Aqui não me atrevo a debulhar as razões de minha dívida, pois esta linhas seriam insuficientes diante de sua ajuda e de sua importância, tanto para esta pesquisa quanto para minha pessoa.

Ana, Jorge, Aninha, Ricardo, Felipe e Eliana, agradeço pelas valiosas contribuições durante a escrita deste trabalho e pelos esclarecedores debates sobre questões vinculadas à Antropologia.

Agradeço a Luciano e Elaine pela ajuda na detalhada tarefa de transcrição de fitas.

Agradeço a solidariedade daqueles que estão comigo hoje, acompanhando a etapa final desta dissertação, César, Ângela, Valéria, Luis e Sirlene. Também agradeço a Aparecida Alves pelos ricos ensinamentos sobre aspectos culturais da sexualidade humana.

Ao Ledson, que esteve ao meu lado desde o início deste trabalho, dividindo momentos de alegria, angústia e prazer, o meu especial agradecimento.

Ao professor Hélio Silva agradeço pelas sugestões, críticas, considerações, enfim, pelo auxílio em todas as questões que permearam este trabalho.

Registro também meu agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), cujo apoio financeiro fora essencial para a realização desta pesquisa.

### FICHA CATALOGRÁFICA

FLORENTINO, Cristina de Oliveira. "*Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher...*": etnografia sobre travestis em Porto Alegre. Florianópolis, 1998. 172 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Hélio R. S. Silva

Defesa: 17/12/1998

Análise antropológica, realizada em Porto Alegre-RS, das idéias e práticas presentes no cotidiano dos sujeitos que se denominam e/ ou são denominados travestis. Estuda a natureza das relações entre as travestis, com o objetivo de perceber como a construção da identidade de gênero se vincula à experiência de socialização, e a natureza das relações estabelecidas entre elas e seus companheiros, ressaltando os tipos, os princípios que as orientam, as idéias que produzem sobre afetividade, sexualidade e conjugalidade e as fronteiras entre os papéis de gênero.

## *Resumo*

Este trabalho versa sobre aspectos do cenário social brasileiro. Especificamente, o olhar se direciona para questões que envolvem a inscrição social dos sujeitos que se denominam e/ou são denominados travestis. O “objeto” desta investigação antropológica é, portanto, o travestismo, aqui concebido como um fato social, cultural e histórico.

Dediquei-me a perseguir a forma e o movimento de algumas práticas e idéias presentes no cotidiano das pessoas que estão diretamente envolvidas com o fenômeno do travestismo. Como delimitação, durante a pesquisa de *campo* realizada em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, parti da observação de dois tipos de relações: as relações entre as travestis e as relações entre elas e seus companheiros.

No que se refere às relações entre as travestis, o esforço se deu no sentido de compreender como a construção da identidade de gênero se vincula à experiência de socialização com as demais participantes do grupo a que pertencem. Perceber também, como se dá a interação entre elas, a natureza dessa interação e as diferentes formas de construção da subjetividade e da estética femininas.

Na investigação das relações entre as travestis e seus companheiros, a intenção foi identificar os tipos de relações, os princípios que as orientam e as idéias que produzem sobre afetividade, sexualidade e conjugalidade. Perceber também, como as travestis e seus companheiros expressam as fronteiras entre *ser mulher*, *ser homem* e *ser travesti*, apontando os elementos que compõem estes modelos, bem como as tensões neles existentes.

## *Abstract*

This study deals with aspects of the Brazilian social scenario. Specifically, the approach is oriented towards issues involving the social insertion of those who consider themselves, or those who are considered by others, as *transvestites*. The subject of this anthropological study is, therefore, the *transvestism*, here conceived as a social, cultural and historical fact.

Throughout this study I followed the form and the movement involved in some ideas and everyday practices of those directly related to the *transvestism*. The framework is devoted to the analysis of two kinds of relationships: the relations between transvestites themselves, and the relations between the transvestites and their partners. The field work was done in Porto Alegre, capital of the state of Rio Grande do Sul.

As far as the relationships between the transvestites are concerned, the aim was to understand how the construction of gender identity is linked with the socialization with other members of the group they belong to. I also stress to the interaction between the transvestites, meaning: the nature of such interaction, and the different forms of the building up of subjectivity and feminine esthetics.

As far as the relationships between transvestites and their partners are concerned, the aim was to reconstruct their ways of expressing affection, identifying the following aspects: the types of relationships and their guiding principles; their ideas about endearment, sexuality and conjugality; the ways the transvestites and their partners express the boundaries between being a woman, being a man and being a transvestite, pointing out the elements that constitute these models and the tensions between them.



## *Sumário*

<b>Introdução .....</b>	<b>pg. 10</b>
<b>Capítulo 1: OS LUGARES.....</b>	<b>pg. 20</b>
<b>1.1. As Organizações Não-Governamentais.....</b>	<b>pg. 21</b>
1.1.1. O GAPAR/S.....	pg. 21
1.1.2. O NUANCES.....	pg. 27
<b>1.2. Os Ambientes Abertos.....</b>	<b>pg. 36</b>
1.2.1. Perfil Quantitativo.....	pg. 41
<b>1.3. As Residências.....</b>	<b>pg. 48</b>
1.3.1. Fatos e Formas.....	pg. 49
<b>1.4. Casas de Diversões.....</b>	<b>pg. 56</b>
<b>Capítulo 2: ENTRE ELAS.....</b>	<b>pg. 67</b>
<b>2.1. A Linguagem.....</b>	<b>pg. 68</b>
2.1.1. O <i>Bate-Bate</i> .....	pg. 70
2.1.2. Composição.....	pg. 76
<b>2.2. Fazendo um Corpo Feminino.....</b>	<b>pg. 82</b>
2.2.1. <i>Transformação</i> .....	pg. 83
2.2.2. <i>Montagem</i> .....	pg. 95
<b>2.3. Tensões.....</b>	<b>pg. 97</b>
2.3.1. Êxitos e Limites.....	pg. 107
<b>Capítulo 3: ENTRE ELES.....</b>	<b>pg. 113</b>
<b>3.1. <i>Cadê Meu Brinco Bicha?</i>.....</b>	<b>pg. 114</b>
3.1.1. Conversando com Elas.....	pg. 118
3.1.2. Conversando com Eles.....	pg. 137
<b>3.2. Das Relações.....</b>	<b>pg. 152</b>
3.2.1. Estado Civil.....	pg. 155
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>pg. 159</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>pg. 166</b>

## *Introdução*

Nas últimas décadas o cenário brasileiro vem experimentando algumas transformações nas teorias, práticas, discursos e movimentos que englobam as esferas de gênero e sexualidade. No seio destas transformações percebe-se a paulatina inscrição social de vários sujeitos, outrora trancafiados na solidão e/ou nos laboratórios das várias ciências, que não pode ser negligenciada. Travestis, gays, lésbicas, drags, bissexuais, FTMs (*female-to-male*) e outros, conformam grupos, criam linguagens, delimitam territórios, etc. Tecem suas culturas que ora se enredam, ora se chocam. Em suma, somam-se aos "outros" na produção e na composição do que chamamos de "nossa cultura".

Em termos gerais, o trabalho que ora apresento versará sobre aspectos deste cenário social em constante transformação. Em específico, o olhar estará sendo direcionado para questões que envolvem a inscrição social dos sujeitos que se denominam e/ou são denominados travestis. O "objeto" desta investigação antropológica é o travestismo, aqui concebido como um fato social, cultural e histórico.

Adianto que não estarei falando nos motivos que levam um indivíduo a se travestir, não é a perspectiva desta pesquisa. Independentemente das possíveis causas, sejam elas psicológicas, biológicas, sociais, etc., o fato é que as travestis conquistaram lugares em nossa sociedade. E se lançarmos o olhar para a dimensão social das práticas e das idéias que rodeiam estes lugares, sem tecer juízo de valor do tipo certo/errado, normal/anormal, feio/bonito, bem/mal, moral/amoral, etc.,

depararemos com experiências e com visões de mundo que muito tem a nos dizer, de forma implícita e/ou explícita, sobre nossa sexualidade, sobre as tensões entre masculinidade e feminilidade, sobre o comércio sexual, sobre diferentes formas de expressão dos afetos, enfim, sobre várias condições e contradições que marcam nosso universo social.

Foi seguindo este raciocínio que me dediquei a perseguir a forma e o movimento de algumas práticas e idéias presentes no cotidiano das pessoas que estão diretamente envolvidas com o fenômeno do travestismo. Como delimitação, durante a pesquisa de *campo* realizada em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, parti da observação de dois tipos de relações: as relações entre as travestis e as relações entre elas e seus companheiros<sup>1</sup>.

No que se refere às relações entre as travestis, o esforço se deu no sentido de compreender como a construção da identidade de gênero se vincula à experiência de socialização com as demais participantes do grupo a que pertencem. Perceber, também, como se dá a interação entre as travestis, a natureza dessa interação e as diferentes formas de construção da subjetividade e da estética femininas.

Na investigação das relações entre as travestis e seus companheiros a intenção foi reconstituir as versões das expressões dos afetos, identificando os tipos de relações e os princípios que as orientam, as idéias que produzem sobre afetividade, sexualidade e conjugalidade e como as travestis e seus companheiros

---

<sup>1</sup> Aqui o termo **companheiro** abarca todos os tipos de relações afetivas e/ou sexuais (namoro, casamento, relações esporádicas; etc.), exceto as relações mediadas por valores econômicos estabelecidas na prática da prostituição.

expressam as fronteiras entre ser mulher, ser homem e ser travesti, apontando os elementos que compõem estes modelos, bem como as tensões neles existentes.

Com estes objetivos definidos, em novembro de 1995, depois da defesa e aprovação do projeto de pesquisa, viajei para Porto Alegre. Na cabeça, algumas idéias e um pouco de ansiedade. Nas mãos, uma mala com objetos pessoais e outra com materiais de pesquisa. Foi tudo que levei para a cidade *campo*.

Várias perguntas me foram dirigidas durante o trabalho, tanto pelas travestis quanto por outras pessoas indiretamente envolvidas. Nos primeiros meses duas questões apareceram com mais frequência. Uma se referia a minha naturalidade, isto por causa do meu sotaque que percebiam ser diferente mas não conseguiam identificar a origem. E a outra estava ligada à pesquisa, se relacionava com a escolha do local a ser observado, e na maioria das vezes aparecia resumida na seguinte expressão: *por que Porto Alegre?* Em uma situação específica, após alguns minutos de conversa com uma pessoa que eu havia há pouco conhecido, esta interrogação também surgiu formulada de outro modo, desta vez temperada com um pouco de ironia: *não tem bicha em Florianópolis?*<sup>2</sup>

Essas interrogações se tornaram tão correntes, que na medida que eu me apresentava enquanto pesquisadora e falava sobre as condições do trabalho, já me preparava para ouvi-las e respondê-las. Algumas vezes eu me enganava, surgiam questões tão inesperadas que embaraçavam a minha pretensa segurança. Isso ocorreu na primeira vez em que fui à reunião das travestis que participam das

---

<sup>2</sup> No decorrer da dissertação, todas as palavras, frases ou expressões que estiverem com fonte no formato *negrito/italico* são categorias das travestis ou são frases e expressões proferidas por elas. Assim, caso o leitor não tenha familiaridade com estas categorias, consulte o quadro 1 do capítulo II.

atividades desenvolvidas pelo GAPA. Suzana, coordenadora da reunião, assim me apresentou:

- "Esta é a Cristina, ela é mineira, estudante de Antropologia em Florianópolis e está fazendo uma pesquisa sobre travestis aqui em Porto Alegre..."

Ao me preparar mentalmente para algumas questões, imaginei que *por que Porto Alegre?* seria uma delas. Equivoquei-me. A pergunta de uma travesti com um olhar firme, meigo e curioso, me pegou de surpresa:

- Afinal, o que é Antropologia?

Embora fosse uma pergunta de difícil resposta, devido o tempo e as peculiaridades dessa ciência, tomei meu trabalho como exemplo e esbocei algumas idéias sobre o que eu entendia ser a Antropologia. Não sei se fui muito didática, mas creio que elas retiveram alguns elementos da rápida explanação.

De fato, desenvolver um trabalho em uma das áreas da Antropologia, ciência que, em termos de Brasil, só recentemente tem ganhado mais "popularidade"<sup>3</sup>, estudar em Florianópolis-SC e eleger Porto Alegre-RS como local de pesquisa, somado ao detalhe de ser mineira, gerou um certo estranhamento e/ou uma certa curiosidade em algumas pessoas. O que achei perfeitamente compreensível, pois a princípio, por motivos específicos, eu também havia estranhado parte dessa idéia.

Inicialmente a investigação iria se realizar em Uberlândia, Minas Gerais, onde fiz uma pesquisa sobre a *prostituição travesti* como trabalho de conclusão do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia. Após ingressar no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de Santa Catarina,

---

<sup>3</sup> Para maiores esclarecimentos sobre esta questão da recente "popularidade" da Antropologia no Brasil conferir DURHAM (1986).

a intenção seria continuar trabalhando com o travestismo, não centrando, desta vez, o eixo da observação na prostituição. Durante o mestrado, o professor Hélio Silva, orientador desta dissertação, após elencar uma série de motivos, colocou em questão a possibilidade de desenvolver o trabalho de *campo* em Porto Alegre. Fiquei um pouco receosa, jamais havia pensado nesta possibilidade e nem mesmo conhecia, por falta de oportunidade, a capital gaúcha.

No decorrer das discussões sobre esta sugestão verificamos que a pesquisa em Porto Alegre teria, em termos metodológicos, e de acordo com os interesses da pesquisa, algumas vantagens em relação a Uberlândia. Para uma melhor visualização desta discussão, por parte do leitor, destaco a seguir alguns dos pontos que considere mais relevantes.

O fato de não conhecer Porto Alegre, que a primeira vista me parecia ser um problema, na realidade se configurava como um ponto positivo. Neste caso, mesmo que em termos gerais observador e observado fizessem parte de uma mesma sociedade, respeitando os movimentos de continuidade e descontinuidade dos patrimônios culturais, o próprio distanciamento regional (armado das nuances culturais dos dois estados) somado ao desconhecimento do espaço físico da cidade, apareceriam como parte do leque de elementos que auxiliariam na experiência de "estranhamento" que enriqueceria minhas reflexões. Digo "parte do leque de elementos" porque a grandeza desta experiência não pode ser reduzida simplesmente à questão espacial, pois sabemos, a partir dos estudos da Antropologia Urbana, que mesmo fazendo a investigação na própria cidade, e compartilhando vários bens culturais, o investigador não estará "imune" ao "estranhamento", pois

como bem nos lembra Gilberto VELHO, esta situação não deve nos “[...] iludir a respeito das inúmeras descontinuidades e diferenças provindas de trajetórias, experiências e vivências específicas. Complementa o autor, isto fica particularmente nítido quando fazemos pesquisa em grandes cidades e metrópoles onde a heterogeneidade da divisão social do trabalho, a complexidade institucional e a coexistência de numerosas tradições culturais expressam-se em visões de mundo diferenciadas e até contraditórias.”<sup>4</sup>

Outro ponto importante seriam as condições de pesquisa oferecidas pela cidade, ou seja, Porto Alegre oferecia um maior número de espaços físicos, quando comparada a Uberlândia, como bares, boates, espaços públicos, etc., onde eu poderia observar as variantes destacadas nos dois tipos de relações recortados, *travesti/travesti* e *travesti/companheiro*. Em suma, significaria uma ampliação do leque de espaços de interação social a serem observados.

Por fim, também pensamos na possibilidade de fortalecer as bases para um posterior trabalho comparativo, na medida em que começam surgir trabalhos de cunho antropológico que se dedicam especificamente a este fenômeno social. Neste sentido, por ser Porto Alegre uma das capitais brasileiras, a idéia seria, partindo das capitais, analisar este fenômeno em termos de Brasil.<sup>5</sup>

Antes de elaborar o projeto de pesquisa fiz duas incursões a *campo* para verificar a real possibilidade de trabalho. Estabeleci alguns contatos, mapeei algumas

---

<sup>4</sup> VELHO (1980:6), apud OLIVEN (1992:12).

<sup>5</sup> O fato de Marcelo José Oliveira, ex-aluno do PPGAS/UFSC e participante do Núcleo de Pesquisa sobre "Comportamento Desviante", desenvolver trabalhos sobre travestis em Florianópolis, também influenciou na escolha de Porto Alegre como local de pesquisa. O que significa dizer que, o estudo nas duas capitais, Marcelo em Florianópolis e eu em Porto Alegre, poderia nos proporcionar uma primeira visão do fenômeno em parte do extremo Sul do país.

instituições, circulei por locais estratégicos, enfim, me apresentei para a cidade. Tudo caminhou perfeitamente bem, inclusive pude definir onde eu iria me hospedar<sup>6</sup>. Estas visitas também foram fundamentais na escolha de Porto Alegre como local de pesquisa, pois a partir delas tive a oportunidade de avaliar as questões de ordem prática.

Com a viagem para Porto Alegre, após me instalar na casa de Jacqueline, fiz uma breve recapitulação de todas as informações adquiridas até aquele momento, revisei o projeto de dissertação, as anotações referentes às incursões anteriores e as indicações fornecidas por amigos gaúchos ligados a comunidade acadêmica. Este foi o ponto de partida para a pesquisa empírica, selecionei os primeiros contatos a serem feitos, comprei um guia de Porto Alegre, e me lancei na cidade.

Além das referências iniciais, aos poucos comecei a penetrar em uma rede de relações. Fulano, que conhecia alguns bares, me apresentava seu amigo, que sabia de algumas instituições e me apresenta um outro colega, que conhecia mais alguma coisa e assim sucessivamente. Às vezes também ocorria “furos na rede”, eu percorria quilômetros para encontrar com alguma pessoa indicada e ela não sabia e/ou não queria nada me dizer. Com o tempo fui adquirindo informações mais específicas sobre os possíveis lugares de interação, travesti/travesti e travesti/companheiro, que eu poderia observar, e assim fiz um “mapa de possibilidades” e comecei a percorrê-lo.

---

<sup>6</sup> A antropóloga Jacqueline B. Pólvora, que na época mal me conhecia, gentilmente colocou sua residência à disposição. A ajuda de Jacqueline foi extremamente importante, pois nestas situações, infelizmente e indubitavelmente, os recursos financeiros afetam nas decisões. A dívida com Jacqueline não se restringe somente a questão do espaço físico, tenho que agradecer também pela compreensão, confiança e pela ajuda em cada etapa do trabalho.



A princípio não estabeleci uma seqüência exata de circulação, mesmo porque eu estava à mercê dos acontecimentos e da disponibilidade das pessoas envolvidas. Na realidade eu não estava me apresentando ao *campo*, pois ele ainda não existia de fato, só existia a cidade. Paulatinamente ele foi se apresentando, conforme o olhar que eu lhe lançava e vice-versa, às vezes "tímido", em certas ocasiões "tenso" e "desconfiado" e em outras "simpático" e "receptivo". Em alguns momentos também havia uma mistura destas sensações e sentimentos, tanto da minha parte quanto do "outro". Neste instante não consigo encontrar um referente gráfico para precisar esta mistura, se é que ele existe, mas é mais ou menos como se fosse um borbulhar de emoções hibridizadas e ambíguas que às vezes provocava um certo desconforto.

Mesmo que o *campo* não me permitisse seguir um roteiro exato e contínuo, na medida das observações e para fins metodológicos, selecionei e classifiquei os espaços percorridos em quatro grandes grupos: as **Organizações Não-Governamentais (ONGs)**; os **Ambientes Abertos**; as **Residências** e as **Casas de Diversões**.

No que se refere às **ONGs**, duas foram essenciais durante todo o trabalho, o Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS no Rio Grande do Sul (**GAPA/RS**) e o **NUANCES** Grupo pela Livre Orientação Sexual. Estas duas instituições foram selecionadas em função do acesso e do trabalho desenvolvido pelas mesmas.

Os **Ambientes Abertos** são as áreas de prostituição, selecionei e percorri especificamente os locais de livre circulação, ruas, parques, praças, etc. Achei pertinente esta denominação, no lugar de **Ambientes Públicos**, porque as **Casas de Diversões**, dependendo do ângulo, também se enquadrariam nestes últimos.

Como o acesso às **Residências** era mais difícil e delicado, principalmente em relação aos outros ambientes destacados, aproveitei toda e qualquer oportunidade de observação, não havendo nenhum tipo de seleção. Posteriormente, fiz uma subdivisão e uma classificação (de ordem analítica) na medida em que fui percebendo os diferentes tipos de residências e de formas de residir.

Com relação às **Casas de Diversões** percorri especificamente os bares e boates, onde fiz posteriormente uma nova seleção e me dediquei àqueles onde a presença de travestis era mais intensa.

Em função dos horários de funcionamento de alguns destes ambientes, da disponibilidade das pessoas envolvidas e de um melhor aproveitamento do tempo, dividi as atividades de pesquisa seguindo uma lógica horária. Basicamente a pesquisa se deu em duas etapas, dia e noite. Durante o dia me dedicava às visitas e/ou "entrevistas profundas" nas residências e a algumas atividades desenvolvidas pelas ONGs. À noite percorria as Casas de Diversões e as áreas de prostituição, fazendo "observações livres" e "entrevistas itinerantes"<sup>7</sup>.

Esta divisão horária das atividades também não pode ser encarada de forma inflexível, pois como coloquei anteriormente eu dependia da disponibilidade das pessoas. Assim sendo, muitas vezes acompanhei atividades das ONGs, bem como fiz entrevistas formais e visitas nas residências, durante a noite.

---

<sup>7</sup> PERLONGHER (1987:35) define estas modalidades de coleta de material empírico da seguinte forma: **entrevistas profundas** - conversas mais duradouras com a utilização (ou não) de aparelho e/ou objeto para registro. Em determinado momento a condição de pesquisador é revelada. **Observações Livres** - coleta minuciosa de impressões, situações e cenas. **Entrevistas itinerantes** - contatos verbais estabelecidos durante os percursos. De caráter mais informal e sem a utilização de aparelho e/ou objeto para registro.

Todos os lugares foram percorridos levando em consideração a proposta destacada dentro do tema escolhido. Deste modo, a título de contextualização, no Capítulo I farei a apresentação destes ambientes para que sejam melhor visualizados pelos leitores. Obviamente, no decorrer da dissertação, no interior dos assuntos abordados, eles estarão sempre presentes, ora aparecerão de forma explícita, ora de forma implícita.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Na tentativa de preservar a identidade e a privacidade das travestis e de seus companheiros, os nomes que aparecerão nesta dissertação são fictícios. Em alguns casos foram utilizados mais de um nome para a mesma pessoa, para evitar correlações e consequentemente identificações. Deixei o nome "verdadeiro" de uma travesti, somente nos momentos em que aparece como "pessoa pública". Como não conheci todas as travestis que habitam em Porto Alegre, pode ser que haja coincidências. No caso das pessoas que participam das ONGs deixei os nomes verdadeiros, pois aqui não estarei tratando da intimidade destas pessoas e sim da atuação profissional junto a estas entidades.

*Capítulo I*

***OS LUGARES***

## *1.1 - As Organizações Não-Governamentais*

### *1.1.1 – O GAPA/RS*

O Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS no Rio Grande do Sul (GAPA/RS), cuja sede encontra-se na Rua Luís Afonso nº 234, bairro Cidade Baixa, possui uma estrutura organizacional que comporta várias atividades e vários Núcleos de Trabalhos.

Em termos de estrutura física, a sede do GAPA é um sobrado bem amplo com várias repartições. No térreo, além de outras saletas, funcionam a recepção e a sala de espera. Do lado esquerdo, tomando como referência a porta principal, dividindo parede com estas salas, fica a garagem. Desse mesmo lado, ao fundo, após passar por um pequeno corredor e por um pátio aberto, existe uma vasta sala, semelhante a um galpão, onde acontecem as reuniões dos "grupos sistemáticos". Em cima, subindo a escada, que fica do lado direito da sala de espera, encontram-se os vários recintos que se dividem em função dos Núcleos de Trabalhos existentes.

Com relação aos aspectos institucionais e históricos, de acordo com os materiais informativos do Grupo, o GAPA "é uma entidade civil, não-governamental e sem fins lucrativos, criada em 3 de abril de 1989 por um grupo de pessoas que se encontra envolvido com o tratamento de doentes de AIDS e com a preocupação principal de acabar com os preconceitos que envolvem a pandemia."<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> "GAPA INFORMATIVO" Nº 1 de Junho de 1994, p.1.

Esta entidade atua com voluntários regulares e colaboradores e se organiza "através de eleições gerais bienais, a partir de uma **Direção**, de caráter executivo, formada por três membros [e] de um conselho deliberativo composto por cinco membros. Além disso, a entidade, para atingir seus objetivos, organiza seus trabalhos a partir de quatro Núcleos: **NAS** – Núcleo de Atendimento Social, **NEI** – Núcleo de Educação e Informação, **PROJEMP** – Projeto Empresa e **NAESP** – Núcleo de Ação e Estudos da Prostituição."<sup>10</sup> [sem grifos no original]

À **Direção** cabe estabelecer "parcerias e articulações com outras organizações não-governamentais nacionais e estrangeiras"<sup>11</sup>, bem como estabelecer "articulação política com os governos Federal, Estadual e Municipal através de vários órgãos públicos ligados a questão da AIDS [...]"<sup>12</sup>

O **NAS** "desenvolve serviços de atendimento psicossocial, assessoria jurídica, nutricional, visitação hospitalar, domiciliar e em entidades como FEBEM, Presídio masculino e feminino. Também atua com psicoterapia infantil tanto com crianças portadoras de vírus como com filhos de portadores de vírus HIV."<sup>13</sup>

O **NEI** "tem como principal eixo de atuação a implementação de trabalhos preventivos em relação à pandemia de AIDS. Utiliza os pressupostos da educação para a saúde e informação como elementos efetivos para a mudança de comportamento."<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup> FOLDER(GAPA) lançado em 1996, p. 2. (Não consta data precisa).

<sup>11</sup> Ibidem, p.3.

<sup>12</sup> "GAPA INFORMATIVO", op. cit., p.1.

<sup>13</sup> Ibidem, p.7.

<sup>14</sup> Ibidem, p.5.

O PROJEMP "é um trabalho de assessoria multidirecional de informações e que executa junto a empresas um programa de prevenção de AIDS em seu contexto interno"<sup>15</sup>

Apesar dos contatos informais estabelecidos com algumas pessoas e trabalhos ligados a estes núcleos, eles não fizeram parte da pesquisa propriamente dita. Já o Núcleo de Ação e Estudos da Prostituição (NAESP), que passarei a apresentar, teve papel fundamental durante todo o trabalho de *campo*.

O Núcleo de Ação e Estudos da Prostituição desenvolve atividades de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis com os profissionais do sexo, homens, mulheres e travestis, atuando através de intervenções nos territórios de prostituição e através da formação e organização de reuniões em "grupos sistemáticos". Estas atividades são desenvolvidas partindo do entendimento de que a epidemia da AIDS é "um fenômeno político-social" e que sua prevenção está "inserida nos princípios de incentivo à auto-estima, da cidadania e da autodeterminação."<sup>16</sup>

As incursões nos territórios de prostituição "são realizadas pela equipe do NAESP de forma regular e sistemática, constituindo-se num trabalho de intervenção e acompanhamento em locais específicos de prostituição de mulheres, homens e travestis em espaços públicos (ruas, praças e parques) e em espaços privados (saunas, boates). Essa atividade tem por objetivo qualificar o trabalho de prevenção,

---

<sup>15</sup> Ibidem, p.11.

<sup>16</sup> NAESP. *Apresentação*. In: Prostituição em Porto Alegre: mapeamento quantitativo. Pelotas: Editora Universitária – UFPel, 1996, p.10.

buscando fortalecer os vínculos entre técnicos e profissionais do sexo e reforçar o GAPA/RS como referência à prevenção de DSTs/AIDS [...].”<sup>17</sup>

Os “grupos sistemáticos” são “coordenados por técnicos da equipe do NAESP [e] formados por identidade, reunindo separadamente[...] mulheres, homens e travestis que se prostituem em Porto Alegre. Atualmente, existem seis [sic] grupos, assim distribuídos: dois grupos de mulheres, dois grupos de travestis e um grupo de homens. Já passaram pelos grupos cerca de 300 profissionais que, regular ou esporadicamente, vêm tendo a oportunidade de debaterem temas relativos a prostituição, identidade, sexualidade, violência, cidadania e auto-estima, entre outros, na sua interface com a prevenção de DSTs/AIDS.”<sup>18</sup>

Os temas desenvolvidos nas reuniões “são tratados de formas diversas, seja através de discussão com todo o grupo ou em subgrupos, com a confecção de cartazes, elaboração conjunta de materiais informativos, participação de médicos convidados, oficinas de sexo seguro, e várias outras técnicas e dinâmicas de grupo. Todas as estratégias utilizadas visam reconhecer e valorizar o saber do grupo, privilegiando assim a interrelação entre técnicos/profissionais do sexo participantes destes grupos. As atividades de grupo são relatadas pelos coordenadores em instrumentos específicos elaborados pelo Núcleo[...]. A distribuição de preservativos, realizada ao final de cada encontro do grupo, não ocorre de forma aleatória, mas a partir de um trabalho de identificação das principais dificuldades e necessidades do público, propiciando um trabalho de prevenção mais eficiente e contínuo. Além disso,

---

<sup>17</sup> Ibidem, p.10.

<sup>18</sup> Ibidem, p.11.



são feitos atendimentos individuais e encaminhamentos na tentativa de resolver problemas de saúde, trabalho, documentação e denúncias de violências sofridas, havendo para isso, algumas parcerias estabelecidas com entidades especializadas.”<sup>19</sup>

A respeito da pesquisa nesta instituição, o contato inicial com o GAPA foi estabelecido na minha primeira visita a Porto Alegre. Naquela ocasião, me apresentei para Suzana Lopes, coordenadora do NAESP, e expliquei rapidamente os objetivos da pesquisa que eu iria desenvolver. Como Suzana gentilmente se prontificou a me ajudar, em novembro de 1995, quando retornei à cidade, dirigi-me novamente ao GAPA, deixei o projeto de pesquisa e manifestei meu interesse em participar, enquanto pesquisadora, das atividades desenvolvidas pelo NAESP, principalmente das reuniões dos “grupos sistemáticos” de travestis realizadas às terças-feiras.

As reuniões, que aglomeram uma quantidade significativa de travestis, me poupariam tempo, no sentido de conhecê-las e também seria um espaço onde eu poderia observar a interação entre elas.

Suzana me informou que os encontros haviam sido interrompidos em decorrência do recesso de fim de ano. Contudo, salientou que neste intervalo eu poderia acompanhar outros trabalhos promovidos pelo NAESP e por outros Núcleos e instituições. A sugestão fôra valiosa, porque além de seus conteúdos, estas atividades contribuíram de forma decisiva na ampliação dos contatos e do universo pesquisado.

Após o recesso, conforme combinado, passei a acompanhar as reuniões dos “grupos sistemáticos”. O número de travestis nos encontros era tão significativo que

---

<sup>19</sup> FOLDER (1996:7).

havia uma divisão do grupo em dois subgrupos, e cada qual se reunia, de forma intercalada, quinzenalmente na sede.

A sala de reunião era espaçosa, com ar condicionado, aparelho de som e uma grande mesa retangular com várias cadeiras ao redor. No primeiro encontro que participei, de todas as travestis presentes poucas eram por mim conhecidas. Cumprimentei-as, servi-me de chá que se encontrava sobre a mesa, sentei-me entre elas e ficamos aguardando os coordenadores do trabalho.

Naquele dia senti que além de estranharem minha presença, os olhares também sugeriam uma incógnita a respeito da minha condição. Constatei este fato quando ouvi um sussurro:

- *é mona ou amapôa ?* (travesti ou mulher?)

Depois de algum tempo chegaram Suzana e Marcos Benedetti, também coordenador do grupo de travestis. Fizemos um círculo e iniciou-se a reunião. Suzana me apresentou. Depois de questionada, esclareceu que eu era *amapôa* e abriu espaço para que eu lhes falasse sobre os aspectos e objetivos da pesquisa.

Após o rápido diálogo debruçaram-se sobre os pontos de pauta. Dentre os assuntos discutidos o tema violência foi o mais enfatizado, principalmente porque, entre 1995 e 1996, três travestis foram brutalmente assassinadas. As falas expressavam uma mistura de medo e indignação. Listaram vários casos de violência, entre as travestis, de clientes e de policiais. Listaram casos de assassinatos que não foram resolvidos e de discriminação em estabelecimentos comerciais, o que aumentava ainda mais a revolta contra o preconceito e a impunidade.

Laura, ao mesmo tempo irada e emocionada, deu um depoimento sobre como estes fatos modificaram sua vida. Segundo ela, depois do último assassinato, não saíra mais de casa. Tomada de um certo pânico, ficou enclausurada *dias e dias sem por os pés para fora de casa*. Com o passar do tempo, o medo foi amenizando, ia trabalhar por necessidade, mas ainda se sentia muito insegura.

Todas as reuniões foram preciosas, riquíssimas em detalhes e conteúdos. Atividades práticas, denúncias, ânimos exaltados, questões que geravam intensos debates, caracterizavam-nas. O tema violência emergia em todos os encontros, não pela importância que representa em si mesmo, mas por estar sempre presente no cotidiano das travestis. Depois de várias discussões foi organizada uma denúncia pública e coletiva, em forma de uma passeata, com a chamada "Travesti é Cidadão", realizada no dia dezesseis de abril de 1996.

Com relação a estas reuniões, os fatos e assuntos considerados mais relevantes, de acordo com os recortes e objetivos da pesquisa, foram minuciosamente selecionados e estarão presentes nos respectivos tópicos desta dissertação.

### *1.1.2 - O NUANCES*

Por intermédio de pessoas que conheci durante os percursos fiquei sabendo da existência do NUANCES Grupo pela Livre Orientação Sexual. Assim que me certifiquei do endereço, coloquei meu projeto a tiracolo e me dirigi à sede do Grupo. Chegando lá, um rapaz claro, alto, barba meio ruiva e cerrada, me atendeu, Célio seu nome. Me convidou para entrar, perguntou o motivo da visita e apresentou-se como

coordenador do Grupo. Em seguida se aproximou uma moça alta, morena, cabelos escuros, longos e repicados nas pontas, usando um vestido preto adornado com pequenas flores coloridas. Também nos apresentamos, era Alessandra, secretária do NUANCES.

Depois que coloquei, detalhadamente, os objetivos da pesquisa e falei sobre minhas intenções, Célio passou a explicar a proposta da entidade e apontar os trabalhos específicos desenvolvidos pela mesma. Disse-me que embora o NUANCES não possuísse um grupo de trabalho composto exclusivamente por travestis, muitas freqüentavam a sede e participavam das atividades desenvolvidas.

Como eles estavam trabalhando, conversei rapidamente e passei a cópia do projeto de pesquisa para que lessem, pedindo que tecessem críticas e considerações. Os dois se colocaram à disposição. Alessandra pediu um prazo de uma semana, pois ainda estava em período letivo e precisava estudar para algumas provas, mas depois que acabasse iria me ajudar.

Perguntei onde, e o que ela cursava. Estava terminando o terceiro ano técnico em processamento de dados em uma escola da rede estadual de ensino. Questionei se ela iria prestar vestibular e para qual curso. Disse que se caso fizesse os testes seria para direito ou ciências da computação, mas precisava fazer um cursinho pré-vestibular, pois não tinha base para as provas da Universidade Federal e também não teria condições de pagar uma faculdade particular.

Naquele dia percebi que Alessandra estava acostumada com pesquisadores. Sem que eu pedisse, disse-me que poderia conceder entrevistas, apresentar suas amigas e ir a alguns lugares comigo. Entretanto, salientou que não poderia me

acompanhar a todos os lugares, pois certas boates não permitiam a entrada de travestis e outras cobravam seus ingressos mais caro, como medida seletiva.

Por aí encerramos o assunto. Combinamos que eu ligaria para saber o dia que poderíamos discutir o projeto. Antes que eu soubesse eles me entregaram alguns *folders* e folhetos produzidos pelo Grupo, bem como o calendário das atividades dos meses de novembro e dezembro.

A sede do NUANCES localiza-se na rua Vieira de Castro nº 22, nas proximidades do Parque Farroupilha. Uma sala extensa com grandes janelas de madeira que dão de frente para uma das laterais do Colégio Militar. De um lado da sala ficam, além de outros materiais, alguns livros, arquivos, documentos e uma grande mesa de trabalho. Do outro lado, aconchegantes poltronas contornam as paredes liberando espaço para as reuniões e para os Grupos de Trabalho.

As reuniões gerais ocorrem na primeira terça-feira de cada mês. As atividades específicas, acontecem em dias e locais variados, de acordo com os seminários, debates, ações culturais/políticas e com os Projetos desenvolvidos.

Segundo os informativos, o NUANCES Grupo pela Livre Orientação Sexual atua em Porto Alegre desde 1991. É uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, formada por "pessoas interessadas em aprofundar o conhecimento e propor ações e políticas que dizem respeito ao homoerotismo", sendo seu principal objetivo "trabalhar na defesa dos direitos civis, políticos e sociais de gays, lésbicas, travestis, transexuais e todos(as) aqueles(as) que sofrem qualquer tipo de discriminação ou violência por sua orientação sexual."<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> FOLDER lançado em 1995, p.1. (Não consta data precisa).

O NUANCES também desenvolve atividades em parceria com outras entidades, inclusive com o GAP/RS. Participa do Movimento Homossexual Brasileiro e faz parte do CMDC (Conselho Municipal dos Direitos da Cidadania Contra as Discriminações e a Violência), onde, “em conjunto com outras entidades que lutam pelos Direitos Humanos, propõe políticas públicas relacionadas ao preconceito e seus desdobramentos.”<sup>21</sup>

Algumas das propostas do Grupo é “provocar cidadanias, dar visibilidade ao movimento homossexual e trabalhar na prevenção da AIDS”<sup>22</sup>. E “uma das conquistas do NUANCES foi a proposição da alteração do artigo 150 da Lei Orgânica do Município que trata dos direitos e garantias fundamentais dos cidadãos de Porto Alegre.”<sup>23</sup> Vejam o artigo:

Art.150. 'Sofrerão penalidades de multa até a cassação do alvará de instalação e funcionamento os estabelecimentos de pessoas físicas ou jurídicas que, no território do município, pratiquem ato de discriminação racial; de gênero; por orientação sexual, étnica ou religiosa; em razão de nascimento; de idade; de estado civil; de trabalho rural ou urbano; de filosofia ou convicção política; de deficiência física, imunológica, sensorial ou mental; de cumprimento de pena; cor ou razão de qualquer particularidade ou condição.’<sup>24</sup>

O debate promovido pelo NUANCES, a respeito deste artigo, foi uma das primeiras atividades do Grupo que participei. Aconteceu na Assembléia Legislativa, na rua Duque de Caxias, área central de Porto Alegre.

---

<sup>21</sup> Ibidem, p.1.

<sup>22</sup> Ibidem, p.1.

<sup>23</sup> Ibidem, p.2.

<sup>24</sup> Ibidem, p.2.

No auditório, encontrei Alessandra com seus amigos. Ela me chamou para sentar a seu lado. Atenciosamente, apontou para a mesa, me mostrou os debatedores e fez um pequeno histórico de cada um. Na mesa estavam, como mediador Célio Golin (representante do NUANCES) e como debatedores Antônio Hohlfeldt (vereador PSDB/PoA), João Motta (vereador do PT/PoA) e Marcos Rolim (deputado estadual/PT). Todos os integrantes estavam, de alguma forma, envolvidos com a alteração do artigo.

Não se tratava de um debate entre opostos, pelo contrário, os vereadores narraram, dentre outras coisas, as dificuldades que tiveram para que a alteração do artigo fosse aprovada na câmara<sup>25</sup>. O debate seguiu por um eixo comum, ou seja, como fazer com que a lei fosse respeitada. Concluíram que, primeiramente, o artigo deveria ser divulgado, pois existiam muitas pessoas, físicas e jurídicas, que não sabiam da existência do mesmo, que dirá de sua alteração. Em segundo lugar, deveriam acompanhar e auxiliar as denúncias já existentes. Citaram como exemplo o caso dos rapazes que foram barrados em um motel e processaram o estabelecimento.<sup>26</sup>

No fim do debate, me despedi de Alessandra e combinei de encontrá-la depois no NUANCES.

---

<sup>25</sup> Outras regiões do Brasil também tiveram alterações em suas leis. Segundo a cartilha "ABC dos gays" (2ª ed.), elaborada pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), "em 1990 nas leis orgânicas de 73 municípios e nas Constituições dos Estados de Sergipe, Mato Grosso e Distrito Federal, foi incluída a expressa *proibição de discriminar por orientação sexual*" (1996:30).

<sup>26</sup> Este fato teve repercussão nacional. Incentivou, posteriormente, a criação de um motel *gay* em Porto Alegre, o "Divina, meu adorável motel". Hoje fico sabendo, por fontes informais, que o motel que barrou os rapazes teve o alvará de funcionamento cassado.

Chegando ao NUANCES encontrei Célio e Alessandra. Ele me perguntou se eu havia gostado do debate. Eu disse que sim, mas queria um esclarecimento. contei que as meninas, inclusive Alessandra, haviam me dito, mais de uma vez, que determinados estabelecimentos, alguns de público gay, não permitiam a entrada de travestis e outros cobravam mais caro a entrada delas. Diante deste fato, como ficaria esta situação tendo em vista o artigo 150? Em resposta Célio me disse que se tratava de um caso politicamente complicado, pois eram *gays* discriminando *gays*, mas de qualquer forma, de acordo com a lei, estes estabelecimentos estavam errados. Assim sendo, bastava uma travesti denunciar formalmente que o NUANCES apoiaria.

Perguntei a Alessandra se ela tinha concluído suas atividades escolares e ela respondeu afirmativamente, acrescentando que só faltava ir à escola verificar se tinha sido aprovada. Em seguida, disse que tinha lido meu projeto e que havia gostado, mas não concordava com o emprego do termo "ator social" para me referir a elas. Afirma Alessandra:

*parece que a gente está representando uma coisa que a gente não é, porque ator é uma pessoa que desempenha um papel, que ele não é. [...]*  
*E eu não represento uma outra pessoa, entendeu. Eu sempre sou autêntica e sincera com qualquer pessoa [...].*

Expliquei que eu compreendia o termo como uma figura de linguagem que se transformou em uma categoria analítica. Esclareci que eu não estava fazendo uma distinção entre as travestis e as outras pessoas. Não concebia somente as travestis



como atores sociais, mas todos os indivíduos da nossa sociedade, na medida em que desempenhamos constantemente determinados papéis.

Quando o debate sobre o sentido do termo "ator social" estava "esquentando", chegou uma moça com belos cabelos ruivos que se alongavam até as nádegas. Alessandra nos apresentou e acentuou o tom de voz quando disse que Diana era sua melhor amiga. E mesmo que não me falasse, o fato era perceptível, bastava ver a alegria e a cumplicidade com que elas se comunicavam.

Alessandra comentou com Diana sobre o que estávamos falando. Diana concordou com a opinião de Alessandra e disse firmemente que detestava a idéia senso comum de que toda travesti é artista. Sua condição não se tratava de um espetáculo, ela era uma mulher e não uma fantasia. Sem cerimônias, Diana mudou o assunto. Passou a falar de cinema.

Com Diana não tive mais oportunidade de discutir sobre o assunto, tendo em vista que logo ela viajou para o Rio de Janeiro. Contudo, com Alessandra, o debate sobre o tema "ator social" sempre permeava nossas conversas.

Alessandra perguntou se eu assisti o filme que ela havia indicado, "Para Wong Foo. Obrigada por tudo. Julie Newmar", sobre três *Drags Queens* cujo carro estraga em uma cidadezinha no interior dos Estados Unidos. Enquanto aguardam o conserto, para seguir viagem, fazem uma "revolução" no cenário local. Eu disse que assisti, mas que preferi o "Priscila Rainha do Deserto", filme que também trabalha esta temática. Ela concordou comigo e acrescentou que estava passando "O padre", que colocava em discussão tanto dogmas religiosos quanto sexuais. Diana sugeriu que fôssemos vê-lo.

No fim da tarde, Alessandra fechou a sede do NUANCES e fomos para o cinema. No caminho algumas pessoas nos *catavam*. Percebiam que "éramos" travestis. Digo "nós" porque nestas situações sempre fica uma dúvida de quem é quem na história toda. Alessandra diz estar em crise. Tinha parado de tomar hormônio e isto estava refletindo em sua estética. Segundo ela, quando está bem consigo mesma, se produz a ponto de *passar por mulher*.

Um rapaz mexeu com Diana. Alessandra me perguntou como eu estava me sentindo andando com duas travestis e todo mundo da rua *catando*. Falei em tom de brincadeira que para mim era ambíguo. Por um lado, eu achava bom porque era a única forma de todos olharem para mim na rua. Mas, por outro lado, não era muito bom porque entre nós três eu "saía perdendo", pois como eu era a mais baixinha e a mais feia, ninguém iria mexer comigo. Elas riram bastante e disseram que eu não era feia, mas que usava roupas muito sérias e isto me envelhecia.

No cinema, nas cenas mais "picantes" elas faziam comentários, gritavam e gemiam comicamente. Ninguém falava nada. Algumas pessoas riam junto, mas não demonstravam outro tipo de cumplicidade. Elas me perguntaram o que eu faria se o "lanterninha" chegasse para retirá-las do cinema. Respondi sorrindo: eu diria que nunca vi vocês na minha vida. Elas fizeram um ar de espanto e deboche e falaram que, se eu não me pronunciasse a favor delas, iriam fazer um tremendo *bafão*.

Quando um dos personagens do filme, um dos padres, começou a discursar contra a homossexualidade, Alessandra gritou:

**- cata o homofóbico!**

Em seguida começaram a gritar:

**- homofóbico! Homofóbico! Homofóbico!**

Na saída do cinema me perguntaram se havia gostado do filme. Disse que sim, mas pena que do meu lado tinha duas moças que incomodaram o filme todo. Elas gargalharam e falaram simultaneamente:

**- homofóbica! Homofóbica! Homofóbica!**

Ainda no *Shopping* passamos em um bar para beber água. A garota que nos atendeu fez uma brincadeira muito infeliz. Perguntou se queríamos um copo de água pequeno ou grande do tamanho do "Bráulio". As meninas trataram a brincadeira com indiferença e a garota ficou sem graça. Na volta para casa, elas desceram do ônibus primeiro que eu. Despedi-me das duas e disse a Alessandra que depois eu ligaria. Como Diana iria viajar para o Rio de Janeiro, passar um tempo com sua irmã, desejei boa viagem e me despedi novamente.

Embora o NUANCES não tivesse um grupo de trabalho especificamente composto por travestis, passei a visitá-lo cotidianamente. Vários motivos me levaram a fazê-lo, como por exemplo: obter informações sobre os acontecimentos locais e nacionais, no tocante ao movimento gay-lésbico; ampliar o leque de colaboradores da pesquisa; contactar com Alessandra, principal informante etc. Fora estes motivos diretamente ligados à pesquisa, outros de caráter pessoal me dirigiam ao Grupo, pois era um ambiente muito agradável, onde fiz bons amigos.

## 1.2 - Os Ambientes Abertos

Stella chegou na cozinha da casa de Géssica com uma expressão meio sonolenta e uma voz rouca de quem acabou de acordar. Cumprimentou-nos e perguntou as horas.

- *Quatro horas bicha*. Responde Géssica em um tom pseudo-repressivo.

Perguntei a Stella se ela havia trabalhado muito, visto que o cansaço estava estampado em seu rosto.

- *nada! não fiz nada ontem. Fiquei a noite inteira, a rua tá uma porcaria*.

Géssica confirmou o fato e disse que, como ainda não havia encontrado o príncipe rico e encantado, se a rua continuasse do jeito que estava, ela não teria outra alternativa, iria virar *michê*<sup>27</sup>.

Stella deu uma longa gargalhada e perguntou:

- *porque mona? De que jeito?*

Géssica se explica. Segundo ela, desde sua última conversa com os garotos da *JB*<sup>28</sup>, que são michês, ou como prefere Gustavo, *lover boys*, ela ficou pensando nesta possibilidade. Afirma:

---

<sup>27</sup> PERLONGHER (1987:17) define "michê" como "varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente."

<sup>28</sup> A avenida José Bonifácio, *JB*, localizada no bairro Santana, próximo ao centro da cidade, é um dos principais pontos de prostituição de *michês*. É uma das laterais que contornam o Parque Farroupilha, também conhecido como Parque da Redenção ou *Redereca*.

**- Eles não estão passando pela mesma crise financeira. A concorrência é menor e aumentou o número de clientes que quer fazer passivo.**

Depois de esbravejar contra os preconceitos, que decididamente agudiza o problema financeiro, além de outras questões, Gêssica começou a teatralizar como seria e o que teria que fazer para se transformar em michê. Cortar os cabelos, mudar as roupas, deixar os pêlos crescerem, mudar a voz, etc. Concluiu que não seria impossível, mas que transformar-se em homem, depois do trabalho despendido para ser mulher, seria uma árdua tarefa.

Em uma das visitas feita pela equipe do NAESP à casa de uma travesti, na qual eu estava presente, verifiquei um discurso semelhante ao de Gêssica. Eliane colocou sua opinião sobre *a rua* e exemplificou com suas experiências. Vejam:

***A rua tá uma porcaria ... a noite não tá mais como antigamente ...***

***Você pede quinze pila prá fazer uma chupadinha, eles começam a baixar:***

***- não gata, dez!***

***Dáí ele não tem dez. Fala então:***

***- oito.***

***E acaba ficando por cinco. Alguns é claro. Tem até os fregueses que dão quinze. Dão até vinte, dependendo do cara. Mas no geral da coisa ... tem que fazer bafão prá ganhar quinze reais.***

***Não sei, né, as bonitas, as maravilhosas, as européias, dizem que ganham cinqüenta, mas eu vejo elas sempre chorando que não ganharam isso. Falar é fácil!***

***Eu saio nove horas, mas prá ganhar vinte e cinco reais tem que pedalar. Tem que gastar o salto[...].***

Interfere sua amiga Nádia:

*-ontem, fiquei das onze até as três horas da manhã, ganhei dez real prá dá e chupá.*

Retoma Eliane:

*querem aquendar o edi, querem chupadinha, querem tudo prá pagar dez pilas. Não! Tá um abuso! Mas o que vai fazê? Ficar sem é pior. Tem as que ganham roubando. Eu gosto de batalhar na moral. Agora, se não me pagar eu faço bafão e cobro adiantado. Aconteceu comigo da outra vez, além de não ser paga, ainda fui vítima de uma facada.*

Eliane destaca outra experiência:

*Eu fiquei quarenta minutos chupando. Isso era quase no fim da noite. Quase cinco da manhã, numa sexta, minto, da sexta prá sábado. Muito bonito o rapaz. Ele tava chapado, mas eu não tinha ganhado nada ainda. Não tinha ganho o aquê ainda. Ele disse:*

*- uma chupadinha gata, eu te dou dez reais.*

*Aceitei na hora, né.*

*- (Retoma o rapaz) Mas primeiro você vai fazer eu gozar. Depois que fazer eu gozar bem gostoso na tua boca, eu te dou os dez pilas.*

*Eu digo assim: eu nem vou cobrar adiantado que ele vai querer desistir do programa.*

*Eu precisava dos dez pila. Daí fui fazer. (Ele estava)Chapado. Drogadíssimo.*

*- Tá aqui óh! Eu tenho dinheiro prá te pagar.*

*Ele dizia prá mim:*

*-Faz eu gozar bem gostoso na tua boca, sem camisinha.*

*Não vou negar, foi sem camisinha. Me pagou depois, mas ficou quarenta minutos naquela coisa. Pau subia e baixava. Pau subia e baixava. Olha! Eu não queria perder os dez, pois já tava quase amanhecendo, eu precisava prá comprar o gás.*

*Eu digo assim: e o meu butijão! E o meu gás! Fiquei ali. Olha! gastei inteiro o chimarrão. Olha! Eu contei, quarenta e cinco minutos. E aquela piça baixava e subia, até que a boca da velha trabalhou e ... foi uma noite promissora aquela, prá ganhar dez reais, quarenta e cinco minutos chupando.*

A prostituição, chamada pelas travestis de *batalha*, possui facetas que se cruzam e podem ser observadas por vários ângulos. Esta prática está inserida em um ambiente que comporta outras práticas e códigos. E este ambiente, que as travestis chamam de *a rua*, pode ser considerado o lugar de várias coisas.

O lugar da profissão, do dinheiro, às vezes para sustentar vaidades e outras para suprir necessidades, estratégia de subsistência. Esta última dimensão é flagrante. Em uma das incursões, encontramos Marina na *rua*, em um cantinho bem escuro. Estava defecando. Assim que se aproximou contou-nos que estava com diarreia e não estava agüentando ficar em pé, mas precisava *batalhar* para comprar os remédios que precisava. Ela era soro positivo e a doença estava se manifestando. Neste mesmo dia, em um outro local, passamos por uma travesti, já embriagada, pegando e tomando bebida de um despacho. Fiquei muito deprimida com estas cenas.

O lugar da *ferveção*, da diversão, onde se faz amigos (e inimigos) e desfruta-se coletivamente de determinados prazeres, lugar de socialização. Em entrevista,

Cibele contou que durante seu processo de transformação, assim que foi para a *batalha*, passara por momentos de *ferveção* e de *medo*. Segundo ela, havia passado por momentos difíceis, mas estas dificuldades foram transpostas, na medida do possível, enfrentando a realidade na qual ela estava mergulhando. Pedi que ela comentasse sobre os momentos de *ferveção*, visto que a *ferveção* quase não aparecia nos depoimentos que eu havia coletado. Vejam um trecho:

*Tava as bicha ali, nós fervia. Tinha os guris prá conversar. Daqui a pouco nós entrava nos carros dos guris e nós ia prá Ipanema. Olha! como nós fervia. Aquela época era um fervo só. Era um ferver e ganhar dinheiro ao mesmo tempo, entendeu? Além de se divertir, ganhava dinheiro.*

*Daqui a pouco vinha as mariconas. Botava as bichas. Nós todas dentro dum carro. Nós ia prá Ipanema. O povo assim, bege. Um carro cheio. Pencas de viado. Nós fervendo. Com um som a todo volume. Vera gritando. A Vera ia gritando daqui da Getúlio até Ipanema. Aaaaaaaaaaaaaaaaaai. Gritando prá tudo que era carro. Olha! Se eu te contasse todos, tu não ia ter fita suficiente, porque agora eu comecei a me lembrar de todos os babados que a gente fazia, davam carona, fazia horrores[...].*

*Aí épocas boas. Aquela época era tão boa, tão boa! Nós fervia. Não tinha tanta maldade na cabeça. (Diz sorrindo) Eu não era tão politizada, era bem burrinha, não estudava. Ail Era uma época tão maravilhosa. Eu era uma fútil, uma inútil. Eu passava por mulher em qualquer lugar que passava, dezoito aninhos, dezenove, era uma amapôa.*

A *rua*, também é o lugar da *boiação*, do desejo, encontros fortuitos, sem compromissos afetivos nem financeiros. Segundo Cibele *boiar é transar de graça*.



**Boiação**, boiar no infinitivo, flutuar sobre as águas, estar irresoluto, oscilar, figura de linguagem interessante na medida que remete à deriva.

A **rua** é o lugar da **vadiagem**, é o lugar de possíveis namoros, relações extramatrimoniais e casamentos. A **rua** mistura-se com a rua, lugar de bêbados, loucos, policiais e de pessoas doentes com peles visivelmente corroídas por infecções, que dormem nas proximidades dos prontos-socorros, não pelo abrigo das instituições, mas pelo abrigo das estruturas de concreto com amplas marquises. Na rua sujeitos se inscrevem socialmente. Na rua o amor, a dor, o horror, a solidariedade, a violência, a vida e a morte deixam de ser entidades imaginárias e se concretizam.

### *1.2.1 - Perfil Quantitativo*

Em termos quantitativos, em um mapeamento realizado pelo NAESP<sup>29</sup> foram constatados e cadastrados 283 locais de prostituição em Porto Alegre. Este valor é a totalização de locais públicos, onde há prostituição, e locais privados, que facilitam ou agenciam a prática da prostituição, de mulheres, homens e travestis. A equipe de pesquisa do NAESP, para efeito de sistematização e análise, desmembrou os 283 locais em três grupos: locais privados de prostituição, locais privados onde há prostituição e locais públicos onde há prostituição.

O Grupo 1 - locais privados de prostituição - representa os "estabelecimentos privados que exclusivamente agenciam a prostituição"<sup>30</sup>. Em Porto

---

<sup>29</sup> NAESP. Prostituição em Porto Alegre: mapeamento quantitativo. Pelotas: Editora Universitária – UFPel, 1996.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p.24.

Alegre existem cerca de 214 destes estabelecimentos, sendo que a maioria (33,2%) são agências de acompanhantes. Em tipos, número e percentual, estão distribuídos do seguinte modo<sup>31</sup>:

Tipos	Número	%
Agências de acompanhantes	71	33,2
Apartamentos privê	25	11,6
Bares	21	9,9
Boates	36	16,8
Casas de massagem	45	21,0
Saunas	16	7,6
Total	214	100

Tabela 1

O Grupo 2 - locais privados onde há prostituição - representa os "estabelecimentos privados que facilitam a prática da prostituição, sendo freqüentados por profissionais do sexo"<sup>32</sup>. Neste grupo foram incluídos os estabelecimentos onde se acerta o programa para realizá-lo em outro local. Porto Alegre abriga, aproximadamente, 21 destes locais e os tipos mais comuns são bares, boates, cinemas e motéis, que se equiparam em termos de número. Vejam a distribuição:

Tipos	Número	%
Bares	06	28,5
Boates	06	28,5
Cinemas	03	14,5
Motéis	06	28,5
Total	21	100

Tabela 2

<sup>31</sup> As tabelas de n<sup>os</sup> 1, 2, 3 e 4, que se seguem, foram retiradas do Mapeamento Quantitativo publicado pelo NAESP, no qual elas possuem, respectivamente, os seguintes números de ordem e estão nas seguintes páginas: (nº1, p.26); (nº2, p.27); (nº3, p.28); (nº7, p.37).

<sup>32</sup> NAESP, p.27.

É interessante notar que o número de “agências de prostituição”(214) é extremamente superior aos estabelecimentos que facilitam a prática da prostituição (21). Isto revela, além de outros fatores, a constante presença de intermediários, ou empresários, no lucrativo, para alguns, comércio sexual.

Um outro dado interessante é a distribuição, quanto ao gênero, dos profissionais do sexo nos 235 locais privados (soma dos dois grupos). Pode-se observar na tabela abaixo que o número de estabelecimentos privados que agenciam ou facilitam exclusivamente a prostituição de travestis (05) é bem inferior ao número de estabelecimentos que agenciam ou facilitam exclusivamente a prostituição feminina (136). Um outro fato é que na observação dos tipos “mistos” nota-se a presença de estabelecimentos que agenciam ou facilitam somente a prostituição de homens e travestis e uma ausência de estabelecimentos privados que agenciam ou facilitam somente a prostituição de mulheres e travestis. Situação que se inverte na prostituição de domínio público, conforme demonstra a tabela 5.

Tipos	Número	%
Exclusivamente Feminino	136	57,8
Exclusivamente Masculino	21	8,9
Exclusivamente de travestis	05	2,2
Misto (mulheres e homens)	11	4,7
Misto (homens e travestis)	07	2,9
Misto (mulheres, homens e travestis)	10	4,3
Desconhecidos	45	19,2
Total	235	100

Tabela 3

Em termos do número aproximado de profissionais do sexo que trabalham nestes estabelecimentos privados, foram cadastrados 499 mulheres, 205 homens e 32 travestis. As travestis representam 4,4% do total de 735 profissionais.

O Grupo 3 - locais públicos onde há prostituição - "corresponde, exclusivamente, à prostituição de rua, cujos locais, em sua maioria, são identificados como áreas de prostituição. Incluem-se, neste grupo, territórios e locais isolados, banheiros públicos, *shoppings*, ruas, praças, quadras e parques que, em horários diferenciados (noturnos ou diurnos), constituem-se em territórios de prostituição"<sup>33</sup>.

Em local, número e percentual, estão distribuídos do seguinte modo:

Local	Número	%
Ruas	39	81,2
Praças/Parques	07	14,6
Outros	02	4,2
Total	48	100

Tabela 4

No que se refere aos locais públicos onde há prostituição, a equipe chama a atenção para o caráter "flutuante" deste tipo de prostituição:

A dinâmica de transformação, o abandono de "velhos" territórios e a ocupação de "novos" é por demais significativa no âmbito da prostituição de rua. Surtos de violência policial e aumento ou diminuição do número de clientes são os motivos mais freqüentes, mas agregam-se, a esses, indisposições com moradores ou com empresas, disputas entre os próprios profissionais, violências da clientela, o abrir ou fechar de uma borracharia ou *trailer* de cachorro quente. Esses e outros fatores impelem, geralmente, um ou dois profissionais, de forma isolada, a desbravarem novos territórios. De qualquer maneira, muito pouco ainda se sabe das variáveis que entram em jogo nessas "ocupações territoriais".<sup>34</sup>

Neste sentido, quando do mapeamento dos territórios de domínio público, levou-se em consideração os locais de maior constância e concentração de

<sup>33</sup> NAESP, p.29.

<sup>34</sup> NAESP, p.30.

profissionais. Um total de 48 locais públicos conformam 17 territórios, que ficam assim distribuídos quanto ao gênero dos profissionais<sup>35</sup>:

Tipos	Número	%
Exclusivamente Feminino	03	17,6
Exclusivamente Masculino	06	35,5
Exclusivamente de travestis	05	29,4
Misto (mulheres e travestis)	02	11,8
Misto (homens e mulheres)	01	5,9
Total	17	100

Tabela 5

Quando se comparam os territórios de prostituição de domínio público com os locais de domínio privado, percebe-se uma acentuada diferença. Enquanto o número de estabelecimentos privados que agenciam ou facilitam exclusivamente a prostituição de travestis atinge um percentual de 2,2%, o número de territórios públicos de prostituição exclusivos de travestis atinge um percentual de 29,4%. À exceção do número de territórios públicos de prostituição exclusivamente masculina(35,5%), o índice de territórios públicos de prostituição exclusiva de travestis ultrapassa o número de todos os outros tipos.

São sete territórios públicos onde há prostituição de travestis. Em cinco deles elas são exclusivas e em dois elas dividem espaço com outras mulheres. Os cinco territórios exclusivos são Salso Chorão, Fundão, Polônia, Triângulo da Assis Brasil e Azenha/Getúlio. Os dois mistos são Parque Marinha do Brasil e Farrapos. Vejam as características de cada um deles:

**Salso Chorão** - Localizado no bairro São Geraldo, zona industrial, constitui-se em um quarteirão formado, basicamente, por cinco ruas: Voluntários da Pátria, Pátria, Brasil, Missões e Rio Grande. Ao anoitecer, torna-se território

<sup>35</sup> Esta tabela foi por mim montada a partir dos dados presentes no mapeamento do NAESP.

exclusivamente de prostituição. Somente circulam nesta área, à noite, clientes, curiosos, a polícia e caminhoneiros - potenciais clientes - para descarregarem cargas. Local de fraca iluminação e com pouquíssimas residências, permite que a exposição dos profissionais seja explícita, concentrando aproximadamente, por noite, cerca de 40 travestis.

**Fundão** - Localizado na rua 18 de Novembro, na rótula das avenidas Farrapos e Ceará, nas proximidades do monumento ao Laçador. É assim chamado por ser distante de áreas residenciais e próximo à saída da cidade (o Aeroporto Internacional Salgado Filho localiza-se nesta área). Em média, 20 travestis trabalham, à noite, neste território, abordando, ostensivamente, clientes que passam de carro.

**Polônia** - Território localizado no "miolo" da Av. Farrapos, no bairro São Geraldo. Abrange as seguintes ruas e avenidas: Polônia, São Pedro, Guido Mondim, Ernesto da Fontoura e Pernambuco, área comercial com um número inexpressivo de residências. Aproximadamente 30 travestis ali trabalham, abordando, à noite, os clientes que passam de carro.

**Triângulo da Assis Brasil** - No final desta avenida, na rótula com a Av. Baltazar de Oliveira Garcia, encontra-se um pequeno *shopping center*, freqüentado, basicamente, por moradores da zona norte da cidade. Esta área é território de trabalho de, pelo menos, 10 travestis no turno da noite. Além do *shopping*, existem, no triângulo, postos de gasolina e revendedoras de automóveis. Os clientes passam pelo local de carro.

**Azenha/Getúlio** - Avenidas de interligação entre bairros e de grande fluxo de automóveis. No que pese serem duas avenidas paralelas, apresentam características diferenciadas. A Av. Getúlio Vargas, área residencial de classe média, possui, também, vários bares e boates, em sua maioria freqüentados por heterossexuais, e que não incluem, necessariamente, o sexo pago. A Av. Azenha dá nome ao bairro onde se localiza, sendo um pólo comercial e sem tradição de vida noturna. Nas esquinas dessas avenidas com as ruas General

Caldwell, Barão do Triunfo e Visconde do Herval, encontram-se não mais do que 15 travestis durante a noite, aguardando, com discrição, os clientes que passam de carro.

**Parque Marinha do Brasil** - Parque com 74 hectares entre a beira do rio Guaíba e a Av. Praia de Belas. Liga-se ao Parque Harmonia, unindo o centro à zona sul da cidade. Às margens do rio Guaíba, é local de “pegação” de homossexuais masculinos e, eventualmente, freqüentado por michês. Nas proximidades da Avenida Praia de Belas, concentra mulheres e travestis, principalmente durante a noite e madrugada, quando aguardam, com discrição, clientes que passam de carro.

**Farrapos** - Esta avenida abrange, em toda a sua extensão, quatro bairros (Floresta, Marcílio Dias, São Geraldo e Navegantes). É o mais tradicional território ainda existente de prostituição de Porto Alegre, apresentando a maior concentração de estabelecimentos de prostituição de rua da cidade. No bairro Floresta, entre a rua Barros Cassal e as proximidades da Av. São Pedro, distribuem-se mulheres e travestis, que abordam os clientes que circulam de carro. Apesar da proximidade espacial e do mesmo turno de trabalho (noite), essas profissionais delimitam suas áreas de atuação em locais específicos, o que não impede que algumas compartilhem a mesma esquina.<sup>36</sup>

Quando se fala em número de profissionais na prostituição de domínio público, a disparidade com o domínio privado também se torna relevante. Nos territórios de prostituição de domínio público foram cadastrados, aproximadamente, 255 mulheres, 100 homens e 125 travestis. As travestis representam aqui 26% do total de 480 profissionais. Em proporção, e aproximadamente, da prostituição privada para a

---

<sup>36</sup> NAESP, p.34.

pública, o número de mulheres e de homens cai pela metade, enquanto o número de travestis quadruplica.

Tomando esta divisão dos locais apresentada pelo NAESP, posso dizer que minhas incursões se deram basicamente em alguns dos territórios privados onde há prostituição, que denominei na dissertação de **Casas de diversões** (tema do último tópico deste capítulo) e nos territórios públicos onde há prostituição, que preferi chamar de **ambientes abertos** (por motivos esclarecidos na introdução). Para mim estes ambientes significavam espaços de interação e minha atenção estava voltada para as relações entre as travestis e as relações entre elas e seus companheiros, quando estes apareciam.

### *1.3 - As Residências*

A observação das formas de residir e das características das residências se deu, principalmente, nas ocasiões das entrevistas e visitas que foram acontecendo na medida dos contatos estabelecidos durante a pesquisa. Somando-se a isso, ainda no início do trabalho de *campo*, acompanhei uma das etapas da gravação do vídeo sobre travestis produzido pelo NAESP em parceria com o Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) e o Núcleo de Pesquisas em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS)<sup>37</sup>, o que possibilitou o acesso a várias residências e facilitou o retorno a algumas delas.

---

<sup>37</sup> Estes Núcleos fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



A gentileza de Suzana Lopes, que consentiu a minha presença durante este trabalho, também contribuiu para que eu conhecesse algumas travestis que habitavam em Porto Alegre e não freqüentavam os locais por onde eu estava circulando. Ademais, o acompanhamento das entrevistas realizadas por Suzana no decorrer da filmagem, acerca do cotidiano das travestis, ajudou na aquisição de uma série de dados e informações que vinham ao encontro dos objetivos da minha investigação.

No transcorrer das observações, constatei a existência de cinco formas distintas de residir, as quais classifiquei do seguinte modo: a república<sup>38</sup>, morando só, a *cafetinagem*, a família e a conjugalidade<sup>39</sup>. Através dos discursos das travestis sobre este assunto, pude perceber que os fatores que mais interferem na "escolha" entre estas formas seriam a condição financeira, a localização do imóvel e o estilo de vida.

### *1.3.1 - Fatos e Formas*

Andréia e Stella, dentre outras, revelaram durante as entrevistas o desejo de morar só. Viam nesta aspiração a possibilidade de independência e privacidade. Segundo elas, um fator as impedia de realizarem tal sonho, faltava *aqüé* (dinheiro).

---

<sup>38</sup> Além de outros significados mais históricos, a definição dada pelo Dicionário Aurélio Eletrônico. Versão 1.5 (1995) é "Grupo de estudantes que residem na mesma casa" (grifo meu). Aqui faço um empréstimo e uma alteração, Grupo de pessoas, sem parentesco consanguíneo, que residem na mesma casa.

<sup>39</sup> Esta forma será apresentada no capítulo 3, que versará especificamente sobre a relação travesti/companheiro.

Andréia morava em república, dividia a casa com mais cinco pessoas que não eram travestis mas se consideravam **gays**, quatro homens e uma mulher. A outra moça tinha residência própria. Dividia as despesas com eles para ter direito a um quarto, pois tinha uma namorada cujos pais não admitiam a relação. Assim sendo, teriam um espaço neutro e reservado para que pudessem se encontrar.

Andréia tinha um privilégio, possuía um quarto só para ela nos fundos da casa. Um espaço pequeno mas cheio de, segundo ela, **boas recordações**. Uma área de mais ou menos 4m<sup>2</sup> comportava uma cama de solteiro, dois eletrodomésticos, uma coleção de bichinhos de pelúcia, roupas, livros e vários papéis avulsos. Nas paredes vários pôsteres da Luiza Brunet, **antes e depois do implante de prótese**, e da Mulher Maravilha, **modelos de beleza feminina**.

Andréia tinha várias experiências em termos de residências, mas a que considerava mais positiva era a que estava vivendo no momento. Em suas palavras:

*eu morei com os meus namorados, com amigas, mas sempre voltava prá casa. [...] Agora que eu saí definitivo. Eu não pretendo voltar para a casa da minha mãe e nem morar junto com o meu pai. Só em último caso. Acho que seria retroceder. Eu tava meio que brigando com a minha mãe, por espaço, respeito, certas coisinhas de casa assim, né. E eu botei na minha cabeça que a minha vida só ia melhorar, e só ia ir prá frente depois que eu saísse de casa. Realmente aconteceu. Depois que eu saí de casa eu arranjei meu primeiro emprego. Eu só consegui abrir conta num banco depois que eu saí de casa, abri duas até. Já tou quase saldo negativo, né, mas abri. Creio que são só fases. Eu não quero retroceder. A minha independência... Estar morando aqui com o pessoal tá sendo uma coisa bem legal. Cada um tem seu espaço, seus limites. Cada um anda com quem quer. Não é aquela orgia, aquela putaria. Eu tenho meu*

*espaço, eu tenho minha privacidade, tenho meu quarto. Batem na porta do quarto antes de entrar. Eu sou a única garotinha da casa, né. Então me tratam super bem. A única mulher da casa, né. Então, a única que tem calcinha e sutiã dependurada na corda, o resto é tudo roupa masculina. Sair daqui, só prá morar sozinha[...].*

A república que Andréia morava ficava longe da área onde ela *batalhava*. Fato que ela lamentava. Mas por outro lado se sentia compensada com a proximidade de um ponto de *batalha* dos michês, pois se configurava como um ótimo local para amizades e *boiação*.

Só conheci esta república mista. As outras que visitei eram compostas somente por travestis. Geralmente ficavam próximas às áreas de prostituição. Este é o tipo mais comum de residência entre elas, onde duas ou mais dividem um quarto e cotizam as despesas.

Sheilla desfrutava do privilégio de morar só. Alugava um apartamento no "Sem Fronteiras", prédio localizado na avenida Farrapos nas proximidades do monumento ao "Laçador" (escultura em metal que retrata o laçador gaúcho com seus trajes típicos) considerado símbolo de Porto Alegre. O prédio não era muito novo, mas parecia ser habitável e seguro, pelo menos no que consta ao imóvel. O apartamento onde morava Sheilla possuía uma estrutura destinada a morar uma só pessoa, no máximo um casal.

Apesar do tamanho do apartamento, que se resumia em um quarto, uma pequena cozinha e um banheiro, Sheilla trabalhou o espaço de forma que o tornasse bem aconchegante. As paredes chamavam a atenção. Algumas obras de arte em alto relevo criadas por ela, feitas com *massa corrida* de construção civil, e algumas fotos

“antigas”, que refletiam no espelho localizado defronte a cama, compunham uma interessante decoração.

O “Sem Fronteiras” ficava próximo a uma das áreas de prostituição de Porto Alegre, o que o tornava muito procurado pelas profissionais do sexo, tanto mulheres quanto travestis. Ademais, conforme informou Sheilla, os valores cobrados pelo aluguel destes apartamentos eram inferiores aos outros da mesma região que não possuíam este público. Contudo, ainda não era acessível a todas as travestis, restando outras alternativas como repúblicas, casas de *cafetinas*, etc.

Entre as travestis que moram só, este tipo de habitação, conhecido como *kitchenette* ou JK<sup>40</sup>, é predominante. Como a maioria das travestis que se prostituem exercem essa atividade em locais públicos e abertos, a conhecida prática do *trottoir*, e no período noturno, sem que haja horários fixos, muitas preferem residir em locais próximos aos pontos onde *batalham*.

Apesar de ser uma aspiração de muitas, poucas travestis moravam só. De todas as travestis que conheci somente duas se encontravam nesta situação. Uma era Sheilla, acima citada, a outra era Lídia, proprietária de um apartamento na área central da cidade. Segundo ela, conseguiu adquirir o imóvel com o dinheiro que recebeu *batalhando* na Itália.

Kássia era chamada de *cafetina* por muitas travestis. Morava em um sobrado antigo e surrado pelo tempo. O imóvel era grande em área total, mas os cômodos

---

<sup>40</sup> A diferença entre o *kitchenette* e o JK se dá em função da área construída. Em geral a área de um JK é menor do que a área de um *kitchenette*. Em alguns Jks não existe nenhum tipo de divisória entre quarto e cozinha, ou seja, existem apenas dois cômodos, um que funciona como sala, quarto e cozinha; e outro que funciona como banheiro.

eram pequenos. Os quartos onde as travestis, que eram inquilinas, dormiam, tinha espaço somente para as camas e um armário de roupas.

Os dormitórios eram divididos entre duas ou mais pessoas, exceto o de Kássia, que além de ser um pouco maior, era somente para ela. A sala e a cozinha eram espaços coletivos. A sala era pequena, mas a cozinha tinha espaço suficiente para todas.

Como Kássia era *mãe-de-santo*, na entrada da casa, depois de um pequeno corredor, ficava o *quarto de santo* "administrado" por ela. Do lado direito do quarto, uma mesa com flores e algumas imagens de santos, além da função ritual, harmonizavam o cenário das consultas. No canto esquerdo da porta, como se fosse uma dispensa, tinha várias velas ao redor de alguns alimentos em estado de putrefação e de algo parecido com sangue dentro de um pote cheio de larvas de mosca varejeira.<sup>41</sup>

Kássia alugava o imóvel e o sublocava para as travestis. Não gostava da idéia de ser chamada de *cafetina* e nem mesmo concordava com a definição. Explicou que apesar de muitas pessoas denominá-la de *cafetina*, ela não via sua atividade desta forma, visto que não agenciava ninguém na prostituição. Segundo ela, a renda dos aluguéis somava-se a outra proveniente da *casa de religião*, onde, enquanto *Mãe - de - Santo*, trabalhava com encomendas, Búzios, Cartas e etc. Nos dizeres de Kássia:

---

<sup>41</sup> Segundo PÓLVORA (1994:149), "os diversos cheiros que habitam as casas de Batuque são também como símbolos que comunicam sobre o momento daquela rotina. [...] Do quarto-de-santo pode-se saber sobre a "proximidade" com os Orixás. O cheiro de algo putrefato diz que os Orixás estão trabalhando [...]. A putrefação das oferendas é o sinal de que o Orixá está satisfeito, de que as solicitações foram atendidas. [...] A matéria em decomposição é sagrada e anuncia contato direto e forte com os Orixás."

*a minha vida inteira eu batalhei. Eu também recebo da casa de religião.[...] Eu pago toda a casa, depois elas me pagam por peça. Tem peça de 150, tem peça de 130, tem peça de 80, tem peça 60[...]. Elas pagam a diária. Ela tem a comida, a cama, o café da manhã, café da tarde, a janta, televisão...Prá mim isso não é cafetina[...].*

A casa tinha sido recém-alugada. Antes elas moravam no mesmo quarteirão. Cerca de cinquenta metros de distância. Para Kássia, fortes motivos fizeram com que elas se mudassem. O imóvel estava condenado, o dono queria derrubá-lo mas precisava que elas saíssem. Entrou com um processo de despejo e foi “contemplado”. Somando-se a isso, o suicídio praticado por uma travesti, que jogou álcool e ateou fogo no próprio corpo, queimou boa parte da casa.

No dia que visitamos este imóvel condenado, uma das travestis disse que não tinha para onde ir. Não tinha dinheiro para pagar as diárias para Kássia, na nova residência, e ia ficar por ali até que o despejo se realizasse de fato. Para chegar no quarto onde ela estava, tivemos que fazer um malabarismo para subirmos uma escada de madeira que estava toda quebrada e corroída pelos cupins. Nas paredes de seu quarto havia, além de uma peruca, fotos, pôsteres dos cantores *Leandro e Leonardo* e recortes de homens nus exibindo seus órgãos genitais e demonstrando algumas posições sexuais. Sobre uma pequena estante, que cobria um dos cantos do quarto, estavam dispostos alguns livros, um despertador cor-de-rosa e um rádio pequeno, que fazia fundo musical para o diálogo que surgia.

Esta forma de residência, *cafetinagem*, assemelha-se a pensionatos, e como tal, o trânsito é muito grande. Durante o trabalho passei por duas casas deste tipo, e

por coincidência, a outra travesti que alugava quartos também tinha uma *casa de religião*.

Outras travestis também alugam quartos mas não são chamadas de *cafetinas*. Isto quando a prática é mais esporádica e não se configura enquanto uma fonte de renda fixa. Neste caso o aluguel depende da pessoa, da situação, do tempo de estadia, etc.

Stella morava com a mãe em uma das cidades da Grande Porto Alegre. Não tinha irmãos e o pai falecera alguns anos antes desta data. Apesar das tentativas não tive oportunidade de visitar sua residência. Em entrevista, Stella disse que depois de várias discussões sua mãe *aceita* sua presença em casa, mas estabelece algumas condições. Quais sejam:

*minha mãe aceita, mas com restrições. Então, o primeiro fator que ela me impôs foi que eu jamais me vestisse de mulher na minha casa. Então, como eu convivo com ela, eu moro lá, as minhas coisas estão lá, e tudo, o meu cachorro, e tudo, coisas que eu não posso, que eu tenho amor, que eu não gostaria de deixar, então eu tenho que abrir mão disso enquanto estou lá, né. Talvez se eu morar sozinho novamente eu ...*

Em função da restrição colocada pela mãe, Stella se *montava* na casa de Géssica, levando todos os apetrechos necessários. De acordo com ela, apesar da transformação proposital do corpo e dos hábitos que lhe conferia uma aparência feminina, sua mãe não admitia a idéia de tratá-la como mulher. Ao me passar seu telefone, Stella também revelou seu apelido masculino, para eu utilizar caso sua mãe

atendesse, pois só assim, ou com o uso do nome de batismo, que não me fôra revelado, a mãe transferiria a ligação.

Assim como Stella, outras travestis habitavam com seus familiares, mas era uma minoria. Primeiro porque cerca de 63% das travestis que habitavam em Porto Alegre eram migrantes. Deste número, 50% eram do interior do estado e 13% de outros estados. E, segundo, porque pude perceber, através dos discursos das travestis, que os conflitos imperam nesta relação travesti/família. Algumas romperam com os familiares e outras ainda mantinham contatos e faziam visitas, mas consideravam a coabitação impossível.

Por fim, existe também uma sexta forma de residir. Na rua. Nádia, amiga de Eliane, assim habita. Segundo ela:

***A vida da gente é complicada. Tem dias que tu ganha prá comer. Tem dias que tu não ganha. Eu tô 45 dias na rua nêga! Amanhecendo o dia. Dormindo na Praça da Alfândega. Não tenho vergonha de dizer. Eu sou uma bicha humilde... Eu sou catarina nêga!***

#### ***1.4 - Casas de Diversões***

Em Porto Alegre existe uma quantidade significativa de bares e boates que são classificados, tanto pelas travestis quanto por outras pessoas que circulam, ou não, por estes ambientes, como estabelecimentos **gays**<sup>42</sup>. Características como localização, valor do ingresso, *shows*, normas do recinto, decoração e organização do

---

<sup>42</sup> O uso e a aplicação desta e outras denominações que aparecerão neste tópico também são verificáveis em âmbito nacional.



espaço físico, agem como uma prévia seleção do público que frequenta estas casas de diversões.

Assim como os elementos citados revelam algo sobre o público, este também revela algo sobre o ambiente, e poder-se-ia dizer que a orientação sexual<sup>43</sup> do público majoritário é uma importante variável adotada pelas *travestis* quando classificam e selecionam os locais em questão. Seguindo este raciocínio, além de uma divisão entre estabelecimentos *gays* e não *gays*, dá-se uma subdivisão no interior destas categorias mais generalizantes. Desta forma, estes estabelecimentos comerciais sofrem uma segunda classificação, que não exclui a primeira, e a relação público/ambiente passa a ser a fonte de denominações como: bar ou boate de *bicha-boy*; de *lésbicas* ou *machorras*, de *mariconas*, de *monas*, etc.<sup>44</sup>

Um outro tipo de categorização que também é muito frequente, mas que varia de acordo com cada *travesti*, baseia-se no "clima moral" <sup>45</sup> do espaço, que é representado, pelas travestis, por duas categorias antagônicas, *bafão* e *bem*. Embora os dois últimos termos sejam também aplicados a pessoas e situações quotidianas, invariavelmente o *bafão* possui um valor negativo, estando associado ao *escândalo* e ao *baixo nível*; e o *bem*, com sua carga positiva, está associado ao *agradável*, ao

---

<sup>43</sup> O termo aqui é aplicado conforme a definição dada no boletim "Orientação Sexual e Homossexualidade (Auto-estima e Cidadania)" editado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB). Segundo o documento, "orientação sexual [...] é caracterizada por uma duradoura atração emocional, romântica, sexual ou afetiva para com indivíduos do gênero masculino ou feminino. [...] Três orientações sexuais são comumente reconhecidas: *homossexual*, atração erótica e/ou afetiva por indivíduos do mesmo sexo; *heterossexual*, atração por indivíduos do sexo oposto; ou *bissexual*, atração por membros de ambos os sexos. Pessoas com orientação homossexual também são chamadas de *gays* (tanto homens como mulheres) ou *lésbicas* (mulheres apenas)." (1996:1).

<sup>44</sup> Esta classificação foi retirada dos discursos das travestis. Isto não implica em dizer que todas as pessoas que frequentam estes ambientes utilizam estas definições e se enquadram nestas categorias. Estas questões serão discutidas no capítulo 2.

<sup>45</sup> Segundo PARK (1979:63) "cada indivíduo encontra em algum lugar entre as variadas manifestações da vida citadina o tipo de ambiente no qual se expande e se sente à vontade; encontra, em suma, o clima moral."

*alto nível*. Em resumo, para as *travestis*, na relação público/ambiente, tanto a orientação sexual, quanto a identidade sexual e o "clima moral" são variáveis classificatórias e seletivas.

O horário de funcionamento destes estabelecimentos é instituído de acordo com os eventos programados. Quase nunca antecede a meia-noite e nem ultrapassa as oito horas da manhã. E mesmo abrindo neste horário, as casas só ficam com um número considerável de pessoas a partir das duas horas da madrugada, principalmente aquelas cujo público é composto predominantemente por profissionais do sexo, que só aparecem depois da *batalha*.

Não são todas as casas que oferecem *shows*. O que é mais freqüente são os serviços em dois ambientes, nem sempre bem delimitados, a pista de dança e o bar onde servem alimentos e bebidas.

As *travestis* que freqüentam bares e boates *gays* participam de diferentes formas, fazendo e/ou apresentando *shows*, como consumidoras e/ou espectadoras, etc. A circulação entre estes níveis de participação varia de *travesti* para *travesti*, e pelo que pude perceber, nem todas as *travestis* que fazem *shows* são apresentadoras, mas por outro lado, todas as *travestis* que apresentam os *shows* sempre fazem algum quadro.

Os *transformistas*, as *transexuais* e as *drags queens* também dividem, com as *travestis*, os palcos da cidade. No sentido literal do termo.

Um dos *shows* que observei na boate "Local Hero", localizada na avenida Venâncio Aires, fôra significativo quanto à revelação de algumas questões. Coincidentemente visitei a boate no dia em que ela estava aniversariando. Chegando

lá encontrei Rovená na portaria, uma *travesti* que conheci semanas antes desta data. Perguntei se o *show* já havia começado, ela disse que não, mas que estava prestes a acontecer. Entrei e fiquei aguardando. Comprei um refrigerante, me encostei na pilastra da entrada e fiquei observando os movimentos dos dançarinos. A agilidade, a sedução, a embriaguez, tudo se misturava ao ritmo quente da música que tocava. Durante toda a sequência musical um rapaz ficou diante do espelho, sozinho, ou acompanhado de si mesmo, se deliciando com o movimento do seu corpo e com sua imagem.

Por causa do aniversário da boate, a noite era especial. Entrou um rapaz representando um homem vestido de mulher. Estava propositadamente desarrumado. Uma despenteada peruca de cabelos longos e crespos, um batom vermelho que ultrapassava as margens da boca, uma calça por baixo do vestido, que por sua vez estava todo amarrotado, enfim, ele debochadamente apresentava a caricatura de uma mulher, que naquela situação era uma cantora conhecida nacionalmente. Começou a dublar uma música por ela interpretada, "o primeiro me chegou, como quem...", a música tematiza o encontro de uma mulher com vários homens, cada qual lhe traz um presente, lhe trata de uma forma e tem um comportamento diferenciado, e dentre eles, somente um invade seu coração, e é a este que ela se entrega. A cada etapa da música, a cada encontro dos personagens, o artista encenava comicamente os detalhes, arrancando risos, gritos, comentários e assovios da vibrante platéia. Depois de dublar toda a música, passou a fazer as apresentações dos outros *shows* que aconteceram posteriormente.

Um outro extremo do espetáculo foi a dublagem de Rovená, que ao som da voz possante de uma cantora italiana, como se estivesse possuída, contagiou e embeveceu o público. A música não revelava alegria, mas também não era fúnebre, senti-a como se fosse um drama romantizado, se é que isso existe enquanto estilo. Rovená passeava pelo palco suavemente, cada agudo parecia uma palavra, cada estrofe uma frase, e as expressões do rosto da artista desenvolvia a trama da história. Pareceu-me que a música narrava algo, simultaneamente, sobre a personagem da música, sobre Rovená, e sobre pessoas da platéia. Todos aplaudiram de pé. Do meu lado direito, algumas pessoas choravam. Parecia que estávamos enfeitiçados.

Evento também significativo fôra a premiação promovida pelo "Vitraux Club", boate situada na Rua da Conceição, próxima à rodoviária da cidade. Era uma noite de entrega de troféus às melhores apresentações realizadas nesta boate durante o ano de 1995. Várias categorias foram contempladas, a melhor dublagem, melhor música escolhida, melhor *drag*, melhor dança, melhor figurino, etc. Rovená e Simara<sup>46</sup> apresentavam os premiados. A primeira fazendo a *linha classic* e a segunda a *linha* cômica, mas ambas muito simpáticas com o público.

O salão estava lotado. Havia várias travestis na platéia. Algumas acompanhadas de seus respectivos *namorados* ou *companheiros*. Uma delas, muito bonita, desfilava pelo "Club" com seu par, que exibia músculos e beleza.

---

<sup>46</sup> Na época da pesquisa estas duas travestis, em dias menos especiais que estes, faziam *shows* nas duas casas mencionadas, consecutivamente. Posteriormente me falaram que estes estabelecimentos tinham um mesmo dono, e que propositadamente abrira um estabelecimento para cada identidade sexual. Este era o bar de *lésbicas* e o outro, descrito acima, de *bicha-boy e mariconas*, como classificariam as travestis. No fim da pesquisa conheci um outro bar aberto por este mesmo empresário, e este parecia ser para *lesbians-chic*.

Informaram-me anteriormente que o público do bar era composto predominantemente de *lésbicas*, mas naquele dia, talvez por causa do evento, estava bem heterogêneo. A cada intervalo um *show*, e a cada premiação um discurso. Alguns divertidos, outros trazendo à tona questões como o significado da transformação do corpo, e outros mais emocionados, caso de um rapaz que dedicou seu prêmio a uma amiga que havia falecido de AIDS<sup>47</sup>.

Nas roupas de algumas das premiadas, bem trabalhadas e coloridas, nunca faltavam peças douradas e/ou prateadas. Muitas traziam um adorno com plumas e penas na cabeça, que se mexiam sob os ventiladores locais. Outras preferiram seguir um estilo mais sensual. Um exemplo foi Sofia, que estava com um longo vestido claro, decotado até um palmo acima do umbigo. Na parte inferior do vestido, dois recortes expunham suas bronzeadas coxas.

Observando as falas e as expressões das *travestis* nesta entrega de prêmios, percebi que os *shows*, na vida delas, possuem uma aura de múltiplas cores cintilantes. O brilho de uma delas, sem dúvida, representa a questão financeira, fazer *show* é uma profissão, e como tal, possui seus altos e baixos, seus prazeres e dissabores. Olhando por outros ângulos, as luzes que estas cores emitem revelam formas de conceber e lidar com o mundo, que podem ser lidas através de cada roupa, de cada gesto, de cada música, de cada agudo, de cada deboche, etc.

---

<sup>47</sup> É interessante ressaltar que neste caso fui eu quem traduzi como sendo AIDS, visto que no dia utilizaram o termo *tia*, geralmente utilizado para se referir à Síndrome.

Não frequentei cotidianamente os mesmos bares e boates. Optei por fazer um rodízio para obter um panorama geral destes ambientes. Priorizei os dias da semana em que as casas eram mais movimentadas ou em que ocorriam eventos especiais.<sup>48</sup>

Um outro ponto que gostaria de ressaltar, politicamente mais delicado, relativo aos bares e boates denominados **gays**, diz respeito à discriminação sofrida pelas **travestis** (principalmente as que participam enquanto consumidoras/espectadoras) em alguns destes estabelecimentos. Durante todo o trabalho de *campo*, esta problemática esteve presente. Várias travestis me abordaram tecendo críticas e/ou queixando-se do fato.

Em um dos encontros do NAESP este foi um dos assuntos centrais. Na discussão sobre os motivos desta segregação, uma delas argumentou que existem muitas **travestis** que gostam de **fazer bafão**, e o reflexo disso seria a generalização de uma imagem negativa de todas as **travestis**, o que levaria à proibição. Algumas concordaram que isto também ocorre, mas ressaltaram que não justifica a discriminação, pois caracteriza-se como outra questão, a qual deveria ser avaliada individualmente. Melhor dizendo, **bafão** não é sinônimo de **travesti**.

As narrativas das **travestis** sobre este tema foram reveladoras no sentido de demonstrar alguns movimentos da segregação. Especificamente, as exposições se deram no sentido de evidenciar formas explícitas e implícitas. Dentre os vários relatos apresentados na reunião, retirei duas situações que podem exemplificá-las. Forma explícita: a situação na qual existe um porteiro, geralmente “imenso” e forte, que barra

---

<sup>48</sup> Motivos financeiros também influenciaram na seleção dessas incursões. Cada visita implicava gastos com ingressos e táxis, minha principal condução, devido às altas horas da noite e o pouco conhecimento da geografia da cidade.

algumas pessoas e diz que não é permitida a entrada de, no caso, *travestis* neste recinto. Forma implícita: a situação na qual a *travesti* chega para comprar o ingresso e o valor financeiro do mesmo é diferenciado para esta categoria, na maioria das vezes as cifras são tão significativas que impedem a entrada dessas pessoas.

Uma das conclusões que chegaram nesta reunião foi que, independente do motivo, o primeiro passo contra esta segregação deveria ser a denúncia imediata via órgãos competentes. Ou seja, assim que o fato ocorresse, a *travesti* deveria fazer valer o artigo 150<sup>49</sup>, denunciando imediatamente.

A meu ver, se se tratasse de um impasse entre *orientações sexuais* diferenciadas (exemplo: um estabelecimento onde a maioria das pessoas que freqüentam se consideram e/ou são consideradas heterossexuais proibindo a entrada de pessoas que se consideram e/ou são consideradas homossexuais, ou vice-versa, fatos que também ocorrem) os pretensos motivos de exclusão ficariam mais evidentes e assim menos difícil seria o combate. Porém, no caso aqui tratado existem outros elementos que devem ser avaliados.

Se considerarmos que a definição destes estabelecimentos enquanto *gays* baseia-se na *orientação sexual* do público majoritário, neste caso, *orientação homossexual*, seria incoerente pensar que as *travestis* estariam sendo excluídas em função de sua *orientação sexual*, que também seria, a princípio, *homossexual*. Assim sendo, se as travestis não são excluídas porque se orientam homossexualmente, em que se baseia a exclusão?

---

<sup>49</sup> Já citado na página 30.

No decorrer das incursões, eu sempre notava a presença de *travestis*, mesmo nos locais que algumas apontaram como segregador. Achei muito estranho, mas não me precipitei em tirar conclusões. Depois de algum tempo, notei que eu não iria verificar este impasse baseada na avaliação quantitativa, tendo em vista que não se trata de regras objetivas dos estabelecimentos. É um movimento oscilante que possui níveis de permissão e de proibição, que depende do local, do proprietário, da semana, do dia, da pessoa, do público, etc.

Este caso é um exemplo de criação e manifestação de fronteiras no interior de grupos. Fronteiras que aparecem através de contornos diferenciados e que se fundam a partir de vários referentes. Isto vem ao encontro da proposição de Peter FRY quando, baseado em DOUGLAS(1966) e TURNER(1969), afirma que:

o que é definido como sendo marginal, não-forma e perigoso depende porém de um certo ponto de vista. Em qualquer sistema social dado, a estrutura dominante, o *establishment*, define certas áreas como marginais e atribui a elas a não-forma e o perigo. Por sua vez, essas áreas estruturam-se de maneira a criar novas fronteiras além das quais uma nova não-forma é definida. [...] Pessoas definidas como perigosas por um sistema classificatório, por sua vez, definem outros como perigosos e assim por diante.<sup>50</sup>

Diante deste quadro traçado por Fry, o paradoxo se instaura quando se tenta entender quais são os referentes que alicerçam tais atribuições, que geram, no caso aqui citado, as exclusões. Ao pensar nas possibilidades, cheguei a conclusão que os referentes são variados. Pode ser por uma questão de gênero; pode ser por uma

---

<sup>50</sup> FRY (1982:78).



questão capitalista, na medida em que se tenta filtrar o público de acordo com a condição financeira, garantindo assim o consumo; pode ser por questões morais ou ideológicas; em suma, "pode ser". Para dar essa resposta, caso por caso deveria ser acompanhado e analisado.

Diante das condições da minha interferência e da fragilidade dos dados que tenho a respeito, meu intuito não é responder esta questão, mas lançar outras que ela sugere e que possuem um caráter mais político.

Existe, no Brasil, uma árdua e constante luta pelo respeito e contra a discriminação aos homossexuais. Existem vários projetos e propostas que os movimentos encampam. Dentre eles está a proposta de inclusão, nas Constituições Estaduais e Leis Orgânicas dos Municípios, da "expressa" *proibição de discriminar por orientação sexual* (conforme consta na nota 24), que foi conquistada em Porto Alegre. Neste sentido, a minha questão é: será que neste caso utilizar o conceito orientação sexual é a melhor alternativa? Como poderia ser resolvido, em termos legais, o caso da discriminação de travestis em bares *gays*, se a princípio ambos se orientam homossexualmente? Ou seja, a "expressa" ajudaria na resolução de impasses entre pessoas de mesma orientação sexual? As travestis estariam sendo discriminadas por sua identidade sexual, por sua orientação, por seu papel sexual, ou por uma razão que não conseguimos ainda encontrar um referente gráfico para indicá-la?

Cito as travestis em função do meu trabalho, mas não é somente com elas que isto ocorre. Temo que por uma questão conceitual a “expressa” se fragilize na resolução de determinados casos.<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> Tenho muito respeito à luta dos movimentos organizados contra a discriminação, por isso estas linhas se configuram como uma contribuição para esse debate e não como uma crítica destrutiva.

**Capítulo II**  
**ENTRE ELAS**

## 2.1 - A Linguagem

Ainda no início da pesquisa de *campo*, numa tarde bem quente, no ápice do verão porto-alegrense, encontrei Alessandra e Débora no NUANCES. Conversavam descontraidamente. Vibravam, gargalhavam, gesticulavam, ou seja, se divertiam com o ocorrido. Como estavam utilizando a linguagem que as travestis de Porto Alegre chamam de **Bate-Bate**, entendi que se tratava de um assunto particular, e desta forma, peguei o arquivo fotográfico e concentrei-me em sua organização<sup>52</sup>. Fiquei bastante curiosa para saber o porquê de tanta graça e suspense, mas me contive. Depois de algum tempo uma frase me despertou, percebi que havia uma descontinuidade no diálogo das duas, era Débora sussurrando: *mona, a amapôa aqüenda o bate?*

Eu era a única *amapôa* presente no recinto. E Débora queria saber se eu compreendia o recurso lingüístico usado por elas. Alessandra notou que minha atenção havia se desviado, respondeu rapidamente e mudou de assunto, desta vez me incluindo no debate.

Ficamos conversando sobre experiências profissionais e mercado de trabalho. Débora contou que além da *batalha*, trabalhou vários anos como *discotecário* e alguns meses como *professor de inglês*, começou o curso de *tradutor/intérprete* na Universidade Federal do Rio Grande do Sul mas depois abandonou tudo. Fato

---

<sup>52</sup> Como forma de agradecimento e de envolvimento, organizei o arquivo fotográfico do NUANCES durante a pesquisa. Uma pequena contribuição diante do apoio que me deram e das necessidades materiais da instituição.

marcante em sua vida, pois contribuiu para um dos maiores conflitos entre ela e sua mãe.

A conversa durou mais um bom tempo. Depois que Débora partiu, retomei com Alessandra à questão do *Bate-Bate*. Para introduzir o tema, perguntei se ela tinha conhecimento do *Diálogo de Bonecas*, um pequeno dicionário organizado por Jovana Baby, presidente da Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro (ASTRAL). Respondeu que sabia da existência do dicionário, mas que não teve a oportunidade de adquiri-lo. Confessou que achava a idéia interessante, mas que também achava “estranho” o fato de publicar este material, tendo em vista que a princípio seria um instrumento de defesa das travestis.

Argumentei que o conhecimento de termos e frases isolados e descontextualizados não levariam ao domínio desta linguagem, principalmente porque as travestis utilizam tantos recursos na construção das frases que seria difícil uma pessoa estranha ao grupo, utilizando-se somente do dicionário, acompanhar o raciocínio. Citei o exemplo da situação anterior quando ela estava conversando com Débora, a única frase que entendi fôra a última que Débora pronunciou: *mona, a amapôa aqüenda o Bate?* E mesmo conhecendo alguns vocábulos utilizados na oração (sendo os dois primeiros termos, tanto em pronúncia quanto em significado, idênticos aos utilizados pelas travestis em Uberlândia-MG) o entendimento só se fez possível pelo contexto em que a frase estava inserida. Em suma, seria necessário um convívio intenso com as travestis que utilizam o *Bate-Bate* para que se possa compreendê-lo melhor.

Alessandra percebeu meu interesse pelo assunto e se propôs a me ensinar a linguagem. Naquele dia me apresentou vários vocábulos e demonstrou como alguns mudam de significado de acordo com o contexto. Depois, no decorrer da pesquisa, e de acordo com a necessidade, eu sempre recorria a ela, minha então professora de **Bate-Bate**, que pacientemente dissecava e interpretava as frases coletadas em outras observações de *campo*, que eu lhes trazia como incógnitas.

### 2.1.1 – O *Bate-Bate*<sup>53</sup>

O **Bate** (denominação simplificada) ou **Bete** (denominação mais íntima), possui uma dinâmica e uma complexidade impossível de demonstrar em tão poucas linhas. E mesmo que a demonstração fosse possível, não sei se seria lícito e/ou ético de minha parte tornar público este instrumento de defesa do grupo em questão, como já colocara Alessandra. Assim sendo, pretendo, a seguir, apontar alguns elementos sobre os quais se constrói esta linguagem e refletir sobre questões que eles suscitam, para que se possa ter uma idéia da importância e da riqueza dessa autêntica criação “clandestina” que revela aspectos tanto da relação entre as travestis quanto da sociedade abrangente.

---

<sup>53</sup> Alguns esclarecimentos: a) o uso de alguns termos e denominações que aparecerão no decorrer deste item não se restringe somente às travestis de Porto Alegre. b) Outros indivíduos de Porto Alegre que circulam pelo *gueto* gay, e que não são travestis, também compartilham de determinados termos deste sistema Lingüístico. c) O uso de alguns termos também é verificável em âmbito nacional. d) Pensando em um paralelo entre a **Endaca** das travestis de Uberlândia-MG e o **Bate-Bate** das travestis de Porto Alegre-RS, muitos termos são idênticos, porém, a utilização de outros recursos lingüísticos e a criatividade na composição das frases são tão verdadeiros que a linguagem acaba sendo específica para cada local. e) Um dado interessante é que no Rio de Janeiro, e falo isto partindo da consulta do *Diálogo de Bonecas* (p. 8), a expressão **Bate endaca** significa **conversar**.

A título de exemplificação dois quadros serão apresentados. O primeiro com alguns vocábulos e expressões do *Bate* e o segundo com frases construídas a partir das variantes do primeiro quadro. Foram priorizadas as palavras que apareceram mais freqüentemente durante as observações, geralmente nas seguintes situações: nos diálogos entre as travestis, nas “entrevistas itinerantes” e nas “entrevistas profundas” que algumas me concederam.

QUADRO 1

Exemplos de palavras e expressões utilizadas no *Bate-Bate* <sup>54</sup>

<i>Bate-Bate</i>	SIGNIFICADO
Abatá ou Apatá	Sapato
Abobó	Pernas
Afecê	Rosto/Face
Ajeum	Comida
Ajeunzar	Comer
Alibã	Policial
Amapôa	Mulher (fêmea biológica)
Amapôa de equê	Mulher que se orienta homossexualmente/Lésbica
Apeti	Seios
Aqüé	Dinheiro
Aqüendar	Verbo que possui vários significados ( ver quadro 2)
Axanã	Cigarro
Axé	Sorte
Axó ou Oxó	Roupa / Veste
Axó ou Oxó de neca	Preservativo
Azuelar	Roubar

<sup>54</sup> A grafia das palavras que se seguirão é de minha inteira responsabilidade. Tentei escrevê-las de acordo com suas pronúncias. Agradeço a Alessandra Greff pela revisão e pela ajuda na construção do segundo quadro.

<b>Babado</b>	Assunto / História/ Fato / Evento/Encontro
<b>Baco/Baquear</b>	Transa / Transar
<b>Bafão</b>	Escândalo / Baixo nível
<b>Batalhar</b>	Prostituir / Trabalhar como profissional do sexo
<b>Beijo</b>	Roubo (realizado de forma sutil)
<b>Bem</b>	Bom nível / Bom / Belo
<b>Bicha</b>	Homem que se orienta homossexualmente
<b>Bofe</b>	Homem
<b>Boiar</b>	Transar sem compromisso / Sair para "caçar"
<b>Caricata</b>	Artificial / Ridícula
<b>Chapar</b>	Drogar
<b>Cheque</b>	Fezes
<b>Chuchu</b>	Pêlos faciais
<b>Close</b>	Exibir / Exibida
<b>Colocar</b>	Drogar / Embriagar
<b>Cona</b>	Simplificação do termo <i>maricona</i> (pejorativo)
<b>Dundum</b>	Negro (pessoa)
<b>Edi</b>	Nádegas / Quadril / Ânus
<b>(Fazer a) Egípcia</b>	Dissimular / Fingir que não está vendo algo ou alguém
<b>Elê</b>	Casa
<b>(Fazer a) Elza</b>	Roubar
<b>Equê</b>	Mentira / Engodo
<b>Erê</b>	Adolescente (masculino)
<b>Ferver</b>	Agitar / Divertir
<b>Lesada</b>	Distraída / "Prejudicada" moral ou mentalmente
<b>Mana ou Mona</b>	<i>Travesti</i>
<b>Maricona</b>	Homem, acima dos 30 anos, que se orienta homossexualmente
<b>Matim</b>	Pequeno
<b>Michê</b>	Homem (jovem) que se prostitui
<b>Neca</b>	Pênis



Nena	Esperma
Odara	Grande
Okó	Homem (macho biológico)
Otim	Bebida Alcoólica / Bebidas
Oxum	Jóias / Bijuterias / Objetos de adorno
Passada	Perplexa / Atrevida
Picumã	Cabelo
Recalque	Inveja
Shana	Vagina
Taba ou lara	Maconha
Tia	AIDS
Tontiar	Paquerar / Sair perambulando
U Ó	Problemático / Conflituoso / Exagerado / Feio / De mal gosto
U Ó do Z	U Ó em excesso
Xuca	Lavagem intestinal

## QUADRO 2

### Exemplos de construções de frases no *Bate-Bate*

<i>Bate-Bate</i> e SIGNIFICADO	
1 - O apatá do okó é U Ó do Z.	O sapato do homem é horrível.
2 - Aqüenda mona! O ajeum é bem.	Olha <i>mona</i> ! A comida é boa.
3 - O alibã tá aqüendendo o apeti da mona.	O policial está olhando o seio da <i>mona</i> .
4 - A mona tem axé prá okó dundum.	A <i>mona</i> tem sorte para (namorar) homem negro.
5 - A mona acá não aqüenda axanã.	Eu não fumo. [A <i>mona</i> aqui não fuma cigarro].

6- O Okó aqüendou o baco com a mona e azuelou o elê

O homem transou com a *mona* e roubou a casa.

7 - A cona deu o equê de okó e aqüendou o baco com a amapôa.

A *cona* deu a entender que era homem e transou com a mulher.

8 - Prá desaqüendar a tia, baco só com oxó de neca.

Para não pegar AIDS, transar só com preservativo.

9 - O bofe desaqüendou a nena no afecê da mona.

O homem ejaculou no rosto da *mona*.

10 - A mona aqüendou o bafão que a amapôa de equê aqüendou no elê do okó.

A *mona* viu o escândalo que a lésbica fez na casa do homem.

11 - A amapôa que tá aqüendendo a linha bem com a mona acá é lesada.

A mulher que está sendo simpática comigo é distraída.

12 - Aqüenda o oxó otim da amapôa caricata.

Olha a roupa apertada da mulher ridícula.

13 - A mona desaqüendou o chuchu, montou e desaqüendou dando close de picumã.

A *mona* tirou os pêlos da face, se produziu, e saiu exibindo os cabelos.

14 - O erê baqueou por aqüé com a cona que aqüendou otim odara.

O adolescente transou por dinheiro com a *cona* que bebeu demais.

No interior do *Bate* as ações são verbalizadas de diferentes formas. Em alguns casos existem termos únicos para indicá-las, como por exemplo:

comer / *ajeunzar*

e

roubar / *azuelar*.

Em outros casos faz-se necessária a composição de dois ou mais termos para que as ações sejam expressas, exemplos:

fumar / *aqüendar axanã* e ejacular / *desaqüendar a nena*.

Algumas ações também podem ser verbalizadas das duas formas, como mostra o exemplo :

transar / *baquear* e transar / *aqüendar o baco*.

Como pode-se perceber os termos *aqüendar* e *desaqüendar* são fundamentais para a indicação de determinadas ações, pois funcionam como auxiliares. Isto faz com que ocupem uma importante posição nesta linguagem. Seus significados variarão conforme o termo ou a expressão que os acompanham, não existindo, desta forma, uma tradução literal para os mesmos. Em alguns casos, mesmo sabendo o significado do termo ou expressão que os acompanham, as frases só serão entendidas quando estiverem contextualizadas. Um exemplo seria a expressão *aqüenda o otim*, que pode significar simultaneamente, olhe a bebida, ou pegue a bebida, ou tome a bebida, etc. Sabe-se que a oração está apontando para algo referente a bebida, por causa da palavra *otim*, mas a ação não poderá ser compreendida nestas circunstâncias.<sup>55</sup>

Algumas categorias que marcam presença no *Bate* aparecem aplicadas, durante as conversações, de duas formas: como termos de tratamento e como termos de referência. Termos de tratamento são aqueles empregados para se dirigir ao interlocutor, podendo, ou não, informar sobre a situação da pessoa dentro de determinado sistema classificatório. Por termos de referência entendo aqueles

---

<sup>55</sup> Creio que um trabalho pormenorizado a respeito da gramática do *Bate* seria um excelente tema de pesquisa, principalmente nos domínios da sociolinguística.

empregados para se referir a alguém e que informam sobre a situação da pessoa dentro de determinado sistema classificatório.

Os termos *mona*, *mana*, *amapôa*, *bicha*, *travestí*, *erê*, *amapôa de equê*, *bicha velha*, *bicha boy*, *cona*, *okó*, *michê* e outros fazem parte do sistema classificatório que as travestis compartilham. Cada qual é composto a partir da menção ou combinação de determinados eixos de referência, como, idade, gênero, profissão, estética, etc. Todos são utilizados como termos de referência, mas nem todos são utilizados como termos de tratamento. No que se refere a relação entre as travestis, os mais usuais são *mona*, *mana*, *amapôa*, *bicha* e *travestí*. Destes, os quatro primeiros são termos de tratamento e referência e o último é somente de referência.

### 2.1.2 – Composição

Em termos sintáticos, o alicerce do *Bate-Bate* é a estrutura gramatical da língua portuguesa. Assim sendo, o que faz com que se torne ininteligível para as pessoas estranhas ao grupo é a utilização de uma combinação dinâmica de vários recursos lingüísticos, dentre os quais, os mais perceptíveis são: o uso de expressões e termos oriundos de **dialetos africanos**, em alguns casos modificados e/ou (re)significados, que também possibilitam a formação de palavras híbridas; o uso de **gírias locais e nacionais**; e a verbalização através de **figuras de linguagem**, que permitem multiplicar os significados dos itens lexicais.

É comum, no “idioma popular brasileiro”, o uso de gírias e figuras de linguagem, mas é incomum o uso de termos oriundos de dialetos africanos e a combinação destes três recursos para a construção proposital de uma linguagem.

Os trabalhos de Nestor PERLONGHER(1987), Peter FRY(1982), Peter FRY e Edward MACRAE (1991), e Patrícia BIRMAN (1995), dentre outros, são importantes referências na medida em que apontam, cada qual com abordagens e objetivos diversos, para a estreita relação entre indivíduos que se orientam homossexualmente e os cultos afro-brasileiros.

Em seu estudo sobre a prostituição viril na cidade de São Paulo, *O Negócio do Michê*, PERLONGHER, além de discutir a questão do racismo e a *variável cor* enquanto fator de diferenciação entre os michês, chama a atenção para a presença constante dos cultos afro-brasileiros no *gueto gay*, verificando que *a incidência negra do michê se manifesta no nível semântico; regem termos de raiz afro, provindos do candomblé ou da umbanda*<sup>56</sup>. O autor também destaca várias *nomenclaturas classificatórias registradas no discurso do gueto*, demonstrando que em alguns casos as categorias, como por exemplo, “*michê gay*” e “*Okó Odara*”, correspondem respectivamente a uma *gíria gay de classe média* e a *influência lexical do candomblé*<sup>57</sup>.

Em Porto Alegre pude perceber, nos discursos e/ou nas práticas de algumas travestis, relações diretas e indiretas entre elas e os cultos de origem afro. Quando esta relação não aparecia de forma explícita, como por exemplo o caso de duas

---

<sup>56</sup> PERLONGHER(1987:144).

<sup>57</sup> PERLONGHER(1987:146).

travestis que eram *mães-de-santo* e tinham *casas de religião* e de uma travesti que era *filha-de-santo*, aparecia de forma implícita, através de rápidas referências no discurso ou através de práticas que são específicas dos cultos afros, por exemplo, numa visita à casa de Dayse, enquanto ela se preparava em seu quarto para ir para a *batalha*, suas amigas preparavam na cozinha uma *bandeja* cheia de apetitosos alimentos para ser colocada no rio Guaíba. Depois fiquei sabendo, através de Jacqueline Pólvora, que se tratava de uma oferenda a *Oxum*, *Orixá* no *Batuque*.<sup>58</sup>

Uma das travestis que era *mãe-de-santo*, depois de falar sobre as discriminações que enfrentou por ser travesti, disse que iria fazer uma raspagem no silicone. Em suas palavras, *porque existem muitos preconceitos por parte da sociedade e porque na religião afro-brasileira, a figura do travesti como mãe-de-santo pode gerar descrença. Eles não acreditam, eles acham que é charlatismo...*<sup>59</sup>

Outro fato relevante é que nem todas as travestis estão conscientes de que algumas palavras do *Bate* possuem uma origem africana. Depois de Gêssica dizer que não simpatizava com as religiões de origem afro, comentei com ela sobre os termos usados no *Bate*. Ela mostrou-se espantada e percebeu que eu a estava

---

<sup>58</sup> É evidente que nem todas as pessoas que se orientam homossexualmente freqüentam estas religiões, assim como nem todas as pessoas que freqüentam estas religiões se orientam homossexualmente. O mesmo pode ser dito para as travestis. Muitas travestis não participam dos cultos e algumas até discriminam.

<sup>59</sup> Esta opinião é muito particular. Como não conheci os cultos de Porto Alegre, não me atrevo a tecer considerações sobre os valores dentro dos mesmos. Para quem se interessar nesta discussão e na discussão sobre a relação entre Cultos e homossexualidade, ver FRY (1982) e BIRMAN(1995).

instigando com a observação. Fitou-me por um tempo, deu uma grande gargalhada e concluiu que não iria mais utilizar os termos.<sup>60</sup>

Trabalhos que se dedicam ao estudo dos cultos denominados afro-brasileiros contêm preciosas informações, principalmente em termos lingüísticos e religiosos, sobre a influência cultural africana no Brasil. No tocante à linguagem utilizada nos cultos, Olga Gudolle CACCIATORE ressalta que durante sua pesquisa uma das tarefas mais difíceis fôra resgatar o sentido e a grafia das palavras devido às transformações sucedidas no decorrer do processo histórico. Como se pode perceber nesta passagem:

Para confirmar o sentido, buscamos a origem das palavras desses antigos e novos cultos, suas raízes africanas, indígenas etc. Tarefa difícilíssima, dadas as transformações que sofreram no decorrer de tanto tempo e ao contato com modos de viver e falar diferentes. Algumas poucas conservaram-se idênticas. Outras são ainda reconhecíveis. Mas uma grande parte se deturpou de tal modo em sua grafia e sentido que impossível se torna saber com certeza de onde proveio. [...] Na grafia brasileira conservamos as letras dos termos africanos quando estes são iguais na África e no Brasil. Quando não, usamos grafia portuguesa correspondente à pronúncia mais corrente em nosso meio.<sup>61</sup>

Como ressalta CACCIATORE, os termos africanos se transformaram no decorrer do tempo e do contato com novos contextos. Seguindo este raciocínio, posso dizer que na medida em que os vocábulos "saem" do território dos cultos e são

---

<sup>60</sup> MULLER(1992:60) chama a atenção para o fato de que além das "religiões de raiz afro" a "convivência inicial do travesti com os negros em bares que não o discriminavam" também contribuiu na origem dessa linguagem.

<sup>61</sup> CACCIATORI (1988:19)

utilizados em outros contextos, no caso, quando são incorporados ao *Bate*, sofrem outras transformações.

Na pesquisa em alguns dicionários de cultos afro-brasileiros pude verificar a presença de vários vocábulos que também aparecem no *Bate* (alguns idênticos e outros semelhantes). Exemplos:

<b>Ajeun</b> ou <b>Ajeum</b> = comida em Yorubá	/	<b>Jeun</b> = comer em Yorubá
<b>Iliban</b> = policial em Yorubá(Nagô)	/	<b>Okó</b> = homem em Yorubá
<b>Odara</b> = belo em Yorubá	/	<b>Oti</b> ou <b>otim</b> = aguardente, cachaça, marafo, em Yorubá

Na comparação entre os termos utilizados pelas travestis e os termos utilizados nos cultos afro-brasileiros, tendo como fontes, para os últimos, a pesquisa acima citada e os trabalhos de Eduardo FONSECA JÚNIOR (1993 e 1995), ficou perceptível as ressalvas feitas por CACCIATORI. Dentre todas as transformações, de grafia, de significados, etc., a que mais me chamou a atenção foi a forma como os verbos se compõem no *Bate*. São excelentes exemplos na medida em que mostram a formação de vocábulos híbridos. Observando a conversação das travestis e a forma como conjugam os verbos, fica evidente a combinação do tema, derivado do Yorubá, com as *desinências* que acompanham as regras estabelecidas na gramática portuguesa. Exemplo: no infinitivo, *ajeunzar*. Conjugado, *ajeunzei*, *ajeunzou*, *ajeunzaram*, etc.

No estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro, especificamente no tópico "*Ethos e Possessão*", Patrícia BIRMAN fala, dentre outras questões, sobre o



caráter e a valorização do dialeto africano utilizado nos cultos afro-brasileiros que ela trabalha, neste sentido a autora ressalta que:

o domínio do dialeto africano, por sua vez, não só é sinal de pertencimento a um grupo seletivo - aquele capaz de compreender coisas que ninguém compreende, numa língua que todos identificam como difícil - mas também de usufruir de um código "secreto", capaz de identificar pelo seu uso os limites variáveis do grupo considerado e a troca cúmplice e pública que se faz para se testar suas fronteiras.<sup>62</sup>

Assim como o domínio do dialeto africano assume uma importante posição no interior dos cultos afro-brasileiros, o *Bate-Bate* ocupa um espaço fundamental na relação entre as travestis. O domínio do *Bate* é *sinal de pertencimento a um grupo seletivo* e seu uso também identifica limites e testa fronteiras.

Na *rua* o *Bate* pode ser utilizado para agilizar um diálogo, defender-se na presença de estranhos, combinar determinada ação, representar uma situação, um sentimento, uma prática ou uma categoria que, devido a especificidade, às vezes não encontra referente no vocabulário cotidiano, etc. Diante das várias nuances que o *Bate* assume, o contexto é o principal elemento para que possamos identificar os objetivos do seu uso.

Em suma, o *Bate-Bate* é uma linguagem "sexuada", crítica, incomum, ou seja, é um composto multifacetado que se transmite oralmente e que auxilia na criação e na manutenção de uma "tradição inventada", a tradição travesti.

---

<sup>62</sup> BIRMAN (1995:53)

## 2.2 - Fazendo um Corpo Feminino

*A primeira vez que eu me vesti de mulher, sem ter o corpo feminino, foi muito legal. Acho que isso me motivou a alterar meu corpo. Eu achava que só com maquiagem, roupas, não era suficiente. Eu achava que teria que ser total. Não faz muito tempo, eu vou fazer trinta e dois anos, então, deixa eu fazer as contas aqui [...], eu tinha vinte e cinco para vinte e seis anos, né. Então, eu achava que seria melhor, ficaria mais completa a coisa.*

As travestis dedicam especial atenção ao corpo e as possibilidades de modificá-lo e ornamentá-lo, na medida em que procuram *fazer* um corpo feminino desfazendo o masculino. A atenção atinge desde as unhas dos pés até as pontas dos cabelos<sup>63</sup>. Para que a *feitura* atinja uma mudança *total, completa*, como destaca Irene no discurso acima, faz-se necessária a junção de duas complexas práticas que elas denominam *transformação* e *montagem*. Quando se referem à somatória das possíveis alterações do corpo físico com as mudanças no comportamento (em termos de pensar e agir como mulher), utilizam o termo *transformação*. E quando se referem a somatória das possíveis ornamentações corporais com as mudanças no comportamento (em função do tipo *montado*) utilizam o termo *montagem*.

---

<sup>63</sup> Ao falar das travestis no Rio de Janeiro Hélio SILVA(1993:134) ressalta que "ao contrário das mulheres, seus atributos físicos são obtidos graças a uma renhida luta contra a natureza. Já não deixam aflorar "nelas" o homem natural[...]. Uma natureza "feminina" assim aflora, diferente da natureza feminina que se desenvolve naturalmente segundo ritmos, fases e ciclos naturais. A natureza "feminina" do travesti ganha corpo, se consolida, se arredonda no cotidiano, minuto a minuto, no milimétrico (pêlo a pêlo) combate a tudo que tenta brotar do homem subjacente. Esse combate, se iniciado na adolescência, confunde-se quase com os ciclos naturais, criando uma natureza "feminina" ".

### 2.2.1 – *Transformação*

A *transformação* é um processo gradativo. Parte por parte do corpo é *feita* sob a implícita exigência de um conhecimento de técnicas, de métodos e de recursos utilizados para cada membro e cada característica que se pretende *transformar*. O conhecimento adquirido, que forma a base para que estas mudanças se realizem, deriva de vários veículos de aprendizagem, mas um que se destaca é a convivência no grupo, com outras pessoas que se travestem, principalmente com as que se iniciaram há mais tempo. Em outras palavras, a troca de experiências configura-se como uma das formas mais acessíveis de adquirir conhecimentos a respeito das práticas e especificidades que envolvem a *transformação*. Ademais, algumas travestis se tornam *especialistas* em determinadas *feituas* e outras se arrogam o papel de *madrinhas*, acolhendo, orientando e protegendo as novatas.

As *especialistas* obtiveram seus títulos na escola da prática. Recorrer a elas significa, de antemão, pagar menos, pois a maioria das travestis não possui condições financeiras para consultar um outro tipo de especialista.

Fabiola se enquadra neste caso, ela *fez* os seios com uma *especialista* em injeção de silicone, que elas chamam de *bombadeira*. Quando chegamos à sua residência, para uma entrevista, ela não estava *montada*. A única maquiagem era um risco de lápis *crayon* que contornava seus olhos escuros. No corpo apenas um short estampado e uma camisa clara aberta até o umbigo, deixando aparecer um sutiã vermelho meia-taça. Acima dessa peça íntima, no pescoço, aparecia a marca de um corte, e abaixo, em todo abdome, uma larga cicatriz aparecia nitidamente. Quando

questionada sobre os seios, orgulhosamente colocou-os à disposição para os curiosos olhares, falou sobre o processo e opinou a respeito:

*Botei silicone no ano passado, com a Sirlene. Um dos peitos mais bonitos que ela fez foi o meu. Dizem que ela tem uma certa maldade, mas eu acho que não. Ela foi maravilhosa comigo. A bicha foi fazer peito e morreu ... Eu botei colocada, a Sirlene me avisou:*

*- Fabíola! Não é bom. Não é bom tu aplicar silicone com álcool na cabeça porque pode provocar alguma pequena rejeição.*

*Mas não fiquei. Fiquei oito dias atada. Ela me cuidou, fez tudo direitinho. Me bombou duas vezes. Primeiro ela botou um copo. Depois de quinze dias me botou mais um copo. Eu tenho dois copos de cada lado.*

*Olha! Eu não sei. Eu acho que as más línguas que falam é recalque da bicha. Porque a Sirlene prá bombar é maravilhosa.*

*[...] O pior, que hoje em dia, os homens não dão mais bola prá peitos. Tudo bem! Eles acham bonito, eles gostam, botam a lingüinha, mexem, adoram apalpar, mas eles querem a neca. Então é como eu digo. Se tem um necão gostoso prá trabalhar se ganha.*

*O peito é só ilusão, silicone é só ilusão. É tu ficar bonita, ficar visualizada, vistosa, maquiada. A realidade é essa. Eles querem é piça. As mariconas hoje em dia, oitenta por cento, eu vou definir assim, oitenta por cento querem a neca da gente. As vezes tu não tá nem em condições de trabalhar com a neca, mas tem que fazer a neca trabalhar, porque senão tu não ganha.*

Falando ainda sobre o assunto nos explicou que é necessário, quando se injeta silicone, colocar uma madeira entre os seios para separá-los. Atar e ficar oito dias dormindo de barriga prá cima, até que os seios estejam bem firmes.

Irene, que fez o nariz com um cirurgião especializado e o corpo com hormônios, não compartilha a mesma opinião de Fabíola. Fez muitas ressalvas quando falou sobre a possibilidade de injetar silicone com *bombadeiras*. Vejam:

*Normalmente o travesti, não digo todos os travestis, tem aquela ânsia, aquele desejo de se parecer com uma mulher. Então, ele não pensa muito nas conseqüências daquilo que ele tá fazendo. Não sabe se é certo ou errado os meios para fazer esse tipo de coisa. Então fazem de qualquer forma. Não interessa como, mas, eles têm que atingir o objetivo. Então, tá aí o silicone, né. A história do silicone que a gente ouve também falar muitas vezes, do que acontece pela maneira como as pessoas fazem para virarem uma mulher. Digamos assim, entre aspas, né.*

*Então o travesti injeta silicone da pior qualidade. Até por uma questão monetária, né. Procura um outro travesti, que a gente chama de bombadeira, que é a pessoa que injeta silicone nas partes do corpo e molda o corpo com o silicone. Normalmente estas pessoas também não tem a menor higiene. Não tem a menor noção de enfermagem, enfim, não tem a menor noção daquilo que tá fazendo. Usa silicone de péssima qualidade. Daí começa os problemas com o corpo.*

*O travesti também não tem muita informação. Ele também não tá nem aí. Ele não quer saber. Ele quer virar mulher. Injeta esse corpo estranho no corpo e acaba que, depois vem as conseqüências. Nem todo mundo tem condições de entrar num cirurgião plástico e fazer tudo corretamente. Nem todo travesti tem esse poder. E em função disso, em função desse desejo louco de querer ter um corpo bonito, de ser a gostosa do pedaço, o travesti faz loucuras, acaba se entregando para uma pessoa dessas, sem informação, sem noção, sem nada.*

Muitas travestis me falaram sobre estes riscos. Em Porto Alegre ouvi relatos escabrosos sobre rejeição e má aplicação, mas não cheguei a presenciar nenhum caso.<sup>64</sup>

Lariça também recorreu a um especialista. Na visita a sua casa fui com a equipe de filmagem do NAESP. Suzana chamou e logo apareceram algumas travestis, dentre elas Lariça, que veio nos receber. Ela estava com os cabelos umedecidos e soltos. Sua roupa se resumia a uma canga de praia trançada em volta do corpo, amarrou-a na nuca como se fosse um vestido. Quando viu que estava sendo filmada disse que queria se maquiar primeiro. Suzana disse que não seria necessário, pois ela estava muito bonita. Com um sorriso de quem gostou do elogio, rapidamente, ainda na porta de sua casa, mostrou sua mais nova aquisição. Abriu a canga, sem se preocupar com o público, e mostrou os seios.

Com uma expressão bem contente contou que pagou dois mil reais para colocar a prótese. Seus olhos e suas palavras demonstravam um certo orgulho e uma satisfação com o resultado do implante.

O fato de Lariça exibir os seios mobilizou os olhares de algumas pessoas que por ali passavam. As crianças, mesmo não sendo convidadas a participarem da conversa, sem nenhuma cerimônia, pararam e ficaram por perto. Algumas com olhos estatelados. Outras sorrindo e outras tecendo comentários. Às vezes centravam a atenção em Lariça, às vezes atentavam para a câmera filmadora nas mãos de Alfredo. Tive a sensação que duas coisas ocorriam em suas mentes. A primeira era

---

<sup>64</sup> Em Uberlândia/MG, também ouvi relatos, mas presenciei só o caso de Michelle que fraturou o osso inferior da perna e, segundo ela, não pôde ser engessada por excesso de silicone no tornozelo, ficando assim a mercê da cura do "tempo".

uma curiosidade em saber o que estávamos fazendo lá. E a segunda era a vontade de que a câmera mudasse o foco para que eles pudessem aparecer na suposta televisão. Em determinado momento, o pai de um garoto chamou-o pelo nome para localizá-lo. O pequeno ouviu e gritou: "espera pai, a televisão tá falando com a mona". Percebi que, para as crianças, o seio de Lariça e a "televisão" eram novidades, mas as travestis já faziam parte do seu mundo.

Algumas travestis também buscam outras fontes de aprendizagem sobre as possibilidades e conseqüências da transformação. De acordo com o interesse, e na medida do possível, recorrem a revistas especializadas, livros de medicina, palestras e seminários em ONGs, etc. Juliana se enquadra neste caso, está sempre ligada às condições e contradições do corpo. Em entrevista, falou sobre seu corpo e situou os conhecimentos que tinha sobre o assunto:

*Eu vou te dar uma explicação rápida. Eu não tenho silicone no meu corpo. Não tenho nada de silicone. Tenho só hormônio. Por exemplo, o organismo... o homem também tem mamila, mamilos. Então, ele tem as glândulas que as mulheres tem. Dizem até, eu já ouvi assunto assim, que a mulher tem o organismo do homem atrofiado por dentro. Já ouvi assunto sobre isso, de que o homem também teria o mesmo órgão feminino, só que por dentro do organismo atrofiado, que não tem condições de se desenvolver depois que tu já tá desenvolvido. Mas o hormônio feminino ele é encontrado em anticoncepcionais, mas é uma dosagem muito pequena, entendeu? Prá mim deu enjôo, é que isso depende do estado do organismo. A Mônica toma uma injeção. Ela toma uma injeção chamada Benzogenestril, que é essa daqui, né (me mostra o frasco). Essa injeção contém...(procura na caixa os componentes mas desiste rapidamente).*

*A mulher tem dois tipos de hormônios, a progesterona e o estrogênio. Essa injeção contém o estrogênio. Essa injeção aqui é a Gestadinona, ela contém progesterona. A Mônica tem aquele corpão de mulher, de deusa, tem aqueles seios enormes, só tomando isso. Só tomando a Benzogenestril. Eu tomo essa daqui (Gestadinona). Eu fico com a bunda, as ancas, os quadril, umas coxas bem... bem... Porque eu tenho um corpo muito masculino, principalmente a parte do quadril. Nunca tive, acho que por causa da auto-sugestão. Desde a época que eu li esses livros eu sempre me auto-sugestionava dizendo que eu tinha o corpo de mulher, feições de mulher, desde criança. Já é uma crença mais minha, do tipo de literatura que eu lia. A minha mãe sempre acreditou nessas histórias, do poder da mente. Dizia que era comprovado cientificamente que o ser humano não usa dez por cento da capacidade mental. Então, eu tenho esses ossos aqui bem largos, e no que eu tomo hormônio vai alargando, enche mais, porque o hormônio não engorda, o hormônio incha.*

*Uma época que eu tomava bastante hormônio, eu ficava com os quadris muito largos. Teve uma época que eu tava tão, tão inchada do hormônio, com os quadril tão largos que eu tava com 104. Eu medi. Eu ia fazer uma roupa prá sair, aí a costureira foi medir meu quadril. Eu tava com 104 de quadril. Era uma brincadeira, todo mundo que pegava no meu pé eu gritava:*

*-não querida, eu tenho 104 de quadril sem silicone.*

*Eu mexia com as bichas. As bichas não me suportavam. Porque eu ficava com a bunda enorme, um baita dum cu. Elas diziam:*

*- tu tem um cu né bicha! Benza a Deus!*

*Elas mexiam muito comigo, né. Então o hormônio vai desenvolvendo. Porque a mulher, como eu te falei, tem dois tipos de hormônios, a progesterona e o estrogênio. O homem só tem um que é a testosterona.*



*Então, tomando essa injeção tu vai inibindo a testosterona e vai produzindo a progesterona e o estrogênio. Aí vai criando as formas femininas. A voz afina mais um pouco. Fica com o corpo mais torneado, mais feminino. As feições do rosto... Evita crescer pêlo, cabelos, barba. Aí vai fazendo vários milagres, como a gente diz. E o meu peito, ele já foi desenvolvido. Eu vou te mostrar agora, (me mostra os seios) é assim, não tem silicone, porque se tivesse silicone ele seria maior. Se tu apertar aqui assim, tu vai ver. Se tu apertar o teu peito tu vai ver, tem uma glândula aqui assim. Perto do bico tem uma outra menorzinha. O meu peito, eu sou do sexo masculino, não tinha peito antes. Um tórax liso tem a mesma coisa, uma glândula maior aqui e uma menor aqui perto do bico do peito. Há diferença. O silicone não, o silicone tu injeta uma injeção, parece tipo uma injeção de cavalo, de agulha, não sei, essas bichas exageram um pouco, que a agulha é mais ou menos da grossura do dedo mínimo, não sei, nunca vi. A Maria já viu aplicar o silicone numa travesti. Eles vão fazendo várias inserção com a agulha e botando o silicone em volta do peito e tu tem que ficar enfaixada pro silicone não... Tem que ficar não sei quantos dias enfaixada pro silicone não se espalhar.*

*Eu conheci uma travesti em Santa Catarina, em Balneário Camboriú, quando eu trabalhei lá, que era uma deusa, ela tinha silicone na testa, nas maçãs do rosto, no peito, acho que talvez na saboneteira também, no quadril, nas pernas, no tornozelo... Ela tinha silicone em todas as partes. Por dentro das pernas. Então as bichas botam em tudo, no joelho, e, se vai. E o silicone vai. Diz que a parte mais dolorida é quando tu bota aqui dentro das pernas. São umas cem, não sei quantas agulhadas, quase umas cem agulhadas que tem que ficar botando de pouquinho em pouquinho, massageando aquilo.*

*Bom, deve ser insuportável a dor. Eu não sei se eu gostaria. Já pensei algumas épocas mas não sei se eu teria estômago nem coragem. Já ouvi histórias de travesti botar silicone num lado, ficar com um quadril, não*

*agüentar a dor e não querer botar no outro. Teve que amarrar ela à força prá botar no outro, porque senão a bicha ia ficar com um lado assim e o outro sem nada. Não sei, tem gente que exagera e mente um pouco.*

*Mais ou menos é essa diferença. O hormônio vai fazendo uma coisa, um efeito mais natural, mas não é todo o organismo. Tu vê, a Mônica só toma estrogênio. E ela tem aquele peito maravilhoso, enorme. Faz tempo que eu digo:*

*- Mônica, começa a tomar progesterona junto que é pro teu peito ficar maior.*

*E ela não acredita em mim. Ela acha que eu não entendo de nada. Aí um especialista disse prá ela tomar progesterona. Aí ela começou a tomar prá ficar com o peito maior, porque ela quer ficar com o peito maior, né.*

*Eu também preferia ter maior. Uma época eu queria que ele fosse mais ou menos manequim 44, 46, porque a gente é homem, tem a constituição óssea de homem. A gente tem as costas mais largas, ombros mais largos. É por isso que teria que ter mais peito. Tem travestis que botaram prótese. É uma coisa mais segura. Muitas mulheres tem botado. A Luiza Brunet botou prótese. Tem uma revista, na Caras, que mostra ela antes da prótese e depois. O peito dela tá lindo, o peito dela era bem menorzinho. Ela botou prótese com 32 anos de idade.*

*Silicone é assim, é tipo uma geleia, uma gelatina. É uma borracha, e dentro dessa borracha[...] tá o silicone. O silicone gelatinoso parece uma geleia. Não é branco que nem o silicone industrial que elas botam, entendeu. Desculpa, elas botam o silicone medicinal, porque o industrial corrói a pele. Como tem caso de uma travesti que mora ali no Cristal, que eu sei, que o silicone corroeu. Ela tem buracos, já mostrou até na Zero Hora (gazeta diária), uma vez numa reportagem. Eu até guardei, só não sei onde é que tá guardado, tá por aí. Uma criatura fez a perna, bem nessa parte do quadril, ela tem um buraco. Eles botaram o silicone industrial, e*

*o silicone começou a corroer a pele. Disseram que ela bota bife. Ela compra carne no açougue e bota pro silicone corroer aquilo. É uma coisa que é mais difícil de se tirar, entendeu, precisa de raspagem, cirurgias e mais cirurgias. E a prótese é uma coisa mais fácil de colocar e tirar. Um efeito mais rápido. Se eu tivesse condições eu gostaria de botar uma prótese. Sei que não precisava, mas, se bem que a gente fica escrava do hormônio. Quando eu paro de tomar hormônio eu fico com as feições mais masculina. E o hormônio feminino evita cravos e espinhas. Eu comecei a tomar hormônio feminino quando eu tinha dezessete anos. Eu tinha uma cara cheia de cravo e espinha. O primeiro efeito que deu, que eu vi, foi que a minha pele ficou uma coisa. Nunca mais ficou a mesma. A primeira vez que eu comecei a tomar hormônio, e depois parei, e depois comecei a tomar hormônio masculino, porque eu fiquei brocha, digamos assim, eu não conseguia gozar. Eu consegui até ter uma ereção com o meu pênis, era mais difícil, mas eu conseguia, eu só não conseguia era bastante esperma. Vinha um liquidozinho, em menor quantidade, mas não vinha aquela coisa, aquele leite sabe, como dizem. Agora não, está vindo porque eu voltei. Tomo em menores quantidades mas tô tomando, por causa dos clientes. E eu tive que tomar testosterona porque os clientes queriam, queriam, queriam e queriam pênis ereto e gozos e coisas que eu não tinha. Como na época eu precisava, porque eu tinha saído de casa, brigada com a minha mãe, eu tomei uma testosterona, aí que estragou tudo. O meu peito já tinha arranjado, ficado num estágio que a glândula já tinha estourado. Menor do que isso não fica, ela já não volta. Eu nunca mais vou ter um peito liso que nem de um gurizinho. Só se eu fizer uma cirurgia e tirar a glândula. Mas aí também eu não vou poder também ser mais mulher, porque daí eu não vou ter mais a glândula prá crescer de novo. É mais ou menos assim.*

*O mais seguro é a prótese de silicone. Dá prá ti botar em todo o corpo. Tem prótese prá bunda, prótese pro peito, pro quadril. Só que é muito, muito, muito caro, em relação ao silicone medicinal injetado. E é mais*

***barato o hormônio também, o hormônio é a mais barato, a coisa mais barata que tem. Demora mais prá fazer efeito, mas tem travestís, a Maria que foi prá Itália agora, ela tem o peito manequim 48, enorme, só de hormônio. Ela não precisou nem tomar as duas combinações juntas, é que depende de cada organismo, cada organismo age de um jeito[...].***

Segundo Juliana, as informações que tem sobre estas questões derivam de várias fontes, sendo uma delas a escola, pois estudou biologia no Colégio.

Juliana era muito vaidosa. Principalmente quando não estava *em crise*. Uma morena bonita, simpática e receptiva. Depois que nos tornamos amigas as conversas ficaram mais soltas, permitindo que falássemos de nossas intimidades. Ela vivia dizendo que eu precisava *fazer* minhas sobrancelhas<sup>65</sup>, pois eram *horrorosas*. Disse-lhe que eu era muito covarde, tudo que implicava em “sentir dor” eu eliminava da minha agenda feminina.

Determinado dia, chegando em sua residência, notei que ela estava despida. Chamei por seu nome. Se enrolou numa toalha e veio em minha direção. Estava depilando as axilas com cera quente. Fiquei observando sua paciência e destreza. Assim que terminou pediu minha opinião sobre o resultado. Disse-lhe que havia ficado poucos fios, mas que dava para tirar com uma pinça. Ofereci-me para auxiliá-la na tarefa. Peguei a pinça e pedi que deitasse no meu colo. Me fitou com um olhar malicioso e disse:

***- Amapôa, eu não sou lésbica.***

---

<sup>65</sup> Para as sobrancelhas e as unhas, as mulheres (fêmeas fisiológicas) também utilizam o termo fazer.

Sorrimos por um tempo. Ela deitou e executei a tarefa. Posteriormente, ela me convenceu a *fazer* as sobrancelhas. Apesar da dor, gostei do resultado. Ela me disse que, se eu passasse mais um tempo com ela, eu iria me *transformar*. Disse-me também que ela estava virando antropóloga e já tinha até um caderno de *campo*. Contou-me que foi em uma igreja evangélica com sua mãe e ficou observando como ocorria todo o ritual. Segundo ela, seu olhar analítico estava mais aguçado.

No convívio e através dos discursos, pode-se perceber que fatores físicos, psíquicos e sociais influenciam na escolha dos recursos, das técnicas e metodologias a serem utilizadas para o processo de *transformação*. Idade, rejeição, condição financeira, expectativa com relação ao tempo gasto no processo, são alguns exemplos destes fatores.

Quando SILVA fala sobre “o incessante trabalho de *produção de si mesmo*”, referindo-se as travestis no Rio de Janeiro, ele afirma que:

o travesti se alça acima de sua condição biológica e realiza tarefas e assume papéis para cuja plena consecução as características biológicas refluem quase a um *ponto zero*. Os travestis não têm trégua. Tudo deve ser “femininamente” acabado. [...]A identidade construída se concretiza em uma direção social. Portanto, se constrói para se demonstrar, para aparecer, para pleitear existência plena.<sup>66</sup>

Dentro da “comunidade travesti”, entre elas, existe uma espécie de jogo de quebra-cabeça onde a ganhadora é aquela que consegue combinar o maior número de peças, que se encontram baralhadas, a fim de formar um todo “femininamente”

---

<sup>66</sup> SILVA (1993:122/123).

acabado. Nos discursos, também existe uma constante diferenciação entre os meios utilizados na *transformação*, na medida em que se ancoram em determinados referentes e remetem a uma projeção social. Por exemplo, as alterações realizadas com hormônios são mais valorizadas, em detrimento do silicone e da prótese, por sugerir certa naturalidade. Assim, ter *104 de quadril sem silicone* (possibilitado pelo hormônio) é bem mais vantajoso. Da mesma forma, *fazer* os seios com uma prótese (que custou *dois mil reais*, conforme a de Lariça) se valoriza quando sugere maior poder aquisitivo.

*Transformar-se* em mulher exige, dentre outras coisas, coragem, paciência, dinheiro e um modelo de mulher. Que mulher é essa? Perguntei a Irene, que assim me respondeu:

*Bom! Eu acho que a gente procura ser... claro que não é uma mulher qualquer. Que prá ser uma mulher qualquer então a gente preferia ser um homem mesmo. Mas uma mulher que agrada... de repente... não digo a todos os homens, mas algum em especial que a gente vai encontrar em um determinado dia. Eu acho que é aquela coisa assim bem de animal, né. A fêmea que quer atrair o macho, como existe no reino animal. Então a gente procura ser aquela mulher especial, aquela mulher sedutora, aquela mulher que qualquer homem gostaria de ter. Fisicamente também, mas é em termos de comportamento, de maneira de se portar. Ela quer seduzir o seu, no nosso caso seria o nosso, o antagônico, o nosso diferente, que seria o homem. Então para que tu atraia esse homem você precisa ser uma mulher ideal para ele. Você procura ser uma mulher pensando naquilo que o homem gostaria. Normalmente é assim, tanto é que a maioria dos travestis querem modificar o corpo prá ser gostosa, aquela coisa toda, de uma maneira que ela consiga atrair o homem que ela queira, mas isso também não é suficiente porque o máximo que pode*

***acontecer é cama. Quando você quer atrair uma pessoa você procura ser uma pessoa delicada, carinhosa, enfim, uma mulher dedicada.***

Durante o processo de ***transformação*** a atenção é dedicada simultaneamente aos corpos físico e psicológico. De um lado preocupam-se com as questões que envolvem as formas. De outro existe uma preocupação em moldar o jeito de pensar e de agir especificamente como uma mulher. Na ***transformação***, os ideais de beleza do corpo e comportamento femininos estão simbolicamente elaborados.

### ***2.2.2 – Montagem***

A ***montagem*** para as travestis funciona como um ritual que possui o corpo como principal suporte. Neste ritual, a ornamentação e a preparação comportamental se dão em função do papel que será desempenhado nos eventos e/ou situações que ocorrerão no plano da vida pública ou privada. No caso das travestis<sup>67</sup>, ***montar*** vem a ser o ato de ***fazer*** uma mulher específica para um momento específico. Desta forma, esta mulher vai variar de acordo com as características do ambiente a ser penetrado e com as representações que se faz do evento e/ou da situação que serão vivenciados.

A ***montagem*** em si mesma é um processo momentâneo, podendo ser solitária ou coletiva. Contudo, ela também exige um conhecimento de técnicas, de métodos, de artifícios e de recursos utilizados que são adquiridos gradativamente. Neste caso a troca de experiências entre as travestis também configura-se como uma das formas

---

<sup>67</sup> Este termo também é utilizado por ***transformistas***, ***drags*** e outros.

mais acessíveis de adquirir conhecimentos a respeito das especificidades que envolvem esta prática.

As travestis vão experimentando e reavaliando os elementos que compõem a *montagem*<sup>68</sup>, segundo SILVA, como se fosse um "aprendizado em que roupas, gestos, posturas, expressões, maneiras de andar, formas de pegar vão sendo testados e readaptados em função dos sinais que num sistema de *feedback* a sociedade vai emitindo para o ator que concomitantemente vai incorporando seu personagem."<sup>69</sup>

Ao observar as áreas de prostituição notei que existia uma certa "cumplicidade" entre territórios e travestis. Os territórios "estipulam", de acordo com suas características, o tipo de prática e o tipo de mulher que pode frequentá-lo. E as travestis, por sua vez, criam regras que mantêm os sinais dados pelos territórios, não permitindo a entrada de pessoas que estejam fora das normas e padrões estabelecidos, o que lhes garante a permanência.

Determinada noite, na casa de Silvane, enquanto ela se *montava* para ir para a *batalha*, deitei em sua cama e comecei observá-la. Seguidas vezes abriu a geladeira. Parecia uma loja de cosméticos. Ceras para depilação, desodorantes, perfumes, creme para as mãos, para os cabelos, para o corpo, etc. Questionei sobre a roupa que ela estava vestindo e assim me respondeu:

***Normalmente, prá programa, eu vou com uma roupa assim, uma mini-saia, que mostre mais, sabe? Uma roupa mais sensual, mais provocante, né. Como a gente vive discutindo, os homens que vão procurar a gente***

---

<sup>68</sup> Esta lógica também se enquadra na *transformação*.

<sup>69</sup> SILVA (1993:123).



*tão procurando uma vagabunda, não tão procurando uma mulher certinha. Mulher certinha ele tem dentro de casa, né. Então eles ficavam com a mulher deles e não procuravam nada, né. Mas isso tudo depende. Esses dias eu fui com um vestido comprido, com o vestido que eu fui prá viagem de Rio Pardo. É um vestido bem comprido, e foi a noite que eu mais fiz dinheiro. A única coisa que eu não tenho, que eu não gosto é essas coisas de strass, tafetás, plumas, paetês, brilhos, nunca, nunca, só me vesti assim em show[...].*

Nesse dia Silvane *montou* a mulher que ela denominou *vagabunda*, mas em outras ocasiões tive a oportunidade de ver outras mulheres, a meiga, a sedutora, a militante, etc. Pude perceber também, ao observar outras *montagens*, que até mesmo a mulher da *batalha* sofria variações, que derivavam tanto dos valores e idéias cultivados por cada uma delas quanto do tipo de território de prostituição a ser penetrado.

A *montagem* e a *transformação* não falam somente da comunidade travesti, falam dos valores, idéias e padrões que permeiam nossa sociedade. Comportamento, subjetividade, estéticas femininas, dentre outros.

### 2.3 - Tensões

Um pouco fanhosa e queixando-se de *sinusíte*, Lena disse que não estava bem naquele dia. Já era tarde e ainda não havia almoçado, pois quando acordou lembrou-se da gravação e resolveu fazer uma maquiagem para aguardar as visitas. Enquanto Alfredo mexia nas cortinas do apartamento, tentando controlar a luz do sol

para melhorar a qualidade da gravação, ela terminava de se produzir. Colocou seus óculos escuros, destes que cobrem parte significativa da face, postou-se frente ao espelho e passou a arrumar os cabelos.

No momento que chegamos ela estava com um lenço na cabeça, estilo pele de tigre, deixando aparecer, no lugar da franja, um grande cacho de cabelo ruivo que se destacava diante de sua tez clara. Depois, enquanto desfazia o arranjo que estava usando, denominado *touca francesa*, detalhou os passos que deveriam ser seguidos para que os cabelos ficassem *bem ondulados*. Primeiro, lavar e escovar os cabelos. Segundo, com os cabelos ainda umedecidos, puxar de baixo para cima até a altura da testa e amarrar. Terceiro, enrolar das pontas até as raízes como se estivesse prendendo em um único bob. De acordo com Lena, algumas pessoas, na ausência de outros cosméticos, utilizam cerveja como fixador para manter o penteado. Por fim, já com os cabelos secos, soltar e pôr a jeito conforme o gosto.

Enquanto explicava mostrou o resultado da receita que havia nos dado. Seus cabelos eram longos e brilhosos. Realmente ficaram bem ondulados com a técnica aplicada, como se tivesse trabalhado mecha por mecha. Como ela mesma disse: *jura que saiu do salão*.

Para iniciar a entrevista, Suzana pediu que ela falasse um pouco sobre os personagens que criara. Atendeu ao pedido. Comentou que o último personagem criado era uma *prostituta velha que já não saía mais de casa*. Deitou-se na cama dizendo que geralmente dorme muito tarde e que na noite anterior estava pensando na correlação entre o personagem que acabara de citar e as roupas que estava usando no momento. Um *sapatinho de puft* fechado e felpudo, destes que se utiliza

para aquecer e enfeitar os pés em noites frias, um *corpete* de plumas cor-de-rosa, ornado com um reluzente detalhe dourado entre os seios, *criado* a partir das mangas do casaco que havia desmanchado e um penhoar de seda branco com algumas estampas, aberto à altura do umbigo, que cobria seu corpo até os joelhos. No dedo anular da mão esquerda ela trazia uma aliança de prata, que pareceu-me não fazer parte do personagem, visto que não teceu nenhum comentário sobre o objeto. Rapidamente, deixou a *prostituta velha* de lado.

Depois de uma discussão sobre as campanhas de prevenção da AIDS, veiculadas pela televisão, Suzana dirigiu-se a mim e comentou que Lena tornou-se *famosa* por sua criatividade e versatilidade. Segundo Suzana, os encontros com ela são sempre carregados de novidades, nunca se sabe como irá encontrá-la. Às vezes ela *faz uma riponga*, às vezes *uma coisa puta*, ou *uma atriz Holliwoodiana da década de 50, 60*. Lena concordou com a observação de Suzana e acrescentou que no momento *estava* nos anos 40, e que se fosse possível decoraria sua casa nos moldes dessa década, inclusive se vestiria e se pentearia de acordo. Afirmou veemente, *eu sou antiga, as minhas amigas me chamam de antiga*.

Em decorrência desta afirmativa nos contou que sempre vem cedo para casa. Somente sexta-feira, apesar da *baixaria*, fica até mais tarde *na rua*. Nos outros dias, no máximo até uma hora da madrugada, ela já está em casa. Afirmou odiar *a rua*, lê-se prostituição, principalmente quando os *boyzinhos* passam de carro *incomodando* ou quando as pessoas passam gritando:

- *ah! Bicha bêbada, colocada !*

Lena continuou o assunto revelando que existem travestis que se posicionam diferentemente com relação a prostituição:

*[...]Eu não gosto de falar muito de putaria.[...] Tem bicha que se orgulha de ser uma prostituta, eu não me orgulho não. Faço, mas não é coisa assim que eu gostaria de fazer sempre. Faço porque é uma coisa que dá dinheiro. [...] Já trabalhei em estética e já trabalhei com desenho, mas é aquela coisa assim, tu trabalha toda uma semana e ganha uma miséria. Eu trabalhava numa estética classe “A” e ganhava uma miséria [...]. Eu não gosto, eu não tenho aquela coisa puta, sabe. Eu faço um, dois programas e me cansa, enjoa. Tem bicha que tem tino. A Pietra mesmo, ela gosta, ela já acorda assim, ela acorda e:*

*- ah! Que roupa eu vou usar hoje?*

*Primeira coisa sabe, já pensa:*

*- o que eu vou usar de noite, que modelo eu vou colocar ?*

*Sabe, passa toda tarde na função de.... Começa a escurecer e já começa montar, se maquiar [...]. Eu não, eu nem penso assim, vou porque vou [...].*

Ao observar que seu *gato* também era *radicalmente contra a putaria* ela apontou para a parede e nos mostrou duas fotos dele. Destacou que as fotos expressam duas fases: na primeira *ele era da cachaça, tava inchado*, e na segunda *ele já tava recuperado*. Mostrou-nos também outras fotografias em que ela estava presente, identificando e relatando a história de cada uma delas.

Em uma das fotos, de quando ela *era rapaz* em *Quaraí*, sua cidade natal, se deteve por mais tempo. Comentou que na época ela *já era bicha, mas uma coisa bem boy, não era uma coisa fresca [...]*. Comentou também que algumas garotas da cidade *davam em cima* dela (dele na época). Gostava de *fazer festa* com uma delas, mas *[...]procurava sempre ter bastante amigos por perto para não haver intimidade [...]*. Contou sorrindo:

- *ela queria beijos. Ah! Era horrível ! Eu fugia. Eu ia nos bailes do CTG e...*

Suzana interrompeu perguntando:

- *De prenda?*

Lena respondeu:

- *Não, de gaúcho, de bombacha. Eu tinha todas as pilchas.*

As histórias fizeram com que ela se lembrasse de um de seus questionamentos que gostaria de compartilhar com as *bichas*. *[...] O que que elas acham: Ser bicha é ser doente? É uma doença? [...]*

Suzana mostrou-se assustada com a questão e iniciou um debate:

- *tu acha que é por aí ?*

- *Eu acho. Eu acho que eu sou um rapaz doente.*

Suzana interrogou novamente:

- *Tu é um rapaz doente porque tu é bicha?*

- *Não. É porque eu me visto de mulher, não porque eu sou bicha. Então eu falo assim: só pode ser doente o rapaz que se veste de mulher. Tira o bicha, tira o homossexualismo. Eu acho que o homem que se veste de mulher só pode*

*ser doente, ter algum problema. Se ele não for homossexual, esquece do homossexual [...].*

Exclamou Suzana:

*- [...] Eu não vejo como doença não Lena!*

*- Mas é que tu vê pelo lado assim, tu quer amenizar a coisa, tu quer defender a classe. [...] Tu quer conscientizar elas. [...] A gente tá conversando e rola sempre essa coisa, ser um rapaz doente. É uma coisa de papo entre a gente. [...] Tu vê uma assim toda feminina, daqui a pouco ela mija parada, tira o pau prá fora e mija. Se ela fosse feminina ela abaixava, sabe. Tem bicha que faz toda... Que graça que tem? Põe o pau prá fora e mija. [...] Outro dia a Jane tava... É uma mulher, né, o cabelão lá. Daqui um pouco tirou o pau fora e começou a mijar de pé. Digo:*

Jane o que é isso ?

*- Ah! Mas eu sou um rapaz doente.*

Suzana exclamou:

*- É meio que uma deitação ! [...]*

Lena interferiu:

*- É um tipo de representação. [...] O que elas pensam eu não sei... Não sei se elas acham que são normais.*

Perguntou Suzana:

*[...] O que tu acha de mais anormal na noite ? No meio das bichas.*

*- Anormal ou normal? Porque normal não tem nada.*

Suzana:

- *nada!*

Lena olhou para mim e comentou, referindo-se a Suzana:

- *ela fica brava, ela quer defender.*

Perguntei a ela:

- O que é o normal?

Ela me olhou, esboçou um sorriso e respondeu:

- *o normal prá mim é o normal. Parece o Derico falando. O normal é o normal. Acho assim, se tu é um artista tu não é normal. [...] Acho que nem vocês são normais, senão vocês não estariam aqui [...]. Quem tem família, ter preconceitos, isso é normal, ter vários preconceitos [...]. Tem o pai que [...] de noite é uma maricon, ele vai lá, transa, mas ele é normal! Aí se ele vê uma bicha na rua ele xinga:*

- *olha o putão!*

*Isso é o normal. Anormal ele seria se ele dissesse:*

- *Não! É um ser humano, é uma opção de vida.*

*Isso seria anormal se alguém dissesse. Então eu acho que a gente, nós não somos normais. Não é uma coisa normal. O meu modo de pensar, eu não sou normal, eu não me considero normal, eu sou anormal. Prá começar, eu sou bicha, e bicha machista. Eu acho que o homem pensa muito mais que mulher. Mulher pensa devagar. Jamais teríamos líder assim. Uma presidenta mulher, jamais! Não passa pela minha cabeça. Vê se pode, eu sou uma bicha machista, [...] já viu mais fora do normal do que isso? Acho assim que... viver fora do*

*normal é bom. Às vezes eu gostaria de ficar um pouco normal e fico um pouco normal [...].*

O debate foi interrompido após uma observação de Alfredo. A carga da bateria da filmadora estava terminando e ainda faltavam algumas visitas a fazer. Nos despedimos, combinei outro encontro com Lena e partimos.

O discurso de Lena me inquietou por possuir várias nuances e ser revelador em vários sentidos. De todas as questões por ela colocadas, o debate acerca das idéias de normalidade e anormalidade me intrigou. Numa primeira e rápida avaliação, a posição de Lena pode parecer uma aceitação de um dos “diagnósticos” propalados socialmente, qual seja, de que o travestismo(dentre outros) é fruto de distúrbios biológicos e/ou psíquicos que afetam determinados indivíduos. Neste “diagnóstico”, as pessoas que se travestem, “possuidoras” destes distúrbios, são classificadas como “anormais”.

Contudo, pelo que pude perceber no decurso da argumentação, ao utilizar as categorias “normal” e “anormal”, Lena chama a atenção para o aspecto social da questão, ou seja, utiliza estas categorias para se referir à manutenção e desvio de modelos, padrões, idéias, práticas e valores dominantes na sociedade. A meu ver, Lena faz uma análise tomando dois ângulos como referência. Por um lado seu olhar volta-se para a sociedade mais abrangente, onde a conjugação macho(biológico)/homem(social) e fêmea(biológico)/mulher(social) é tida como modelo e faz parte das normas sociais. Assim sendo, os indivíduos que se orientam por este modelo são considerados “normais” na medida em que estão de acordo com



as normas estabelecidas socialmente. Evidentemente, no contexto onde o modelo acima é predominante, indivíduos que oscilam diante dos símbolos que mantêm o mesmo ou que conjugam diferentemente seus termos, como as travestis(neste caso macho/mulher), passam a ser considerados “anormais”, pois não estão de acordo com as normas sociais.

Por outro lado, utilizando o mesmo princípio, Lena volta o olhar para as relações entre as travestis. Entre elas existe uma expectativa em relação à construção da feminilidade. “Ser mulher”, além de um projeto individual, passa a ser uma norma dentro do grupo. Neste sentido, a oscilação diante do papel (por exemplo: *tirar o pau* e *mijar de pé*) passa a ser considerada uma anormalidade, pois não está de acordo com as normas estabelecidas.<sup>70</sup>

Em termos gerais, durante o trabalho de *campo*, várias situações e relatos sugeriram os temas pontuados por Lena, embora somente ela tenha utilizado as categorias “normal” e “anormal”. Cristiane, no decorrer de uma entrevista, evidenciou tensões existentes entre as travestis abordando os preceitos e preconceitos presentes nas mesmas. Vejam um fragmento:

***Quando eu tinha dezoito anos eu tinha brigado com a minha mãe. Tinha saído de casa e tava morando em Gravataí com as travestis de lá. A gente discutia, brigava muito dessa história de ativo, passivo, sabe. Do como sentir prazer. Eu dizia prá elas que gostava que as pessoas me fizessem sexo oral e que eu sentia prazer. Era uma forma que eu sentia prazer e gostava. Aí elas diziam:***

---

<sup>70</sup> As questões levantadas por Lena, extremamente interessantes, estão na lista dos embates e debates antropológicos. Perceber e analisar a dialética das oposições “norma/anti-norma”, “ordem/desordem”, “pureza/perigo”, dentre outras, tem sido tarefa daqueles que se dedicam às “inconstantes” constantes que permeiam nosso universo social.

*-ah! Pelo amor de Deus! Não fala mais comigo.*

*Existe um preconceito muito grande. As pessoas tentam se restringir muito. Ativo, passivo, tu dá, tu come, tu só chupa, tu só faz isso, sabe. Eu sempre achei que não é bem assim, sabe. O sexo não tem limites, não tem fronteiras.*

*[...] Elas são as vítimas, né, mas quando a gente bota um outro ângulo, um outro ponto de vista, que a gente vê que as pessoas também são um pouco preconceituosas. Apesar de tu ser um homossexual, e sentir discriminado, tu também é preconceituoso. Tu fica sabendo de um travesti que anda com outra travesti e :*

*-ai! As duas lá são machorras.*

*Ou de um travesti, ou de um gay, que transa com uma mulher:*

*-ai! Tá virando a casaca.*

*Ou vice-versa, de uma lésbica que transa com homem:*

*-ai meu Deus! Ela não pode mais ser lésbica.*

*Tem muito disso. [...]Como disse e volto a lembrar, eu acho que sexo não tem limite, não tem fronteira, até chegar os limites onde começa a aberração sexual, né, de animais, crianças[...]. Nunca passou pela minha cabeça. É uma coisa que eu nem tenho vontade, né. Mas tirando isso, que não entra na minha cabeça, eu acho que quando tu tá com uma pessoa não existe ativo e não existe passivo. Eu acho que o que falta nas pessoas é as pessoas se entregarem. Fazer o que der na cabeça. Eu deixo a minha imaginação rolar. Claro que eu vou respeitando os limites das pessoas, né. [...]Ultimamente, nos meus relacionamentos, eu me solto, brinco, sabe. Faço um jogo de sedução muito grande, sabe. Eu acho que isso é válido. Quando tu vai descobrindo, pegando intimidade com uma pessoa, depois de uma certa convivência, não digo largar o preservativo, tu deixar as coisas rolar bem mais. Normalmente, quando*

*eu começo um relacionamento, os meus namorados nem sabe que eu tenho um pênis ao invés da chana né, mais aí depois, com o tempo vai ficando chato ter que tá escondendo o tempo todo, né. Aí quando tu já começa a conviver junto, já vai dormir junto, aí eu já durmo mais sem roupa né. Aí vai começando toda aquela intimidade, que o casal tem, acho que é por aí.*

Através dos discursos e das situações verificadas percebe-se que “ser mulher” não se restringe ao comportamento e produção estética da pessoa que se intitula. As travestis, na medida em que constroem esta identidade, observam e perseguem todos os elementos necessários para cumprir esta complexa “tarefa”. Neste processo, o grupo adquire um papel fundamental, pois passa a funcionar como um termômetro, mostrando os parâmetros, indicando os limites entre as identidades e acusando quando se cruza a fronteira existente entre a normalidade e a anormalidade.

### *2.3.2 - Êxitos e Limites*

*[...]Uma vez eu tava no pronto socorro. Num acidente eu rasguei minha boca por dentro. Levei acho que oito pontos. Eu tava com os beijos inchados, enorme, enorme, enorme. Aí um casal me levou pro pronto socorro, né. Eu cheguei no segundo andar prá costurar minha boca que tava toda aberta. Aí eu dei o meu prontuário prá enfermeira e a enfermeira pegou. Antes da gente entrar ela pegava o prontuário, entrava, dava uma lida, passava pro médico e depois mandava a pessoa entrar. Aí ela entrou, ficou uns dois três minutos lá dentro e voltou. Olhou bem sério prá mim e :*

*- moça, houve um engano, acho que tu pegou o prontuário errado lá na entrada do hospital. Tu volta lá que o teu prontuário deve tá lá, porque esse prontuário é de um rapaz.*

*E eu com a boca toda reganhada, assim, destruída, né. Porque tu imagina um acidente, tu quase toda destruída. Eu olhei prá mulher que tava me acompanhando e disse:*

*- eu acho que ela tá debochando da minha cara.*

*E comecei meio que rir, disse prá ela:*

*- não, sou eu mesma, esse nome aí é o meu.*

*E o médico que veio me costurar já me deu uma cantada, já me deu o telefone. Coisas assim que acontece. Comigo já aconteceram, eu poderia narrar um monte assim né, de passar por mulher, mas acho que não teria fita suficiente prá narrar tanto, entendeu. Muita gente já se enganou. Eu acho que a gente assume uma postura de mulher, fica convicta disso e se esquece que a gente é homem.*

Assim como Rejane, no relato acima, outras travestis guardam, em seus relicários da memória, histórias situando momentos em que passaram por mulher. Sofia contou, com satisfação, que determinada situação, além de passar por mulher, passou por grávida. Ela estava usando um vestido estilo trapézio, que era moda na época do ocorrido. Subiu em um ônibus urbano e um rapaz levantou para que ela se sentasse. Na hora de descer, quando foi passar a catraca, o cobrador disse-lhe que grávidas poderiam sair pela porta de entrada. Segundo ela, esses poucos gestos e palavras foram suficientes para que se sentisse muito bem.

*Passar por mulher* é uma frase recorrente entre *as travestis* (bem como as derivadas com o verbo conjugado). Em várias situações e relatos aparece sugerindo experiências no plano público ou privado. *Passar por mulher* significa, grosso modo, atingir um nível “x” de feminilidade a ponto das pessoas envolvidas não perceberem que “não” se trata de uma *mulher*. Para as travestis *passar por mulher* é nota máxima. É sinal de sucesso no desempenho do papel. Aparece como sinônimo de competência, onde a *mulher* se realiza quando coloca em xeque a possibilidade de parecer uma *caricatura*. Dessa forma, a *bicha que passa por mulher* está na condição inversamente proporcional à *bicha caricata*<sup>71</sup>. Como ressalta SILVA, “[...]todo o esforço do travesti visa fazer-se passar por mulher. Seus êxitos e motivo de orgulho estão contidos em tal possibilidade”<sup>72</sup>.

Se determinadas situações apontam o êxito, outras demonstram os limites, que podem ser traçados por outrem, por rituais sociais ou pela própria natureza. O relato de Luiza torna-se significativo neste sentido:

*Eu sinto que as mulheres tende a me chamar como ele, entendeu. Tem aquela relutância, e explicam:*

*- como é que eu vou te tratar como mulher se tu não é mulher.*

*Eu não sei porque isso. Ai eu fico me questionando. Hoje eu não tô mais uma pessoa tão fanática como eu era antigamente, de ser mulher. Eu chorava porque não era mulher, chorava porque não podia ter filho, chorava porque eu não podia me casar de véu e grinalda na igreja. Eu entrava em paranóias, né. Então, quer dizer, machucava bastante naquela época.*

---

<sup>71</sup> Este termo é usado por elas pejorativamente, geralmente como forma de acusação quando se tem um conflito

<sup>72</sup> SILVA (1993:129).

*Eu me considero mulher. Eu me esqueço que eu sou homem, entendeu. Me esqueço realmente. Só vou me lembrar que eu sou homem quando eu vou tomar banho, quando eu tenho que trocar de roupa, quando eu tenho que apresentar o documento prá um banco. Alguma coisa que exija necessariamente documento.*

*[...]Eu me sinto mulher, a não ser quando eu tô em crise existencial, principalmente quando a gente, eu no meu caso, quando eu vou fazer programa e os caras vêm nos procurar prá fazer papel de homem. Eles querem ser... Sei lá o que que passa pelas cabeças deles. Ser dominado por uma mulher com pênis. Mas eu acho que eles não querem um pênis de borracha, eles querem um pênis verdadeiro, aquela coisa assim. Eu não sei qual é a viagem, qual é a explicação para isso, entendeu. É uma coisa muito louca, muito difícil de distinguir, de se saber.*

*Porque noventa e nove vírgula nove por cento dos caras que vêm fazer programa comigo querem fazer a parte passiva. E eles são heterossexuais, pais de famílias respeitáveis, né (ironia). Têm as suas mulheres, seus filhos. Eles falam que os filhos já tão cursando a faculdade, que já tão se formando. Falam que eles tão cansados de comer mulher e já não agüentam mais transar com a própria mulher, entendeu. Eles não são homossexuais, entendeu. Isso que eu acho interessante e irônico. É isso que eu não entendo e começo a entrar em crise. Me rotulam como puto, viado, barrão, boiola, putão, sabe. E:*

*- aí! acoca no patê!*

*Que nem esses dias, tava passando uns guris:*

*- aí! Quanto é que tá prá atolar meu pau na merda?*

*Esse tipo de pessoa fica escondido, entendeu. Não dá prá ti saber quem é, mas eles fazem a mesma coisa. Porque que a medicina, a sociedade, quer tentar entender o homossexualismo. Eu acho que não vai conseguir*

***tão cedo. Eu acho que esse mundo tá perdido, não tem mais volta. Tudo que é homem acho que tem um pouco de puto [...].***

Inversamente ao *passar por mulher*, indicador de êxito e motivo de orgulho, quando os limites são apontados, independentemente da origem, indica frustração e passa a ser considerado motivo de *crise* (palavra muito utilizada por elas). Em termos sociais, no momento posso dizer que, mesmo havendo muitos conflitos entre as travestis, as relações estabelecidas no interior do grupo também passam a funcionar como uma válvula de escape, no que se refere à busca de meios para tentar superar estes limites para que as *crises* se “abrandem”.

Quando perguntei a Rúbia sobre o caráter da convivência entre as travestis ela me deu a seguinte declaração:

***É uma coisa muito difícil.[...] É uma convivência muito difícil. É uma coisa assim impossível, de tu ver amizade no meio de homossexuais. Eu acho que é o mundo mais podre que tem é o homossexual em relação a amizade, é horrível! Principalmente entre travesti, porque há sempre aquela competitividade, sabe. Uma é mais bonita que a outra. A outra tem o peito melhor do que a outra. A outra tem dinheiro que outra não tem. A outra passa por mulher. A outra tem voz de mulher. A outra tem o cabelo mais comprido. Então é aquela coisa né. Até minha mãe sempre dizia:***

***- se as mulheres disputassem beleza e homem como as travestis disputam, era prá tá todas as mulheres mortas na face da terra, de tanta disputa[...].***

Mesmo que não seja genérico, este discurso é recorrente. Várias travestis classificaram a convivência entre elas como “conflituosa”, dando um valor negativo à

mesma. De certa forma posso compreender a sustentação desse discurso, pois durante a pesquisa presenciei várias desavenças, como discussões, agressões físicas, injúrias, ameaças, acusações, etc., mas isto não me levaria a uma classificação baseada em generalizações e nem mesmo a tecer juízo de valor (mesmo porque, dentro do regime que vivemos, uma sociedade harmoniosa, igualitária e sem competição está no plano do ideal).

Se o relato de Rúbia fosse a única referência para analisar a idéia de uma tentativa “coletiva” de superação dos limites, uma provável conclusão seria a falsidade desta asserção, na medida em que o discurso nega a possibilidade de socialização entre elas. No entanto, sem abandonar as bases que sustentam o discurso da convivência conflituosa(ou como quer algumas, uma impossibilidade de convivência), ao extrapolar os depoimentos, tomando outras referências, percebi que na relação travesti/travesti o “vínculo recíproco” também é evidente, uma espécie de “mutualismo”, que se manifesta nas formas de residir; na *montagem* e *transformação* do indivíduo; nos riscos e prazeres da profissão; nas formas e locais de diversão; na criação, manutenção e utilização de uma linguagem específica; na organização e/ou participação de movimentos institucionalizados; etc.

Nesta relação existe uma dupla e dialética faceta. O conflito e o “vínculo recíproco” coexistem. Neste sentido, a tentativa de superação dos limites encontrados nos percursos passa a ser uma das manifestações deste vínculo, que a meu ver é uma das sustentações da própria existência social desta categoria.



**Capítulo III**  
**ENTRE ELES**

### 3.1 - *Cadê Meu Brinco Bicha?*

Duas horas da madrugada. Leticia ligou perguntando se eu gostaria de ver o desfile das escolas de samba na avenida Santana. Perguntei se estava sozinha e ela informou que estava com o namorado. Fiz uma brincadeira:

- Qual deles?

Ela gargalhou e respondeu disfarçando:

- *Se tu quiser eu e Luciano passamos aí para te pegar.*

Após acertarmos os detalhes parti ao encontro deles.

Eu já conhecia Luciano, ele *batalhava* na *JB*. Achava-o muito simpático e educado. A primeira vez que o vi foi no Parque da Redenção. Nesta data, ele e Leticia estavam começando o namoro.

A Santana estava cheia, andamos um pouco até encontrarmos um local mais tranqüilo para assistirmos o desfile. Ficamos próximos do palco onde estava o apresentador das escolas. Neste palco, durante os intervalos, ocorria um concurso que visava descobrir, entre o público, a melhor dançarina da "boquinha da garrafa".

Um rapaz, visivelmente embriagado, subiu no palco. Pegou o microfone e começou a cantar a música tema do concurso. Repetiu várias vezes a mesma estrofe. O apresentador, com o intuito de finalizar o espetáculo sem parecer grosseiro, pediu que o público aplaudisse o "artista". O efeito foi contrário. O rapaz se empolgou e monopolizou o microfone. A partir desse momento, a peça contou com mais um personagem, a polícia.

Enquanto tentavam resolver o impasse, nos dirigimos a uma barraca de “milho e derivados”. Luciano, no papel de cavalheiro, foi verificar as espécies e os valores. No tempo em que esperávamos, chegou uma travesti (que eu não conhecia) cumprimentou-nos rispidamente, apontou o dedo para Leticia e perguntou:

**- *bicha, cadê meu brinco?***

**- *Não sei de brinco nenhum bicha.***

**- *Sabe sim. Tu tá com meu brinco. Tu roubou meu brinco.***

A princípio achei que fosse brincadeira, mas as vozes e os ânimos se alteraram e senti que o assunto, cuja lógica estou até hoje sem entender, era sério.

Luciano percebeu que “o clima estava quente” e veio até nós. Na tentativa de apaziguar, lançou algumas questões para se inteirar do assunto e encontrar uma solução. Pelo desenrolar da conversa percebi que já se conheciam. Ficou pior, a discussão se intensificou.

Fiquei ali parada. Me sentia impotente e confusa. Luciano percebeu que a situação estava se agravando e pôs fim ao debate. Elevou a voz, olhou firmemente para a travesti e disse:

**- *Olha aqui, a pinta está comigo e ninguém encosta nela.***

A travesti se calou. Luciano nos chamou e fomos para uma das extremidades da avenida. Sugeri que fôssemos embora, mas Leticia, sentindo-se vitoriosa e envaidecida, descartou a possibilidade.

Comentei que eu não havia entendido a história. Para descontrair caçoei:

**- *Afinal, você roubou ou não este brinco?***

**- *Claro que não Cris! A bicha tá drogada.***

Em seguida contou que a *bicha* tinha morado com ela por um tempo. A mãe da *bicha* não sabia que ela se travestia e nem que *batalhava*. Quando descobriu colocou-a na rua. Não tendo para onde ir procurou por Leticia e ficou em sua casa. Depois que conseguiu outro lugar levou todas as coisas.

Leticia concluiu que, apesar de não recordar, a travesti poderia ter deixado algo em sua casa. Principalmente porque outras pessoas moraram com ela (ou viajaram) e deixaram alguns objetos. Isto dificultava a distinção dos antigos proprietários.

A travesti se aproximou novamente. Desta vez acompanhada de dois rapazes. Ficaram nos observando a poucos metros de distância. Onde estávamos não tinha muita gente, então voltamos para perto do palco onde havia um grupo de brigadianos. Poucos minutos depois chegou a travesti e acenou chamando Luciano.

Não dava para ouvir a conversa, mas notava-se que a travesti estava exaltada. Comentei com Leticia que eu já estava ficando amedrontada. Ela sorriu e disse que a noite mal havia começado. Pediu que eu olhasse para o lado e *catasse* o *boy* que ela estava paquerando. O rapaz, com um belo sorriso no rosto, sinalizava para que ela fosse ao seu encontro. Ela me disse:

*- Cris, eu vou sair com o boy e tu fala pro Luciano que eu fui para casa mas depois ligo pra ele.*

Falei que eu não iria mentir e pedi que ela aguardasse. Na inocente tentativa de persuadí-la disse-lhe que naquele momento, se a travesti resolvesse agredí-la, ela não poderia contar com o rapaz (a princípio), mas certamente poderia contar com Luciano.

Ela não estava preocupada, se divertia com tudo aquilo. Falou que o rapaz era lindo e estava com receio de não vê-lo mais.

Luciano voltou e contou que a *bicha* estava muito nervosa e queria acertar as contas naquele dia. Leticia sugeriu que ele me levasse em casa pois ela não estava com medo e queria ir embora sozinha. Eu sabia o motivo da sugestão. Me coloquei contra e perguntei se a travesti sabia onde ela morava. Respondeu afirmativamente. Luciano estava impaciente. Pegou Leticia pela mão e saiu andando.

O desfile havia acabado, a avenida esvaziava. Estávamos caminhando em direção a Venâncio Aires, perpendicular à Santana. Notamos que a travesti e os dois rapazes estavam nos seguindo. Carregavam objetos nas mãos, mas não conseguimos identificar o que era. Aceleramos os passos. Ao avistar um brigadiano, parado na esquina, comentei com Luciano que poderíamos esperar um taxi ali mesmo. Imaginamos que na presença do policial eles não fariam nada.

Leticia estava encantada, o fato era um espetáculo. Divertia-se com nossa instabilidade. Fazíamos parte de seu público. Por instantes imaginei que ela estivesse nos testando, queria saber os limites dos papéis que Luciano e eu estávamos desempenhando. Dizia que o ocorrido deveria ir para meu caderno de *campo* e que eu não poderia omitir o *bafão*. Principalmente se fôssemos parar na cadeia.

Fizemos sinal para um taxi que parou a poucos metros de distância. Quando a travesti e os rapazes viram que caminhávamos para o taxi moveram-se rapidamente em nossa direção. Entramos às pressas e indicamos a avenida Protásio Alves para o taxista. Pularam na frente do carro fazendo ameaças. O motorista não percebeu que

havia relação conosco. Achou que fossem “baderneiros de fim de noite”. Teceu um rápido comentário sobre o fato, buzinou, acelerou o carro e partiu.

Vitoriosa, Leticia olhava para trás fazendo caretas para a travesti, a qual ficou indignada demonstrando, através de gestos, que a história teria continuidade. Ao chegar na Protásio, pedimos que o motorista parasse, visto que não tínhamos dinheiro para irmos além do que o taxímetro estava marcando.

Já era dia. Luciano, ainda muito irritado, declarou não gostar daquele tipo de comportamento e não queria ter inimizade. Leticia se justificava dizendo que a *bicha* era louca. Eu ainda estava muito tensa e confusa, pensava nos limites de meus envolvimento em *campo*, ou melhor, na falta de limites.

Leticia queria ir embora. Luciano achou melhor aguardar um pouco. Estava com receio de que a travesti e os dois rapazes estivessem esperando por ela nas proximidades da casa. Como eu estava com a chave do apartamento de um amigo que havia viajado, sugeri que fôssemos para lá.

Ficamos conversando até nove horas da manhã. Antes que saíssem pedi que ela ligasse quando chegasse em casa. Logo ligou. Pela voz percebi que o encanto havia acabado. Contou que chegara bem, mas que todas as vidraças de sua casa, que não eram poucas, estavam em pedaços.

### *3.1.1 - Conversando com Elas*

Quando iniciei a pesquisa de *campo* Leticia estava rompendo um relacionamento. Segundo ela, a relação estava desgastada, pois o rapaz era muito

complicado e depressivo. Mostrou-me uma carta que ele escrevera. Além de questões mais íntimas, falava que não queria romper o namoro. Era a única pessoa que amara de verdade e não saberia viver sem ela.

Logo depois namorou um outro rapaz e em seguida iniciou o namoro com Luciano. A princípio, contou-me, estava encantada com seu jeito, mas depois descobriu que não o amava. Após Luciano, durante o tempo que permaneci em Porto Alegre, ela teve outros namorados. Destas relações de Letícia, Luciano foi a pessoa que mais me aproximei.

Em uma longa entrevista realizada com ela, pedi que falasse sobre seus relacionamentos. Não economizou palavras, narrou desde seu primeiro namoro até a história com Luciano. Em suma, tenho aproximadamente 150 páginas de fitas transcritas. Neste sentido, apresentarei esta história de forma resumida. Em alguns momentos, farei uma síntese e em outros colocarei o relato original com alguns recortes.

*Vou começar assim. Desde criança nunca senti atração por mulher, nunca mesmo. Não que eu odiasse, simplesmente não sentia atração. sempre senti atração por homens. O corpo do homem, o corpo masculino me chamava a atenção.*

*[...]O primeiro relacionamento que eu tive com uma pessoa foi quando eu tinha onze anos de idade. Em fase de adolescência a gente não tem as feições do rosto e nem do corpo muito definido. Eu sempre usei cabelos compridos. Tinha os cabelos negros, lisos e compridos, bem compridos.*

*Aí eu e minha irmã tava brincando no quintal. Do outro lado do quintal tinha uma casa que não morava mais ninguém, depois com o tempo eles demoliram, mas antes de demolirem a casa, eu e minha irmã brincava lá.*

complicado e depressivo. Mostrou-me uma carta que ele escrevera. Além de questões mais íntimas, falava que não queria romper o namoro. Era a única pessoa que amara de verdade e não saberia viver sem ela.

Logo depois namorou um outro rapaz e em seguida iniciou o namoro com Luciano. A princípio, contou-me, estava encantada com seu jeito, mas depois descobriu que não o amava. Após Luciano, durante o tempo que permaneci em Porto Alegre, ela teve outros namorados. Destas relações de Letícia, Luciano foi a pessoa que mais me aproximei.

Em uma longa entrevista realizada com ela, pedi que falasse sobre seus relacionamentos. Não economizou palavras, narrou desde seu primeiro namoro até a história com Luciano. Em suma, tenho aproximadamente 150 páginas de fitas transcritas. Neste sentido, apresentarei esta história de forma resumida. Em alguns momentos, farei uma síntese e em outros colocarei o relato original com alguns recortes.

*Vou começar assim. Desde criança nunca senti atração por mulher, nunca mesmo. Não que eu odiasse, simplesmente não sentia atração. sempre senti atração por homens. O corpo do homem, o corpo masculino me chamava a atenção.*

*[...]O primeiro relacionamento que eu tive com uma pessoa foi quando eu tinha onze anos de idade. Em fase de adolescência a gente não tem as feições do rosto e nem do corpo muito definido. Eu sempre usei cabelos compridos. Tinha os cabelos negros, lisos e compridos, bem compridos.*

*Aí eu e minha irmã tava brincando no quintal. Do outro lado do quintal tinha uma casa que não morava mais ninguém, depois com o tempo eles demoliram, mas antes de demolirem a casa, eu e minha irmã brincava lá.*



*Nesta casa tinha uma taquaireira. [...] Aí, eu e minha irmã estávamos brincando lá. A minha irmã, não sei porque, voltou para casa e eu continuei lá, sabe. Criança, brincando sozinha assim, amigo imaginário. Eu tava assobiando, cantando uma canção. Daqui a pouco começaram a assobiar de volta. Aí eu olhei assim por volta da taquaireira e vi um menino do outro lado. [...] Aí ele perguntou meu nome. Aí eu menti, dei meu nome de Letícia. Começamos a conversar. Aí depois fui embora. No outro dia a mesma coisa e assim foi acontecendo todos os dias a gente ficar conversando. Aí nós começamos a namorar e ele sem saber assim, sem saber nada.*

*Foi a primeira vez também que eu fugi. Ele me convidou para ir no aniversário dele. A festa ia ser de noite. A gente dormia super cedo, dez horas da noite a mãe botava a gente na cama. A festa dele ia começar onze e meia, meia noite. Não me esqueço até hoje. Saí pé por pé. Botei os tênis na rua, dei a volta na quadra e me encontrei com ele. Ele me apresentou pra família dele todinha como namorada dele. Aí terminou a festa e nós ficamos namorando num galpão que tinha lá atrás. Tipo uma pecinha, uma garagem. Namoramos, mas aquele namoro inocente, sadio[...].*

*Aí eu comecei a ver que a coisa estava ficando muito forte, sabe. Eu estava gostando demais dele, gostando mesmo. Até hoje eu sei o nome dele, é uma coisa assim, eu não pronuncio. Não digo pra ninguém, mas eu sei o nome dele de cor até hoje. Nunca, nunca, nunca, nunca esqueci, sabe. Tinha vontade de ver como ele está hoje em dia. Acho que pra achar ele só com detetive particular, alguma coisa assim. Tinha vontade de ver como é que ele é. Não dele me conhecer, mas de ver. Nós éramos muito crianças[...]. Foi meu primeiro relacionamento[...]. Foi o primeiro relacionamento que tive assim, não havendo nada de sexo.*

*- Ele não descobriu?*

*Acho que talvez ele descobriu depois, quando eu resolvi terminar. Eu tava gostando demais dele e vice-versa, né. Eu não tive coragem de contar pra ele. Ele começou a me seguir, começou a ir no colégio, começou a passar pela frente da minha rua, sabe. Eu tremia da cabeça aos pés. Eu pulava sapata (brincadeira também conhecida como amarelinha) com as gurias ali na frente da rua, daqui a pouco ele passava. Antes da última vez da gente se falar ele queria falar comigo, mas eu não fui. Não tenho certeza se durante o relacionamento ele descobriu. Aí depois eu sempre tive medo dos meus sentimentos.*

Em seguida Letícia contou que seus pais se separaram. Ela e a irmã foram morar com o pai em uma casa alugada, mas passavam a maior parte do tempo sozinhas porque ele viajava muito em função do trabalho. Nessa época, com aproximadamente dezesseis anos de idade, ela teve seu segundo namorado. Este relacionamento também não durou muito tempo, ela justificou:

*Eu era meio neurótica. Tava assumindo minha homossexualidade. Eu aloprava muito, sabe. Eu enlouquecia as pessoas. Eu tava em crise e deixava as pessoas que tavam comigo em crise junto, sabe. Por isso que eu acho que terminou.*

*Meus relacionamentos não duravam muito[...]. Eu já tive vários namoradinhos de durar um, dois meses, mas namorado sério, fixo, foram poucos. Mas namoradinhos a gente sempre tem, de ficar assim numa festa com um, de repente ficar um mês juntos e depois... sabe.*

Depois deste namorado ela conheceu um rapaz e morou com ele por um tempo. Nesta época ela já se travestia:

*Logo que eu me travesti fiquei com outro cara, que era homossexual também. Era um... Quer dizer, ele era homem na rua, sabe, assim no andar e tudo mais, mas na cama ele não fazia só a parte ativa, né, ele também gostava de fazer a parte passiva.*

*As pessoas se preocupam muito em dizer:*

*- ai tu é ativo! Tu é passivo! É isso, é aquilo outro...*

*Hoje em dia eu vejo que todas as formas de amar são válidas e que não tem como tu rotular: aquele é passivo, aquele é ativo. Num relacionamento tu vai fazer mil coisas. Se tu gosta daquela pessoa, quer se dar, se doar[...].*

*Foi a pessoa que eu mais vivi. Nós ficamos dois anos, um ano e meio juntos. Depois nós brigamos e ficamos mais... Sei que deu um total de dois anos que nós ficamos juntos.*

*Um ano e dois meses foi fixo. Moramos com a família dele em Sapucaia do Sul, na grande Porto Alegre. Ele era uma pessoa muito especial. Posso até te mostrar depois algumas coisas que ele me deu, sabe. Se bem que eu botei muita, mas muita coisa fora. Se eu tivesse guardado todos os ursinhos de pelúcia que ele me deu, esse quarto aqui não tinha espaço[...]*

*Eu trabalhava no Shampoo Cabeleireiro, um salão de beleza que só tinha bicha. Tinha bastante bicha. Foi o primeiro salão que eu trabalhei que tinha bicha. Eu era auxiliar de cabeleireiro.*

*Todo dia, todo santo dia, de segunda a sábado, eu trabalhava no salão. Ele sempre, antes de ir me buscar, uma meia hora antes, uma hora antes, ele deixava com a recepcionista uma caixa de bombom, um cartão, uma rosa, uma flor, sempre alguma coisa. Uma vez ele me chamou na frente do salão e fazia gestos:*

*- vem cá, vem cá, vem cá...*

*E eu dizia:*

*- ah! Ai meu Deus!*

*Eu tava lavando o cabelo de uma cliente. Digo:*

*- que que ele andou aprontando já meu Deus do céu?*

*Dava pra ver que ele tava bem afobado, preocupado, apavorado, né. Aí eu terminei de lavar o cabelo da cliente e fui. Disse:*

*- ai! Que que tu quer?*

*Bem séria. Aí ele disse:*

*- fecha os olhos.*

*Aí eu fechei. Não esperava aquilo, sabe. Ele me bota um buquê de flores, assim, acho que eram rosas. Eu acho que ele adorava fazer isso porque eu caía em prantos. Eu chorava feito uma condenada quando ele me dava qualquer presentinho.*

*Eu entrei no salão e fiquei num vermelhão, num vermelhão... Eu não tinha coragem de entrar no salão com aquelas flores, né. Aí respirei fundo e entrei. Entrei com a cabeça meia baixa. Todo mundo, as bichas tudo aplaudiam e gritavam:*

*- ai! Arrasa! Arrasa! Só no buquê...*

*Eu me lembro que a manicure, a Marina, pegou e disse pra mim:*

*- ah! Eu que sou mulher não ganho uma rosa. A bicha me ganha um buquê de flores do namorado.*

*Então era assim. Não deu certo porque ele era muito ciumento, muito possessivo, aí acabou terminando[...].*

Assim que terminou este relacionamento morou com outro rapaz por seis meses. Relatou:

*Ele morava com a mãe, aqui em Porto Alegre também. A mãe dele não desconfiava. Não sabia que eu era travesti também. Eu até brigava muito com ele. Porque eu, na época que eu tava com ele, eu também era muito paranóica. Eu acho que o que destruiu meus relacionamentos foi a minha paranóia.*

*Na época eu tinha uma fixação assim: que eu era mulher, que eu era mulher e que eu era mulher. Eu só pensava assim, que eu era mulher e pronto, né. Toda vez que eu me deparava com um coisa assim que... Eu não podia ter filhos, sabe, que eu não poderia gerar uma criança com ele e que eu nunca ia poder entrar numa igreja de véu e grinalda, eu chorava, chorava, chorava, chorava... Eu passava uma semana chorando todos os dias. Ele ali do meu lado, me consolando:*

*- não chora Leticia! Isso não é tudo na vida. Não é o mais importante.*

*E eu chorava, chorava feito uma condenada.*

*- mas eu não vou poder ter um neném. Eu não vou poder me casar de véu e grinalda.*

*Enquanto ela narrava dava várias gargalhadas.*

*Eu era bem, bem neurótica. Tipo a Mônica, assim, né. Acho que pior até do que ela. Tenho certeza que naquela época eu passava por mulher. As pessoas não se flagravam, tenho certeza. Não que eu queira me gavar. E eu era bem mais nova, né. Agora já tô mais carcaça, caindo aos pedaços, mais velha[...].*

*Mas aí eu morei com ele e foi super legal. Na época ele ficou desempregado e ele era que me sustentava. Ele não tinha dinheiro para comprar as injeções de hormônio, daí ele começou a comprar comprimidos, que era mais barato. Comprimido anticoncepcional, que também tem uma taxa de hormônio, mas é bem mais baixa do que a injeção. E sem falar no efeito colateral que me fazia, me fazia um mal desgraçado. Me dava dor de cabeça, ficava irritada. Qualquer hormônio*

*me deixava assim, mas comprimido me deixava mais. Me dava uma ânsia de vômito, sabe. Aquela coisa que tu sente, vem até a garganta mas não sai nada, porque não tem o que sair. Aí me dava mais raiva[...].*

*A mãe dele tinha um namorado que ele não queria saber quem era. Então, uma vez por semana ela pedia para nós sair, para ela ficar a sós com o namorado dela. Pra ela fazer uma janta, alguma coisa. Ali pela uma hora, uma e meia, a gente podia voltar. Eu cheguei mal, fui direto para o banheiro e uh...uh... E não vinha nada. A mãe dele se levantou. Pensando que era ele, né. Aí ela perguntou o que que eu tinha, aí eu disse:*

*- ah! não sei. Eu tô enjoada.*

*Aí ela perguntou se tava doendo meu estômago. Eu disse que não, que só tava com enjoô. Aí ela perguntou o que que eu tinha comido. Eu disse que nada. Aí ela me dá um grito:*

*- menina! Tu não tá grávida?*

*Aí que eu fui constatar que ela... Achei que ela tinha se flagrado, que eu era travesti, já tava convivendo há uns três meses.*

*Aí depois foi uma outra também. Mas já tava quase antes da gente se separar. Já tava um bom tempo com ela. Ele não tinha muita paciência com ela. Ela tinha 52 anos e tava começando a se alfabetizar. Ela tava estudando. Ela era semi analfabeta, só sabia assinar o nome e algumas palavras. Eu ajudava ela fazer os temas, as tarefas de casa. Uma mulher assim de garra. Uma mulher admirável mesmo, sabe. Eu nunca vi uma pessoa trabalhar tanto para um filho e tentar dar tudo de bom para um filho, sabe. Uma mulher que eu admiro muito.*

*Aí uma vez nós tava almoçando, sábado de tarde, e ela gostava de ver aquele programa do Bolinha. Eu tava de costas para a televisão, ela sentada de frente e ele na ponta da mesa. Aí apareceu aquele quadro, é... Elas e Eles, Elas por Eles, eu não sei o nome direito. Era um quadro de travesti. Aí nós tava almoçando e ela bem assim:*

- olha lá! O que que é aquilo?

*Era uma travesti cheia de silicone da cabeça aos pés. Eu me virei e umh...umh... Ele me cutucou por baixo da mesa. Ele bateu com a perna dele na minha, né. Eu me virei pra trás e olhei, era uma travesti. Fiquei quieta, não falei nada. Aí ela bem assim:*

- mas que pouca vergonha! Que vergonha que não deve de ser para um pai que tem um filho desse jeito na família! [...]Como é que aceitam uma criatura dessa?

*Eu quieta. Não falava nada. E eu irritava, irritava ele com a mãe dele:*

- ah! bem capaz que tua mãe não sabe!

*E ele dizia:*

- não! A mãe é ignorante. A mãe é do interior do estado, acostumada a lidar com a enxada. É de família alemã.

*Ela sabe falar alemão. Não sabe escrever, mas falar. Ela entende tudo. Tá acostumada a se acordar cinco horas da manhã, lidar com a enxada, entendeu? No interior, sabe, Santa Cruz do Sul. Parece que ela não tava acostumada. Travesti para ela era aquela coisa de quando ela ia para os clubes, Cavalinho Branco, sei lá, esse clubes da Farrapos. Aí ela passava na Farrapos, ela gosta desses bailão, né. Aí ela ia nesses bailão e passava pelas travestis. Mas eu acho que para ela travesti era aquela coisa assim, um corpo bem avantajado, com roupas vulgares e que só sai de noite para se prostituir. Durante o dia nem existe. Acho que ela nunca imaginou que o filho dela tinha uma namorada que fosse um travesti e ia morar junto com ela.*

*Eu dizia para ele:*

- bem capaz! A tua mãe já sabe. Bem capaz que não vão comentar, os vizinhos não vão falar pra ela.

*Mas até nós terminar, acho que ela não... pelo menos no começo não sabia. No final, de repente, eu até não tinha certeza. Depois acho que..., acho que contaram para ela, não ele, né. Acho que contaram. Mas eu ainda visitava ele, seguido, e ela me tratava super bem, sempre, sempre. Fazia os pratos que eu gostava. Fazia as coisas que eu gostava; de comida assim. Mandava presentinhos. Mandava presente para minha irmãzinha menor. Tinha um relacionamento super bom, pena que tenha acabado realmente.[...].*

Letícia destacou outras relações que foram, segundo ela, menos significativas.

Relatou outras *aventuras* passageiras e passou a falar sobre a relação com Luciano.

*Quando conheci o Luciano eu tava namorando com o Pierre, eles eram amigos. Ele(Luciano) tava de caso com uma travesti que se chama Luana. Eu vivia dizendo que eu achava que ele era bem carinhoso com a Luana. Eu sempre falava com o Pierre:*

*- ah! Que bonito. Como ele é carinhoso, não sei o que.*

*E ele:*

*não é não. O Luciano não gosta de travesti. O Luciano não gosta de viado. Tu não viu nada. O Luciano detesta viado.*

*Sempre dizendo que o Luciano agredia a Luana, que não gostava de viado, que detestava, que odiava, que tinha pavor. Até que um dia, o Luciano tava tentando vender um chuveiro Lorenzete. Que eu não sei de onde é que ele tirou. Eu tava com o Pierre indo prá José Bonifácio e Luciano pegou e disse que ia chegar em casa e ia dar umas porradas na Luana. Ele mesmo falou. Eu não me esqueço. De vez em quando eu lembro ele disso. Depois ele largou da Luana. Eles foram prá Camboriú e depois ele voltou. Ele largou da Luana e depois ficou com um caso. Ficou com um cara quase um ano, eu acho.*



*Ele tava com um cara, uma maricon, né. A maricon dava de tudo prá ele. Tava pagando tratamento. Quando comecei com ele, arrecém tava terminando com esse cara. Tava super bonito. A pele dele tava lindíssima, daquele problema que ele tem com espinha. O cara tava pagando tratamento e tudo, gastando bastante dinheiro com ele. Dando do bom e do melhor. Colégio particular, etc.*

*Aí nós começamos. Nós sentamos prá conversar uma vez[...]. Aí nós ficamos conversando da meia noite até as quatro da manhã. Eu fiquei com uma admiração muito grande depois que eu parei prá conversar com ele. Admiração grande mesmo. Eu ví que não era aquilo que o Pierre vivia falando e me senti atraída por ele. Até que um dia que a gente se encontrou, de madrugada, ele tava cansado, não tinha ônibus prá ele ir prá casa dele, aí eu ofereci. Ele imita direitinho a cena de eu, de eu oferecendo prá ele dormir lá em casa:*

*- não leva mal, não leva prá outros lados.*

*Aí ele dormiu. Aí que nós ficamos a primeira vez juntos, que nós transamos. Depois fomos ficando, fomos ficando...*

*Quando nós começamos ele disse que não ia me assumir em público. Não queria que ninguém soubesse. Alegando a desculpa do Pierre, né, porque eles são amigos. Ele não queria era que o Pierre soubesse.*

*O Pierre é aquele que eu te mostrei. Aquele de dois metros de altura. Muito bonito, muito bonito. Não sei porque que não deu certo. Não consigo entender.*

*Enquanto ela pensava perguntei se ela gostava de Luciano.*

*Não sei, eu acho que gosto. Agora, há uma diferença entre gostar, entre amar, entre ficar, entre se acostumar, sabe. Acho que é mais prá um gostar e se acostumar do que prá um amar, eu acho. Eu me sinto muito diferente do que eu era. Antigamente eu vivia em função de alguém.*

*Queria exclusividade. Queria que me assumisse perante a sociedade toda e dissesse que me amasse. Sempre tive esses sonhos assim. Esse era o ideal prá mim. E começou tão diferente. O Luciano me disse que tinha uma namorada. Nós combinamos de ter um relacionamento liberal. Que a gente ia ficar junto só quando desse vontade. Quando não desse vontade a gente não ia ficar junto. Quando um quisesse ficar com o outro ficava.*

*[...]Existe o gostar suportar. Existe o gostar amar. Eu acredito que existe dois tipos de amor, que já aconteceu comigo. Existe o amor a primeira vista, aquele que tu olha e fica assim, sabe. Parece que o mundo para. E aquele que a gente vai aprendendo a gostar da pessoa. Eu não sei te distinguir qual que é o mais forte. Eu acho que os dois pode atingir o mesmo potencial de amor. Só que aquele que tu te apaixona, a primeiro olhar assim, é uma coisa muito boa, porque daí desde o começo, desde a hora que tu olha prá pessoa que tu se apaixona, tu começa a amar aquela pessoa. E agora quando tu aprende, não digo que seja menos, né, quando tu vai aprendendo a gostar, amar a pessoa, quanto mais isso vai passando, conhecendo, é uma outra forma, consegue-se chegar ao mesmo potencial, ao mesmo nível, mas não é quente como quando tu ama a pessoa assim desde a primeira vez que tu vê.*

Letícia, finalizando a entrevista, passou a falar sobre suas relações com mulheres:

*Bom! Agora eu vou falar dos relacionamentos com as mulheres. A primeira namorada que eu tive eu tava na oitava série. Foi uma coisa assim... Com os cabelos enormes, compridos, bem pretos, bem lisos, brilhavam. Três vezes por semana eu passava babosa no cabelo. Então meu cabelo brilhava e crescia muito rápido. Ele já tava pelos cotovelos. Ele era todo inteiro, assim, sem franja sem nada. E era aquela fama no colégio:*

*- ah! Bicha! Isso, aquilo, aquilo outro...*

*E uma guria da sala de aula começou a querer dar em cima de mim. Começou meio que namorar também. Aí eu fiquei namorando com ela, mas ela não era bonita não. Sei lá, eu não gostava muito dela. Aí eu fiquei namorando, durou eu acho que um mês também, não durou muita coisa. Aí depois foi a Camila. A Camila era a vadia. A vagabunda do colégio. Ela já tinha namorado com todo mundo. Ela era linda, linda, linda. Extremamente bonita. Eu acho que ela namorou comigo por causa... De repente eu acho que foi até um desafio prá ela:*

*- Ah! Vamos ver se eu, se eu faço a bichinha virar homem, vamos ver como é que é.*

*E era um sarro! Eu apresentei ela prá minha mãe e a minha mãe ficou perplexa, né. Tapei a boca da minha mãe e de qualquer um que me chamasse de bicha, porque ela era linda, ela era extremamente bonita. Com um corpo assim, uma deusa, né.*

*E ela vivia dizendo prá mim:*

*-Ah! vamos lá prá casa. Eu quero te levar prá casa, a minha irmã tá louca prá te conhecer também.*

*E eu apavorada. Eu arregalava os olhos e dizia:*

*- não! Eu tenho que levar a minha irmã prá casa. Eu não posso, eu não posso.*

*Mas quando eu tive a primeira relação sexual com uma mulher foi um caos, né. Foi um desastre. Eu, nas três primeiras tentativas eu brochei. Não, nas duas primeiras. Na terceira vez que eu tentei transar com ela que eu fui conseguir. Foi uma coisa assim, horrorosa. Foi aí que eu vi que não era o que eu queria. Não transei só uma vez, mas transei umas seis, sete vezes com ela e resolvi. Daí que eu vi que não era o que eu queria. Aí comecei andar no meio das bichas. Aí ela vinha, chorava*

*horrores. Pedía prá eu voltar prá ela e eu dizia que não, que eu era mulher. Aí começou minha paranóia. Foi aí que começou.*

*Mas já transei, depois de tá assim como travesti, com mulheres em programa, principalmente quando eu morava em Santa Catarina. Muitos casais me procuravam prá mim fazer a parte ativa com as mulheres.*

*Hoje em dia eu também ando com um relacionamento com uma mulher. Foi a primeira pessoa assim que, que eu gostei. Que eu transei e gostei de ter transado. Acho que é a única mulher que eu, que eu continuaria transando. [...] Ela, na vida real, prá mim, não é ela, é ele. Ela também se traveste. Ela se veste como homem, é um gurizinho, né. É uma história muito louca.*

Leticia não ficou muito à vontade para falar deste namoro. Disse que o preconceito sobre este tipo de relação é muito grande, tanto por parte das travestis quanto por parte das outras pessoas. Arrematou dizendo:

*[...]daria um casal meio que trocado, né. Esses dias nós fomos entrar numa farmácia que tinha um barzinho do lado e um cara pegou e disse:*

*- olha ali! Uma machorra e um viado juntos.*

*E eu disse (para o namorado):*

*- não! Não me esquentar. Faz de conta que não escutou.*

*- olha ali! Tá tudo errado. Tá tudo virado. Olha ali! Não dá prá entender.*

*Ficaram falando esse tipo de piadinha. Mas tudo virado o que? Eu me visto como mulher e me sinto uma mulher. O outro se veste como homem e se sente como homem. Mas a gente transa uma transa heterossexual. Ele não aceita fazer um... Não quer tentar um sexo anal, entendeu. A gente faz, realmente, aquela transa que se chama papai e mamãe. Seria uma transa heterossexual normal[...].*

Relações entre travestis e mulheres (biológicas) não são comuns. Como estas ligações são consideradas desviantes, aos olhos de muitas travestis, algumas ocorrem na clandestinidade. Como elas mesmas dizem, significa *sete anos de azar*.

Quando conversei com Antonieta, pela primeira vez, perguntei se teve relações com mulheres e a resposta foi negativa. Posteriormente, numa entrevista, ela estava narrando um atrito que teve com outra travesti e comentou sobre uma relação do gênero acima citado:

*Uma vez eu dei o desdobre na falecida lara e ela disse prá Tina que não me bateu porque eu tava tremendo. Mas eu disse prá ela (para lara):*

*- tu quer me bater tu me bate, porque tu vai ter condições. Tu vai conseguir me bater. Agora, eu nem vou levantar a mão prá brigar contigo por causa de uma mulher. Eu não brigo com outro viado por causa de homem, imagina que eu vou me agarrar no pau, me engalfinhar. Uma, porque eu sei que eu vou apanhar de tí. Duas, por causa de uma mulher! Bem capaz!*

*- Quem era a mulher?*

*Era a Tina. Assim, a Tina tava de caso com uma traveca. Aí a Tina começou a largar a traveca prá ficar comigo. A traveca não gostou. Porque a Tina, além de se prostituir, ela dava dinheiro. A Tina assaltava, fazia horrores, e dava o dinheiro todo prá bicha que ficava de caso com ela, entendeu? Elas exploravam a Tina.*

*- Como?*

*Ah! Não sei. A Tina gosta de sofrer, parece. O Luiz me disse que quando foi buscar cocaína, esses tempos, parece que a Tina tá com a Suzete. Foi aí que eu comecei a crer. Porque a Tina tava falando muito em mim*

*ultimamente. Eu não duvido que também tem um pouco disso que a Suzete queira me pegar.*

- A Tina tá namorando a Suzete?

*É. O Luiz me disse que, o dia que ele foi lá buscar pó com a Suzete, ele viu a Tina. Disse que a Suzete deu uma surra, uma surra, uma surra, uma surra, deixou a Tina sangrando, de tanto que ela bateu nela. E a Tina gosta de apanhar. Pior é que ela gosta. Acho que por isso que nós nunca demos certo.*

- Escuta, mas a Tina não faz o masculino nessa história?

*A Tina é mais liberal, é diferente dos outros(outras). Ela faz mais o masculino prá quando ela quer sair. Eu apresentava ela como Otávio. Se vestia como boyzinho, agora não sei como é que anda. Mas ela não tinha preconceito de se vestir de mulher e ter que ir prá esquina batalhar.*

- Ah! Ela batalhava como mulher?

*Sim. Claro. Tu queria que ela batalhasse como homem? Onde é que ela ia arranjar um pau? Aí as maricas chegam ali e:*

*-cadê teu pênis?*

*- ah! Não tenho.*

- Se pode uma travesti se prostituir, uma mulher se prostituir, um homem se prostituir, porque que a *machorra* não pode?

*Vai se prostituir como? Como homem, se não tem?*

- Como *machorra*. E quem tem tesão por *machorra*?

*- Ah! Mais aí só no meio de mulher que ela pode se prostituir. Não na JB que só tem maricona. E tu sabe, maricona é tísca por pênis[...].*

Na entrevista feita com Stella, perguntei sobre suas relações e também fiz uma questão específica sobre relações com mulheres. Ela assim se pronunciou:

*Bom, namorados eu tive poucos, poucos mesmo. Que eu tive, que eu me lembre, namorados firmes mesmo, uma coisa mais séria, foram três em toda a minha vida, né. Eu acho que o relacionamento com o travesti é um pouco difícil, porque nem todo mundo consegue, de repente, ter um relacionamento com um travesti e demonstrar isso prá sociedade. É muito difícil, nem todo mundo assume, assim, consegue assumir. Ou porque tem vergonha ou porque não pode, a família não pode saber. Fica muito difícil quem viva com um travesti e assuma publicamente que vive.*

*Então. Eu sempre tive namoricos né. Eu não sei se porque também não queria me envolver muito, porque tinha medo de, medo de, sei lá, de me magoar. Tiveram assim momentos bons e também, no final, tiveram seus momentos ruins, como qualquer relacionamento. Até de heterossexual é assim. [...]Não tive relacionamentos longos, como existem pessoas que vivem há muitos anos, sete, oito, nove, dez anos juntos. Esse tipo de experiência nunca tive. Foi realmente namoro, nunca foi casamento. Como a gente chama, né. Casamento é quando a pessoa vive debaixo do mesmo teto vinte e quatro horas por dia, trezentos e sessenta e cinco dias por ano. Esse tipo de relacionamento eu não tive também, porque, sei lá, depois que eu voltei pra casa da minha mãe tive medo de ter que passar uma série de trabalho de novo, né. E manter uma casa com uma pessoa junto não é muito fácil. Então eu meio que me acomodei. Fiquei na casa da minha mãe e eventualmente eu encontrava esses meus namorados. A gente saía, nos falávamos por telefone e tal.*

*Foi realmente um namoro, não foi um casamento, nenhum dos três. Um dia ainda quero viver essa situação. Tem gente que fala que é bom. Tem outras pessoas que falam que prende, que como tu vive com a pessoa tu tem que, de uma certa forma, dar satisfações daquilo que tu faz, onde tu anda, com quem tu anda, tem certos horários[...].*

*Eu não sei ainda como seria, mas eu gostaria de viver nem que fosse assim por dois meses, três meses pra ver como é que é[...].*

- Quando você saía para *batalhar*, quando estava se relacionando, pintava ciúme ou algum tipo de discussão?

*Sim. Pintava ciuminho bobo, como qualquer casal de namorado, mas nunca houve discussão ou agressão física. Nunca houve esse tipo de coisa. [...] O travesti é muito ciumento. Ele é muito possessivo, talvez até porque ele não tenha muitas opções. Talvez por ser uma pessoa muito carente, por uma série de fatores, né. Talvez porque é marginalizado, por que é, sei lá, porque não mora com a família, ou, enfim. Então, quando aparece alguém que resolve ficar, ou cuidar da pessoa, então o travesti se adona muito. Ele fica muito ciumento.*

*Então isso é muito comum. O travesti é muito temperamental, ele tem o temperamento muito exacerbado. Então este tipo de coisa é muito comum. Eu já ouvi muito este tipo de situação, mas não é o meu caso. Eu sou uma pessoa até bem. Não vou dizer que não tenha ciúmes da pessoa que eu gosto, claro, mas é uma coisa bem normal, assim, nada de brigas[...].*

*Talvez eu tenha gostado dessas pessoas justamente por que eles me fizeram sentir aquela mulher que eu gostaria de ser. Claro que eu já fui prá cama com várias pessoas. Mas aí é que tá, existe aquela pessoa determinada, aquela pessoa especial, que te chama a atenção pela maneira como tu é tratada. Essas pessoas souberam assim, a risca, me tratar como eu gostaria de ser tratada, me viam como eu gostaria de ser[...].*

- Você já teve alguma história com mulher?

*É estranho, mas eu tive um. Não foi nem relacionamento, foi uma coisa rápida. Uma fascinação rápida. Fiquei impressionada com uma mulher, mas engraçado, ela era lésbica. Fisicamente não deixava de ser uma*



*mulher. Eu também não deixava de ser um homem. Só que nós não nos víamos dessa forma. Ela me via como mulher e eu via ela como homem. Porque ela me tratava como se eu fosse literalmente uma mulher. Ela era uma pessoa sedutora, como o homem sedutor. Então eu via justamente como se ela fosse um homem.*

*Ela tinha maneiras masculinas. Ela tinha um visual incrível. Se você olhasse para ela diria que era um rapaz. Muito bonito. Com os olhos verdes, lindos! Um corpo bem estruturado. A voz era literalmente de um homem. Um travesti ao contrário, né. Não sei se ela tomava alguma coisa. Ela não tinha peito, não tinha seios. Um corpo assim de academia. Completamente sedutor, completamente cavalheiro, tudo aquilo que um homem deveria ser com uma mulher ela era. Então eu tive um certo fascínio com esta pessoa, mas nós nunca chegamos a ter nenhum contato sexual. A coisa ficava só no platônico. Depois nós nos separamos, nunca mais nos vimos. Foi uma coisa rápida, assim, foi uma coisa de meses. Conversávamos sempre que a gente se encontrava, conversávamos muito, muito mesmo.*

- Vocês falaram sobre esta situação ou ficaram somente nos olhares?

*Não. Nós nos falávamos a respeito disso. A gente não entendia muito o que tava rolando. Era meio esquisito. É um casal ao contrário, as avessas, né. Tinha a barreira do tirar a roupa, porque a fantasia iria fatalmente acabar quando a gente tirasse a roupa. Então nunca a gente ia para a cama, nunca mesmo. Mas foi bem legal, foi bem diferente. Se fosse um homem seria perfeito, perfeito mesmo. Garanto que ela pensava a mesma coisa de mim, se eu fosse uma mulher eu seria perfeita. Mas tinha isso aí, depois dessa nunca mais. Mulher, mulher, mulher não. Já aconteceu de mulher, mulher, mulher, querer, de repente, ter uma história comigo. Isso já aconteceu, mas eu descartei a hipótese. Eu fiz a cabeça da pessoa para não levar adiante esta situação, porque não ia rolar nada.*

Poucas travestis me falaram sobre relações com mulheres. Fora os relatos, durante os percursos, verifiquei somente dois casos. Em um dos casos eu apenas observei de longe, estávamos em uma boate. No outro tive oportunidade de trocar algumas palavras, mas quando ficaram sabendo que eu estava fazendo uma pesquisa começaram me evitar.

### *3.1.2 - Conversando com Eles*

Na primeira oportunidade fiz uma entrevista com Luciano. Foi uma longa e proveitosa conversa. Como ele estava um pouco receoso pedi que me falasse sobre suas relações de um modo geral. Depois, na medida do tempo, fui especificando as questões de acordo com meus interesses.

Luciano contou sua trajetória como *michê*. Fez questão de destacar que todas as relações que estabelecera com homens foram movidas por interesse econômico. Nunca se envolveu emocionalmente com seus clientes, pois tinha claro a diferença entre o pessoal e o profissional.

Disse-me que a única vez que morou com um homem foi quando ele estava viciado em cocaína. Um rapaz, que era apaixonado por ele, se propôs a ajudar. Morou com este rapaz por um ano, fez tratamento, voltou a estudar, enfim, *o cara bancava tudo*. Luciano confessou que, apesar de ter tido muito respeito pelo rapaz, se sentia culpado por não poder corresponder as expectativas emocionais. Por isso a relação terminou.

Depois desta história pedi que me falasse sobre as relações que estabelecera com travestis. Assim relatou:

*Eu saí de casa com dezesseis anos e vim prá rua. Eu já conhecia a rua e queria vida fácil. [...] Daí eu fui para um bar. Um bar que fica aqui na João Pessoa. Daí eu tava numa roda e conheci uma travesti. O nome dela era Beatriz, morreu, hoje é finada ela já. [...] Daí eu tava ali conversando com ela e ela me achou uma pessoa super educada. Mas ela já era veterana velha de quadra já. Ela era conhecidíssima. Uma das travestis mais antiga de Porto Alegre.*

*Eu conheci a casa dela. Ela morava bem próximo a este bar, morava em uma rua ali. Daí eu fui na casa dela. A casa dela era um escritório imobiliário, que era do irmão dela. De dia ela cuidava da mãe dela. A mãe dela era doente e o irmão dela era alcoólatra, velho já e alcoólatra. Então ela cuidava dos dois.*

*Como a casa era perto do bar e da rua onde eu me prostituía, eu comecei a me relacionar e rolava transa com ela e tudo. Mas não sentia prazer por ela, entendeu. Era tipo assim, um jogo de interesse. Daí naquela época eu conheci um tal de loló. É uma cola que a gente cheira, líquida, né. Eu me viciéi naquilo e essa pessoa sustentava meu vício, né. Eu me apeguei a ela, assim porque, porque eu chegava lá tinha comida na hora, comidinha pronta, roupinha lavada e tudo, né.*

*Daí ela tinha uma casa no Alto Teresópolis. Ela me deu a chave. Praticamente eu morava nessa casa sozinho, né. Fiquei como tipo uma relação dela. Daí começou, durou três anos mais ou menos.*

*[...]Ela morreu com câncer no pâncreas eu acho. Alguma coisa assim. Teve um caso dela, um outro rapaz, que ficou de história dela por último, né. Ele chutou o estômago dela. Ela já estava meia doente desse problema. Daí alterou e ela faleceu em casa. A mãe dela tinha falecido fazia seis meses já também, depois, no decorrer do tempo faleceu o*

*irmão dela. Três mortes em um ano. Foi super ruim, né. Quando eu perdi ela eu morri. Ela tava brigada comigo, ela não queria me ver nem pintado de ouro na frente. Isso é uma coisa que me machuca até hoje. Porque ela era uma pessoa muito boa para mim.*

*Nossa relação durou uns dois anos. Mas daí depois a gente não transava todo o dia. Era uma vez por mês. Eu era mais um amigo dela, um companheiro assim de desabafo. Ela contava da vida dela do passado. Eu sei muito sobre travesti por causa dela. Porque tinha umas amigas dela, que são enfermeiras, que a família deles não gostava deles montadas. Eles eram homens, né. Então para ir para este bar eles iam para casa dele, que era numa rua próxima ali. Então a gente ia lá e fazia janta, né. A mãe dela ia dormir, até porque era doente. Daí chegava elas lá com as roupas. Às vezes as roupas ficavam lá. Se montavam, se vestiam na minha frente e eu acompanhava tudo. Achava engraçado sabe. A preparação para virar mulher, para se transformar. Achava super legal. Daí eu comecei ter contato. Elas conversavam e eu fui conhecendo. Quando eu vejo, conheci alguns travestis de quadra amigos dela.*

*Eu vi que ela era totalmente diferente, em especial, para os outros, porque ela tinha família que adorava ela, considerava ela, gostava dela com a maior força. Tinha uns problemas de briga, mas coisas normais. Daí eu vi que os outros não tinham família, que moravam em peças alugadas, essas coisas assim, né.*

*A gente ficou mais amigo. Com o decorrer do tempo eu comecei a arrumar garotos para ela, alguns amigos meus. Eles não tinham onde dormir:*

*- Ah! vamos dormir lá em casa e eu te apresento uma pinta, ela é uma pessoa assim, assim...*

*Quando eu vi ela foi se envolvendo com alguns amigos meus e curti com eles. Eu já não tinha mais casos com ela, ficou uma amizade assim, mas rolava lá uma vez por ano.*

*Naquela época eu era viciado em loló. Cheirava cola e sempre ela me dava dinheiro prá mim comprar minha droga. Daí era barato, uma droga super barata. Qualquer três reais hoje compra uma bisnaguinha de desodorante cheia. E aquilo prá mim durava bastante.*

*[...] No decorrer do tempo ela faleceu. Eu tinha apresentado um garoto prá ela. Ela ficou, gostou, se apaixonou por este garoto. Essa criatura batia nela, agredia ela. Eu não gostava que batesse nela. Eu nunca vi. Daí ele conseguiu fazer a cabeça dela prá ela me mandar embora. Uma vez a gente brigou na porrada também, eu e ela. Se desentendeu e daí a gente não queria mais se falar um com outro. Ela ficou com esse cara sabe. Me trocou por ele. Na verdade assim, minha amizade de anos que eu tinha por ela, de mais de três anos... Ele brigou com ela um dia e deu um chute nela, no estômago dela, e ela morreu. Até hoje eu me culpo por isso, dela ter morrido assim brava comigo. Eu nunca fui visitar o túmulo dela. Até já me informei algumas vezes onde é que é, mas nunca anoto. Eu sei que eu não vou me sentir bem se eu for no túmulo dela, sabe.*

- Você tem outros amigos que também moram com travestis?

*Tenho. Eu tenho um que é o seguinte: ele tem uma relação com uma travesti. Até morou nessa casa comigo, lá onde eu morei, lá no Alto Teresópolis. Ele gostava dela. Às vezes eles roubavam, né. Ela ia prá quadra mais para roubar do que prá se prostituir. Ele ia junto, né, ele era companheiro dela. Os dois se amavam sabe. Uma vez ele brigou com ela com uma faca dentro de casa. Foi uma coisa que nunca mais eu vou esquecer. Ele conta e o pessoal fica rindo, né. Eles brigaram porque ele disse que ia embora e ela disse que ele não ia embora. Ele pegou uma faca e disse prá ela largar. Ela largou. Daí ele cortou o pulso e cortou os braços dela com uma faca. Daí começou aquela cena de sangue. Daí:*

- Pedro! Pedro! Pedro!

*Começaram a gritar assim, né. Daí chegou Pedro, o vizinho, e levou ela no hospital. Ele apavorado dentro de casa que tinha matado ela. Quando Pedro voltou na casa ficou sabendo que ela tinha voltado de ambulância prá buscar ele (o companheiro) porque ela não ia morrer sem ele estar do lado. Os vizinhos tudo apavorado que ela tinha chegado de ambulância para buscar ele. Ele estava chorando. Foram os dois para o hospital, né. Se amavam tanto assim que, a ponto de... Ele pedia perdão inclusive, né.*

- Ela morreu?

*Não! Não morreu. Só passou mal. Ele cortou o braço dela só. Não foi nada sério. Mas na cabeça dele ele tinha matado, né, porque saiu um monte de sangue. A casa ficou toda suja de sangue*

*Ele era bandidinho aquele guri! Ele e ela, né, mas se amavam. Não faz muito tempo eu encontrei ela. Daí ela disse que ele tá trabalhando agora e ela continua se prostituindo, mas que eles estão levando uma vida legal. Eles se assumem os dois, sabe. Se assumem super bem, andam juntos assim. São assumidos os dois, sabe, um casal.*

- Você assume a relação que está tendo agora?

*Com a Leticia? Ah! Eu assumo, sabe. Eu acho diferente um pouco, mas tô tão acostumado, sabe. O meu único medo só é a minha família, porque eles não sabem. Eles não tem certeza da minha relação homossexual e tudo, né. Eles fazem de tudo para não ver, sabe. Eles me vê com mulheres às vezes[...].*

*Eu vou te falar uma coisa assim óh! É que eu tô me descobrindo agora. Tanto que esse último caso que eu tenho a gente conversou e ela disse que era preconceito meu. Sabe por quê? Eu fui num bar e daí tinha um garoto, né. Um garoto assim que nem eu, né. Daí ele falou:*

*- Luciano, tem um cara aí que dá cinquenta reais para os guris chupar o pau dele.*

*Falou bem assim. E eu tomando uma cerveja com o cara. Daí ele perguntou se eu não topava prá ir junto, né, daí eu disse:*

*- báh! Não tô por essa. Eu vou dar uma banda ali.*

*Eu tava tomando cerveja e me deu vontade de ir ao banheiro. Daí eu fui. Tive que passar pelo corredor e tinha uma sala super escura onde os pinta ficavam namorando ali, né. Daí quando eu abri a porta para entrar no banheiro, daí vi esse meu amigo e outro cara chupando um velho careca e olhando o filme que tinha na televisão, um filme de homem com homem transando, né.*

*Eu saí tri revoltado com aquilo. Não paguei a conta. Até saí sem pagar. Saí pela portaria. Não sei como eu não paguei, porque eu tava com o comando na mão e saí direto, né.*

*Daí falei para este meu amigo que eu achei nojento, isso tudo lá. Daí ele disse que era preconceito meu. Daí eu fiquei pensando:*

*- éh! Realmente é um tipo de preconceito, né. Eles são meus amigos e tudo.*

*Eu achei baixo aquilo. Então eu me insultei com aquilo. Fechei. Fiquei insultado. Ter visto os dois amigos meus fazendo aquilo, né. E ainda terem me convidado. Eu pensei que eles iam para um motel ou algum lugar, mas eles tavam ali, né. Daí eu, báh! Saí tri indignado, né.*

*Foi aí que eu descobri que eu ainda não tinha me definido o que eu queria ainda ser, né. Se era disso que eu gostava, entendeu? Se eram poucas as experiências, de repente, com mulher, também. Talvez tava me faltando isso ainda prá descobrir se era isso que eu queria mesmo sabe.*

*Daí a minha relação com eles já não tava dando mais certo também. Daí eu conheci esta pessoa que eu estou namorando agora. Eu tô arrecém descobrindo que eu gosto, né. Pelo menos eu não sei se o sentimento*

*que eu tô sentindo por ela, de repente eu não... O dia que a gente não tiver mais junto eu não vou sentir por outra pessoa. De repente eu vou sentir por uma mulher também, sabe.*

*É difícil de poder descobrir se é isso que eu quero ou não. Aos pouquinhos, né. Por isso que eu não tenho vergonha de sair com ela na rua. De passar pelas pessoas. As pessoas ficam olhando. É claro que é bem diferente, a gente se sente meio estranho assim, mas é questão de se habitar, né. Não sei se essa palavra é certa.*

- Habituat?

*É, habitar. É questão de se habitar com a coisa. Porque o meu medo é o preconceito dos outros, mas eu não tenho que estar vendo pelos outros. Eu tenho que ver por mim mesmo, né.*

*Então é isso que eu estou descobrindo aos poucos. Se eu gosto dessa pessoa e tô andando com ela é porque é minha amiga, né. Porque primeiro de tudo sempre vem a amizade. Essa pessoa é super minha amiga. Então eu não sei. Eu estou descobrindo aos poucos, né. Mas eu tenho medo que um dia isso acabe e eu gosto muito dela também. Daí eu não sei como é que eu vou agir. Tudo que é bom não dura sempre, né. O que é bom não dura prá sempre. Isso eu já sabia, sempre soube disso[...].*

- Qual a sua concepção de amor?

*O amor eu identifico assim: quando eu vejo esta pessoa com outra, de repente, sinto medo, ódio, ao mesmo tempo, assim, por ver ela acompanhada com outra pessoa a não ser por mim. De repente assim, dar um flagra nela. Báhl dá um ódio! Uma coisa que a gente sente que não sentiria por outra pessoa. É uma perca assim. Parece que tá sentindo que tá perdendo aquilo que tu conquistou, sabe. Eu sinto, tenho medo de... Eu vejo essa pessoa e eu sinto às vezes... Perco a confiança em mim mesmo, de não ser homem suficiente para esta pessoa,*



*entendeu. Em termos de ser homem. De não satisfazer esta pessoa. De repente, um dia pintar outra pessoa melhor do que eu. É assim que eu vejo o amor. Quando a gente se preocupa de ver, tá em casa ou tá olhando uma tela de repente. Numa simples conversa no telefone ou uma briguinha por telefone. Vamos dizer assim, tu ficar pensando na pessoa o dia todo. É isso que tem acontecido comigo. Nunca aconteceu, sabe. Eu já tinha sentido acontecer com as outras pessoas em relação a mim. De eu ter sido rude algumas vezes prá fazer a pessoa, de fazer assim, tipo um teste prá ver se ela tá gostando mesmo. Daí ver as atitudes. Parece que tudo tá voltando ao contrário, assim, no decorrer do tempo, sabe. Isso é amor para mim. Eu não digo amor, mas é uma maneira de ele tá entrando na gente, tá batendo na porta e:*

*- deixa eu entrar, deixa eu entrar!*

*E a gente não querer deixar. Querer ser duro. Esconder ele e ele querer forçar a porta prá entrar. Daí vem aquele medo, aquela raiva, aquele ódio que a gente sente quando vê alguém com outra pessoa sabe. Esse é um tipo de uma forma de ele se manifestar na gente. É insegurança, né, é assim que eu vejo ele[...].*

*Com essa pessoa que eu tô agora não rola grana, não rola nada, mas rola prazer, carinho, segurança[...]. Eu sinto um monte por ela[...]. Ela tem certas manias que me agradam, entendeu. Tem aquilo que me agrada. Não é igual quando eu tinha um caso com o cara. De repente eu me deitava na cama com ele e quando eu vejo ele acordava e ficava me excitando, me chupando assim, sabe. Daí eu, de repente, eu tô dormindo com aquele cara, aquele barbudo do meu lado assim e ... Agora, essa pessoa que eu tô ela é assim, se cuida, é cheirosa, sabe. Deita do meu lado e eu abraço e sinto uma força imensa. Como eu posso explicar, uma energia quando a gente abraça. Aquela energia de preguiça e carinho ao mesmo tempo, que a gente sente dentro do corpo da gente. Eu sinto isso, sabe. Isso é uma coisa que me ajuda muito. Quando eu tô do lado*

*dela não dá vontade de me chapar nem nada. Isso é o gostar, né. Eu gosto, né. Com estas outras relações que eu tive era financeiramente, era sempre com interesses de não precisar ter que trabalhar. Não precisar fazer nada pela vida. Só se vestir bem e sair a hora que quer. Sempre dinheiro no bolso e não precisar fazer menor esforço[...]. O dinheiro, como ele vem fácil ele vai mais rápido ainda. Tu vicia, tu quer mais dinheiro, tu quer ter mais grana, tu quer gastar mais, entendeu. Tu vê o lado bom da vida, mas a gente pensa que tá aproveitando mas não aproveita não[...]. Tem horas que tu tá num lugar legal, mas quando vê fecha, entra polícia[...].*

Após esta conversa passou a falar sobre os *michês enrustidos* e a diferença entre estes e o que ele chamou de *mundo gay*.

*[...]Entre nós, os garotos, profissionais, a gente é bem mais enrustido. Não é assumido, sabe. Tem garotos aí que vão para a cama e são mulheres na cama. Transam todas, fazem tudo, mas quando tão na nossa roda eles enrustem. Ninguém diz o que é.*

*Eles não deixam a aparência assim de ser mais delicado. A única diferença assim, pode ser, de repente, ser vaidoso ou alguma coisa assim. Ser vaidoso assim mais pro lado feminino. Demonstrar assim: cuidar o cabelo, de não usar qualquer creme, essas coisas assim, sabe. E aí a gente identifica assim que o cara é. Na moral ali, né. Como é que a gente diz, assim, meio boiola. O camaradinho ali é meio boiola. Mas todos transam, né.*

*O que rola é que todo mundo tem medo, eu acho, que alguém descubra. Na minha turma assim de amigos, né. Ninguém deixa na reta um para o outro. O que sai, o que faz, o que deixam de fazer. Para ficarem sabendo é só se um dos garotos falou com o cliente antes. Daí o cliente:*

*- ah! Tô afim de sair, tô afim de comer.*

*Daí o cara:*

*- ah! Eu não transo passivo.*

*Daí o carro vai. Quando volta sai outro garoto ali que é conhecido. Daí volta e ninguém toca no assunto, nada, ninguém pergunta:*

*- ah! Tu saiu com aquele comedor lá?*

*Porque tem uns que são metidinhos a falar. São metidos a machão, mas na verdade são totalmente o contrário, né. Tem um monte de amigos meus assim, sabe[...]. Que nem teve o caso de um amigo meu lá que eu saí com ele, né. Foi o único. A primeira vez que eu tive relação com um colega meu, né, de transar.*

*Ele tinha um problema. Ele saía prá fazer um programa e voltava indignado, queria bater em todo mundo, né. O guri voltava tri rebelde, sabe. O primeiro que na rua viajasse na dele, ele já saía, saía do programa pronto prá arrumar uma briga. Prá beber, tomar um trago. Precisava, tinha que bater em alguém, ou apanhar, não sei.*

*Daí um dia eu saí com ele e com um cliente. Daí rolou na hora da transa e daí deu prá mim no relacionamento, entendeu. Tive que transar ativo com ele. Daí terminou o programa e ele voltou tri indignado. Ele era o mais machão da rua. Dizia que não gostava de viado, que não sei o que. Ele transava passivo. E ele gostava, mas depois saía revoltado, sabe. Ele era tri machão[...].*

*Tem um monte de garotos na rua que são metidos a machão. Daí eu boto esse meu amigo como referência pros outros. Eles são tudo assim. Às vezes eu tô conversando com um cliente e eles me dizem:*

*- ah! Aquele ali é uma mãe na cama!*

*E eu vejo, né. Pô! Os mais machão. O nosso negócio é muito enrustido sabe. Eles não deixam que furem um pro outro. Não comentam o que se faz, o que deixa de fazer na cama. Eles não convidam um para sair com o outro. Já num mundo assim mais liberal, no mundo gay, as pessoas são*

*assumidas, né. Eles já transam entre eles, falam, comentam, dão risadas. No nosso mundo já não, é diferente.*

*[...]No nosso meio se for ativo é como se não tivesse nenhum problema, é tratado normal, mas se tu transar passivo parece que eles já querem, como é que se diz, aproveitar mais da pessoa. Em termos de cortar, querer diminuir o nível da pessoa, desclassifica a pessoa. Vamos dizer, tu pode sentar na mesa e tomar cerveja com a gente na maior, tu pode, mas daí se deixou na reta:*

*- ah! Aquele ali transou passivo.*

*E já começa as arreadinhas, piadinhas, sabe.*

*- Por que você acha que isto acontece?*

*Eu não sei. Não vem de mim. Eu não discrimino. Eu não dou bola para isto. Eu tenho um monte de amigos meus que eu sei o que que fazem, mas de todos estes montes só um assume o que faz. Na cara dura ele assume:*

*- eu já me vesti de mulher e fui prá Farrapos, pensei que lá eu ia ter.*

*Na cara dura, na frente deles. Eles ficaram tudo magoado. Este cara dizia:*

*- eu vinha para cá e tinha que dar era o cu. Me vestia de mulher para ir para Farrapos e tinha que comer os caras.*

*Daí os caras falaram(os michês):*

*- ah! Porque aqui só tem comedor aqui nesta rua aqui.*

*Daí eles ficam sem jeito quando ele dá essas arreadas. Porque é verdade. A maioria dos caras que vão ali vão mais com vontade de ser liberal, né. Daí eles ficam... báh! Eles ficam de cara. Já cortam esse guri. Se tu tá onde pinta, assim, uma lançada assim:*

*- ah! Tem pó prá cheirar.*

*Não convidam ele, sabe. Se a gente vai tomar uma cerveja no bar, eles já querem que ele pague a maior parte da conta. Vamos dizer assim: cada um bota duas cervejas e aquele tem que botar três. Eu não acho legal isso. Não sei o que que eles vêem nisso. Não sei explicar[...].*

Assim como Luciano, outros michês namoravam (ou eram casados) com travestis. Conversei com vários que se encontravam nesta condição. Marcos, casado com Bete, concedeu-me uma entrevista formal cuja síntese apresento abaixo:

*Eu sou michê há doze anos. Comecei, caí nessa vidinha com treze, mas claro, não sempre só nessa vidinha. No decorrer de muitos anos eu trabalhava, vinha fim de semana só para as festinhas. Sexta e sábado era sagrado, eu vinha prá cá(JB). Fui noivo quatro anos de uma garota. Fiquei quatro anos totalmente afastado da Bonifácio. Eu tava com um relacionamento e uma vida semi-construída. Um mundinho que desabou.*

*[...]Através de uma amizade do passado, dos meus dezesseis anos, que eu conheci a pessoa que hoje eu vivo com ela. A gente mora junto há um ano já. Eu lutei muito para tirar ela do buraco, sabe. Fiz ela se enxergar como gente, porque ela se enxergava como travesti, basicamente, nada mais do que isso. Ou seja, prá ela a sociedade excluía ela. Uma coisa natural de pensar. Mostrei prá ela que era diferente. Tirei ela do pó, sabe, ela cheirava pó demais. Mostrei que não valia a pena, fiz se valorizar.*

*A gente mora em Esteio. Eu nasci e me criei nas redondezas da José Bonifácio, na Cidade Baixa. Então, praticamente eu visito minha mãe todo dia. Eu venho e às vezes dou uma passadinha pra ver como ela tá. Passo uma semana sem aparecer e ela já me xinga. Minha mãe sabe da minha relação com travesti. Sabe que eu moro com travesti. Não aceitou eu ter saído de casa pra morar com travesti, mas me dá todo apoio do mundo[...].*

- E a família dela?

*A mãe dela mora em Passo Fundo. Ela queria me conhecer pra ver que tipo de pessoa eu era. Porque na cabeça da mãe dela eu era como normalmente a sociedade pensaria, quem mora com travesti é gigolô, que dá pau prá pegar o dinheiro, aquelas coisas. Não era por aí. Eu tive que mentir que eu trabalhava, que tinha carteira assinada. Não iam aceitar que eu também fazia programa.*

*Aí passamos lá o fim de semana. Eu conheci a mãe dela e a mãe dela gostou muito de mim. A mãe dela é uma pessoa bem. Fiquei doente, a mãe dela deu toda a atenção, chegou atrasada no serviço por minha causa, foram bem legais. A irmã dela não vai com a minha cara. Porque é a irmã queridinha, que cuidava do irmãozinho, aquelas coisas. Ela acha que alguma coisa de mau eu tô fazendo prá Bete. Uma coisa que eu... Deus me livre! Nem penso em fazer nada de mau para ela.*

*Mas a relação da família dela com ela é muito preconceituosa, muito condenativa, muito, muito, muito, muito, muito. A gente chegou lá e a mãe dela:*

*-não esquece que não pode andar de agarramento, de mãozinha dada por aqui por causa dos vizinhos.*

*Uma coisa muito preconceituosa, ninguém aceita. Eles são obrigados a engolir. A irmã dela é a pessoa que ela mais conversa, mais abre. É preconceituosa mas é a cabeça do irmão que ela tá tentando entender. Às vezes eu via ela parada e ficava olhando assim, pensando assim:*

*- como é que pode? O meu irmão...*

*Você consegue definir o olhar da pessoa. Ela tentando analisar:*

*- como é que pode ter ficado assim? Cabelo micoquinho, loirinho, uma coisa bem feminina mesmo. Nada a ver com homem[...].*

*Uma dificuldade foi que eu não consigo ver ela como homem, eu não consigo. Eu chamo ela de Bete. Digo Be...ah! Ah! Aí dava o nome, sabe, o nome real. Uma coisa que eu me senti muito desconfortável. Eu não consigo ver. Um homem vestido de mulher, não consigo, trato ela por ela. Me vejo percebendo ela naturalmente, para mim é uma mulher[...].*

*O travesti tem uma coisa, sempre ele quer ser mulher, uma mulher normal. Então ele força muito aquilo, fica uma coisa muito grotesca. [...]Tem muito travesti que eu olho na cara e digo: esse não tem espelho em casa. Não deveria estar se vestindo de mulher. Porque tem travesti que tu olha assim e é uma mulher. Tu custa pra descobrir que é um homem. Mas tem muitos que tu olha na cara, do outro lado da rua, e tu já sabe que é um travesti, sabe[...].*

*- E a sua família com relação a ela?*

*A minha mãe não fala, não pergunta. Prá perguntar da Bete ela pergunta:*

*- como é que vocês estão?*

*- A gente tá bem, numa boa.*

*Ela sabe que a Bete batalha. A minha mãe já foi de batalha. Minha mãe já foi prostituta. Já foi presa por tráfico. Isso há uns quinze anos atrás. Depois ela se redimiou. Hoje a vida social dela tá refeita, totalmente arrumadinha. Então muita coisa ela entende. Claro que eu nunca disse pra minha mãe que eu faço programa. Eu tenho certeza que ela sabe. Ela tem a certeza, mas ela não tem aquele ponto. Absoluta certeza ela não tem.*

*Eu jamais teria coragem de contar isso prá ela. Pra minha irmã eu já contei. A mais velha tem quinze. Nós somos em quatro. Conteí que eu fazia programa, deu na louca. Numa noite eu conteí prá ela. Aceitou e não aceitou. Ficou meio assim.*

*[...]De drogas, de se preocupar que eu use drogas, minha mãe sabe. Eu fumo maconha. O meu primeiro baseado foi minha mãe que fechou prá mim. Fumo não por esporte, porque gosto. Não sou de fumar cinco, seis no dia, mas um eu fumo no dia. Dá vontade eu fumo.*

*No começo minha mãe achava até que eu era... Porque eu morava com travesti. Desempenhava o mesmo papel. Até eu sacar e explicar que não era por aí, que o lance era como se fosse um marido e uma... Um homem e uma mulher, sexo normal. Aceitou. Ficou meio assim, mas depois ela viu que não era como ela tava pensando que era. Ela tava com medo que eu acabasse virando travesti. Eu acho que era isso. Não teve mais problemas[...].*

-Tem muitas relações de michês com travestis?

*Tem. Rola assim uma coisa bem... Como é que eu vou te explicar? Bem pornográfica. Me chega um travesti bonitinho, gostosinho. Pra ser bem mais claro: um travesti gostoso. De cara ele quer ir pra cama com um travesti, no mato que seja, no poste, numa árvore. Travesti, aos olhos de um michê, é assim. Qualquer homem. Acho que não só os michês. Mas é que michê chega a procurar lugares onde tem travesti só pra fazer festa. Isso acontece muito.*

*[...] Sei que é uma relação muito difícil. O maior medo de um travesti, que tem no caso um marido, uma outra pessoa, um companheiro, é o medo da traição com uma mulher. Se o companheiro sair com outro travesti, não é agradável não, ninguém gosta, mas é algo suportável. O maior medo de um travesti é ser traído por uma mulher[...].*

- Como é a relação entre as travestis?

*Perigosa prá caramba. Por mais amigo que um travesti seja do outro ele sempre vai querer dar uma ferrada. Ele tendo a chance de pegar o marido da outra, sabe, de sair com o namoradinho da outra, de pegar o dinheirinho dela, as coisas de dentro de casa, podendo estragar um*



*programa ela provavelmente vai conseguir estragar o programa. Na relação das travestis existe as amizades, mas é muita falsidade. Muito cinismo no meio. De repente um travesti anda com a outra é porque a outra é muito bonita, chama muita atenção, passa batido. Então a outra, de repente, tando junto, vai no mesmo barco, passa junto. Sempre existe o jogo de interesses. A amizade é só uma fachada. Eu defino como uma fachada[...].*

*Existe competição. Uma tem que ser mais bonita que a outra. A beleza dela tem que ser a melhor possível. O lance delas é agradar. Então, quanto mais agradar melhor. Quanto mais parecido com mulher, mais ela é admirada, mais ela tem respeito. Existe isso. Se a bicha é belíssima de rosto, e tudo mais, ela é respeitada. A bicha é bela. Mas se ela é feinha já não tem nem lugar pra ficar na quadra, porque já não vão dar espaço pra ela. Acham que vão afugentar os clientes no caso[...].*

Depois de uma seleção, escolhi os relatos acima por considerá-los reveladores em várias questões. Assim como as relações entre as travestis, as relações entre elas e seus companheiros foram observadas a partir de deslocamentos feitos em vários locais. Bares, boates, ambientes abertos, residências e ONGs foram percorridos.

### *3.2 - Das Relações*

Os bares e boates, além de funcionar como locais de diversão dos casais e solteiros, também funcionam como local de paquera e de possíveis encontros<sup>73</sup>. Nestes lugares, quando comparados a outros estabelecimentos comerciais, os casais

---

<sup>73</sup> Como já foi dito no capítulo I, alguns destes locais também se configuram como agenciadores e/ou facilitadores da prostituição, mas este não é o foco desta pesquisa.

ficam à vontade: beijos, abraços e, dependendo do “clima moral” do ambiente, trocam outros tipos de carícias.

Os ambientes abertos, áreas de prostituição, além de local de trabalho, também possibilitam encontros, que podem ou não se transformar em outro tipo de relação, como namoro, casamento, etc. Conheci um casal de travesti e ex-cliente e ouvi vários relatos cujos casais se formaram desta forma, principalmente namorados.

Como existem muitos relacionamentos entre michês e travestis, os quais conhecem bem as áreas de prostituição, uma prática muito freqüente é a *boiação*. Geralmente, após o trabalho, as travestis e/ou os michês se deslocam para as áreas de prostituição, específica de cada qual, para possíveis encontros.

Nas residências tive a oportunidade de observar alguns casais, namorados e casados. Contudo, como estes lugares exigem tempo, permissão e intimidade para que sejam penetrados, as visitas se deram em menor escala. Neste sentido, tornou-se impossível verificar, detidamente, como os elementos que integram as relações conjugais se apresentam no cotidiano.

Nas ONGs, a maioria das observações da relação travesti/companheiro se deu em função dos eventos organizados pelas mesmas. Nestes eventos, principalmente públicos, compareciam alguns companheiros das travestis. No caso da sede do GAPARS, onde as reuniões eram feitas por identidade, vi somente um casal em uma delas. No caso do NUANCES, que não possuía grupo de trabalho específico de travestis, também pude observar alguns casais que por ali passaram.

Em termos de tempo de relacionamento constatei que, em uma freqüência descendente, predominam, a *boiação*, os namoros por pouco tempo(em média 2

meses) e os casamentos. Nos discursos das travestis aparecem uma escala valorativa destes tipos de relacionamentos, que a meu ver é inversamente proporcional a frequência dos mesmos. Em outras palavras, entre a *boiação*, o namoro e o casamento, o último é mais valorizado, pois confere, para a pessoa que se encontra nesta situação, uma projeção dentro do grupo. Depois o namoro e por fim a *boiação*.

No que se refere aos critérios estabelecidos pelas travestis, quando buscam seus companheiros, pude observar que variam conforme o tipo de relacionamento pretendido. Porém, algumas variáveis estiveram presentes nos discursos sobre todos os tipos, destaco três: posição na prática sexual, tamanho da *neca* e beleza.

Existem expectativas e valoração na distribuição destes critérios. Por exemplo, Quando Géssica me apresentou um de seus namorados, e posteriormente pediu minha opinião, comentei que o anterior era mais bonito. Assim, no sentido de justificar a troca, ela me disse:

- *é, mas o atual tem um necão!*

Por outro lado, em uma conversa entre um grupo de travestis, uma delas comentou que estava namorando com um rapaz conhecido por todas. Ao terminar a fala, uma delas disse que corria um boato de que ele gostava de *fazer passívo*. Com esta fala iniciou-se um debate e concluíram que a beleza do rapaz superava *este defeito*.

Com relação ao casamento, encontrar um parceiro bonito, que tenha um *necão*, que se enquadre nos padrões de masculinidade em termos estéticos e comportamentais, que assuma a relação perante o público e que estabeleça a relação

por amor e não por interesse financeiro, passa a ser um ideal entre elas. Na impossibilidade deste homem jogam com estas categorias e valores na medida das circunstâncias, sempre buscando uma projeção.

A respeito dos relacionamentos com mulheres(biológicas), ao contrário dos michês, a "heterossexualidade", no que condiz a relação entre sexos anatômicos diferentes, tenta ser obscurecida. Esta relação traria uma conotação homossexual, visto que são dois sexos sociais iguais se relacionando, no sentido de deixar de ser travesti e tornar-se lésbica, *machorra*, *amapôa de equê*. Afinal, segundo elas, são *sete anos de azar*. A meu ver, é um paradoxo.

3.2.1 - Estado Civil

Das travestis participantes das reuniões dos grupos sistemáticos do GAPARS, 128 profissionais do sexo foram cadastradas. A tabela que se segue<sup>74</sup> carrega dados gerais que permitem visualizar o perfil geral destas profissionais.

Variáveis		Nº	%
Naturalidade	Capital/RS	44	34.3
	Interior/RS	64	50.0
	Outros estados	16	12.5
	Não informaram	04	3,2

Tabela 6

<sup>74</sup> Tabelas nº18 do Mapeamento Quantitativo do NAESP, p.54.

Idade	De 16 a 20 anos	21	16,4
	De 21 a 25 anos	34	26,6
	De 26 a 30 anos	32	23,6
	De 31 a 35 anos	16	12,5
	De 36 a 40 anos	12	9,4
	De 41 a 45 anos	05	3,9
	Mais de 46 anos	04	3,1
	Não informaram	02	1,5
Escolaridade	Não alfabetizado	02	1,5
	1º grau incompleto	62	48,5
	1º grau completo	25	19,6
	2º grau incompleto	12	9,4
	2º grau completo	21	16,4
	Superior incompleto	04	3,1
	Não informaram	02	1,5
Estado Civil	Solteiro	123	96,0
	Casado	03	2,4
	Divorciado	01	0,8
	Não informaram	01	0,8
Número de Filhos	Sem filhos	119	93,0
	1 filho	07	5,5
	2 filhos	02	1,5

Cont. Tabela 6

A partir desta sistematização pode-se perceber, através da somatória de alguns índices, que 84,3% destas 128 travestis, que moram em Porto Alegre, são naturais do estado do Rio Grande do Sul, sendo que 50% migraram do interior do estado e 34,3% nasceram na capital. Estes dados me permitem dizer que a maioria das travestis que moram em Porto Alegre são gaúchas.

Na observação da tabela acima também se percebe que as variáveis idade e número de travestis são inversamente proporcionais. À medida que avançam as

idades, diminuem o número de travestis e vice-versa. Isto poderia parecer óbvio se estivéssemos considerando um público de terceira idade, mas este não é o caso. No caso das travestis, se dividíssemos a variável idade em dois blocos, com um intervalo de aproximadamente 15 anos, teríamos um resultado, a meu ver, espantador. As travestis de 16 a 30 anos representam 66,6% do valor total, as de 30 a 45 representam 25,8%, e o restante representa 4,6%. Deste último valor, 3,1% têm mais de 46 anos e 1,5% não informaram.

O que me leva ao espanto é que estes dados, além de falar sobre a quantidade de travestis em determinadas faixas etárias, também carregam elementos que insinuam a média de vida das mesmas. Em um grupo de 128 pessoas apenas 4 ter mais de 46 anos não pode ser mera coincidência.

Seria precipitado falar sobre média de vida tomando como referência somente estes dados. Para isto, seria necessário um outro tipo de pesquisa, um trabalho mais específico. Contudo, o que posso dizer é que as travestis estão sempre com suas vidas expostas. Assassinatos, doenças contraídas na prática da prostituição, problemas com as técnicas e materiais utilizados nas tentativas de transformação do corpo e suicídios, são alguns dos vários fatores que contribuem para o estabelecimento desta média.

A variável Estado Civil. Ao tomar como referência a situação legal de cada indivíduo a tabela mostra que 96% das 128 travestis são "solteiros", 2,4% são "casados" e 0,8% são "divorciados". Como a tabela firma-se em termos legais, percebe-se que, implicitamente, são consideradas as relações heterossexuais como base da questão. Ou seja, 96% são "solteiros" porque nunca se casaram legalmente

com uma mulher, 2,4% são “casados” porque se casaram legalmente com uma mulher e 0,8% são “divorciados” porque se divorciaram legalmente de uma mulher.

Se abandonássemos este modelo legal, padronizado, e tomássemos outros referentes para avaliar o estado civil destas pessoas, com certeza teríamos novidades. Em suposição, também teríamos novidades se ocorressem alterações neste mesmo modelo legal. Por exemplo, vamos supor que o projeto, de autoria da deputada Marta Suplicy (PT-SP), que propõe a legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo, fosse aprovado. Suponhamos também que as 128 travestis, consideradas na tabela 6, resolvessem legalizar sua situação civil, tomando como base o projeto acima. Eu diria, em hipótese, que a variável estado civil teria um outro quadro em termos de número e percentual, o qual, no meu entendimento, se aproximaria mais da realidade em que vivem estas travestis.

## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***



Joga pedra na Geni/Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá prá qualquer um / maldita Geni

Vai com ele, vai Geni / Você pode nos salvar  
Você vai nos redimir  
Você dá prá qualquer um / Bendita Geni" <sup>75</sup>

Já diziam Milton Nascimento e Fernando Brant que *toda mulher é mulher da vida*; é "*mais que ser sujeito ou objeto; mais que sofrimento; mais que ser mãe e filha; mais do que o bonito; mulher é muito mais que ter um sexo, é mais que ser amor e alegria*"<sup>76</sup>. E Geni, por ser *mulher*, é mais que ser *maldita*. Seus desejos e valores diferem do *normal*: prefere "*amar com os bichos*" e tem que dominar seu asco "*pra deitar com homem tão nobre*". Possui seus *caprichos* e não tem *honra*, por isso, *pedra na Geni*. Não..., isso não poderia ser dito. A honra de Geni está baseada em seus princípios, "*dá-se então desde menina na garagem na cantina*", mas não dá para "*o bispo de olhos vermelhos*". A honra de Geni possui outros parâmetros, como aponta Pitt - Rivers: "*uma vez que a honra tem sua origem no coração de cada um e que por isso é sentida antes de ser concebida, é raro que as diferentes maneiras de alcançá-la sejam objetivamente reconhecidas. Para cada um existe somente uma noção de honra, a sua. Aqueles que a concebem de outra maneira simplesmente não a tem.*"<sup>77</sup>

Geni cede à *hipocrisia* da cidade que sai em romaria para Ihe pedir ajuda. A honra de Geni se define e a *vergonha* do "*prefeito de joelhos*" se apresenta. Eles não acreditaram que o comandante do enorme Zepelim pudesse escolher "*essa mulher*

<sup>75</sup> "GENI E O ZEPELIM". Música e Gravação de Chico Buarque de Holanda.

<sup>76</sup> "MULHER DA VIDA". Música de Milton Nascimento e Fernando Brant. Gravação de Simone.

<sup>77</sup> PITT - RIVERS (1992:18).

da vida" "*que dá prá qualquer um*". Ela não é *Lady Laura*, a mãe; não é *Carolina* que "*guarda tanto amor em seus olhos tristes*"; não é nenhuma das "*meninas do Brasil , três corações democratas*"; *Geni* não é aquela mulher que "*todo dia faz tudo sempre igual*" e nem tampouco "*Amélia, que era mulher de verdade*". Porque então o comandante escolheria *Geni* no meio de tantas mulheres?

A cidade se pergunta, mas também não responde, se emudece, se envergonha diante da *maldita Geni* que naquele momento passa a ser *bendita*. E assim, aguardam amanhecer o dia e retoma a romaria, "*joga pedra na Geni*"[...].

Na década de setenta cantam *Geni*, de oitenta: "*dá um close nela*"<sup>78</sup> e na década de noventa *Geni* "*vira princesa*", "*a mulher do ano 2000*"<sup>79</sup>. Estas mulheres, assim como outras tantas, conhecidas e desconhecidas, se denominam e/ou são denominadas travestis, identidade que se produz paulatinamente compondo o cenário das representações.

No decorrer das últimas décadas, na mudança da vida privada para a vida pública, o espelho das travestis, antes único interlocutor, tornou-se um de seus apetrechos, destinado aos cuidados de sua estética. Sua imagem agora reflete-se através de um espelho mais complexo, o *outro* torna-se essencial para a formação da consciência de si, o que implica, como propõe Sylvia Caiuby NOVAES, "*no confronto entre sistemas de valores conflitantes, aos quais se apela para a representação de*

---

<sup>78</sup> A frase em destaque é parte da música de Erasmo Carlos dedicada a Roberta Close (travesti brasileira).

<sup>79</sup> Esta expressão refere-se ao artigo publicado na revista "Isto É" sobre uma travesti brasileira que escreve um livro( *A princesa: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas* - Ed: Nova Fronteira) com um ex-terrorista.

*si e, certamente, tanto para a atuação frente ao outro, como para a avaliação desta situação*"<sup>80</sup>.

Na aventura do devir mulher, as travestis criam sociedades com regras, normas e uma linguagem própria, tornam-se relevantes no espaço social. Transformam modelos. Indícios de aceitação se configuram entre as relações que estabelecem com o universo que as circundam<sup>81</sup>, mas assim como a aceitação, a estigmatização e a violência também se delineiam.

Na aventura do devir mulher, existem técnicas e ornamentos corporais que são essenciais para esta produção. Anthony SEEGER propõe uma discussão acerca do "significado dos ornamentos corporais" dentro das sociedades indígenas, trabalhando especificamente entre os Suyá, e para tanto ele parte do seguinte princípio:

Ainda que esteja preocupado com casos particulares, a minha finalidade é global. A ornamentação de um órgão pode estar relacionada com o significado simbólico desse órgão numa sociedade[...]. Os ornamentos físicos devem ser tratados como símbolos com uma variedade de referentes. Devem ser examinados como um sistema, em qualquer sociedade, ao invés de serem examinados de forma isolada e lúcida, porém enganadora como tem sido feito usualmente no passado.[...] Os adornos corporais e o simbolismo corporal não são nem aleatórios nem dissociados. Em qualquer sociedade, certas faculdades estão simbolicamente enfatizadas e relacionadas com outras faculdades. O exame do simbolismo dos órgãos corporais, das faculdades e da sua ornamentação considerados em conjunto como um sistema simbólico deve produzir a compreensão de valores importantes, que pode ajudar a definir sistemas simbólicos culturais importantes.<sup>82</sup>

---

<sup>80</sup> NOVAES (1993:105).

<sup>81</sup> Cf. SILVA, 1993.

<sup>82</sup> SEEGER (1980:44/57).

Os contextos são diferentes, mas como o próprio autor ressalta, estes pressupostos podem ser aplicados de forma global.

O "corpo fala", isto significa que existe uma rede de significações que envolve esta categoria. Se pensarmos no corpo propriamente dito, sem fazermos alusão a nenhum ornamento artificial, já teríamos uma vasta fonte de análise, visto que os próprios padrões de "beleza", de "saúde", de "sensualidade", dentre outros, são definidos socialmente. Onde a busca intensiva para se aproximar destes padrões podem gerar conflitos, em alguns casos, advindos das diferenças naturalmente definidas. Assim, a cor da pele, a estatura física, o sexo biológico, a massa orgânica, etc, são características físicas que representam um grande valor social, historicamente construído, e que arrefecem o processo de construção da "pessoa", no sentido dado por Marcel Mauss.

O corpo torna-se um "depositário" de ornamentos que podem representar e revelar as diferenças. Tanto a existência quanto a ausência de um ornamento corporal possui uma significação social, registrando papéis e posições sociais. No tocante à identidade de gênero, os ornamentos corporais vêm identificar as possibilidades de "homens " e "mulheres" que se diferenciam e se identificam de acordo com a manipulação dos ornamentos que se dispõem. No caso das travestis, além de manipular os ornamentos corporais, manipulam o corpo constantemente, ou seja, juntamente com estas ornamentações que são essenciais para as travesti, temos também o processo de "fabricação do corpo", que não desligamos do nível estético.

A *produção da mulher* seria a dimensão *irredutível* presente no grupo? O que permite a permanência da diferença entre *ele* e o *outro* ? Segundo Ruben, dentro da teoria da identidade a *irredutibilidade funciona como marca no sentido da dimensão etnográfica(do real), elaborada social e historicamente e retirada no interior do grupo, consciente e inconscientemente.[...] Escolhida e privilegiada pelo grupo para ser empregada como marca distintiva. [...] A marca no interior da noção de irredutibilidade pretende assinalar a dimensão construída pelos homens e escolhida como privilegiada para individualizar o grupo no concerto da diversidade social.[...]*.<sup>83</sup> Seria a *mulher* no corpo do *macho* a marca da travesti? O que individualiza o grupo? O que o distingue?

Existe um movimento que faz parte da identidade travesti. Apesar da fidelidade a seu papel, uma das características essenciais deste fenômeno social é a inerência da ambigüidade, a dupla condição, a "*transcondição, no sentido de que há em sua condição um princípio de mutação que, por incidir sobre aspectos, dimensões, características extremamente básicas e estruturantes, as torna virtualmente mutantes, mutáveis.*" <sup>84</sup> Seria a mutação, e não a mulher, a marca da travesti?

O projeto de se constituir socialmente enquanto *mulher*, tendo em vista sua condição fisiológica, é um projeto que se afirma *negando* um projeto social mais abrangente. A construção desta identidade implica a *negação* de esferas valorativas constituídas socialmente. Neste jogo de representações se estabelecem conflitos. Um conflito ideológico que na maioria das vezes a travesti sai perdendo, pois na medida

---

<sup>83</sup> RUBEN (1988: 88/89).

<sup>84</sup> SILVA(1993:127).

das forças ela é a minoria. Um conflito concreto que na maioria das vezes a travesti sai perdendo, pois entre o revólver e a gilete, o segundo é infinitamente mais frágil. Um conflito anônimo que na maioria das vezes a travesti sai perdendo, pois entre o valor de sua identidade e o peso do estigma, o segundo tem maior aceitabilidade por parte de quem quer assimilá-la e dominá-la.

Atualmente, movimentos se organizam na busca dos direitos reservados aos chamados cidadãos. Se organizam também contra a violência, tanto concreta quanto ideológica, que sutilmente alerta o *panóptico* social. E é na tentativa de contribuir com este evento, parte do processo histórico, que ora apresento este trabalho.

Apesar da intensidade da experiência, consegui apreender apenas uma pequena parte daquele complexo universo social no qual tentei penetrar. Esta pequena parte, que também não possui fronteiras explícitas nem exatas, chamo de *campo*. Uma circunstância onde sentimentos, lugares e olhares se misturam, se fundem e se confundem, transformando observador em observado e vice-versa. Hoje posso dizer que “Porto Alegre” foi uma excelente sugestão, principalmente quando percebo o valor desta experiência e deste trabalho tanto a nível pessoal quanto acadêmico.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALBUQUERQUE, Farias Fernanda & JANNELLI, Maurizio. A Princesa: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- AQUINO, Luis Octávio Rodrigues. "As Derivas do Desejo: processos de construção, manutenção e manipulação de identidades lésbicas em um conjunto de mulheres de Porto Alegre". Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 1992.
- ARAGÃO, Luis Tarley. *Em Nome da Mãe*. In: Perspectivas Antropológicas. Nº 3. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.
- AZEVEDO, Thales. *Namoro a Antiga: tradição e mudança*. In: FIGUEIRA, Servulo e VELHO, Gilberto (org). Família, Psicologia e Sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1981.
- BABY, Jovana. Diálogo de Bonecas. Rio de Janeiro: ISER/PIM, [SD].
- BARTH, F. - Los grupos étnicos y sus Fronteras. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.
- BÉJIN, André. *O Casamento Extraconjugal dos Dias de Hoje*. In: ARIÉS & BÉJIN Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BIRMAN, Patrícia. Fazer estilo criando gênero: estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Ed. UERJ, 1995.
- BORDIEU, P. O Poder Simbólico. Lisboa Difel, 1989, cap. 1e5.
- BUFFON, Roseli. "Encontrando o homem sensível?" Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 1992.
- CACCIATORI, Olga Gudolle. Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- CALDEIRA, Tereza Pires. *A Presença do Autor e a Pós-Modernidade*. In: Novos Estudos CEBRAP. São Paulo. n. 21, julho, 1988. p. 133-157.
- CARDOSO, Ruth. (Org) Aventura Antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CORBIN, Alain. *O Segredo do Indivíduo*. In: História da Vida Privada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- DA MATTA, Roberto. Carnavais Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar. 1983.
- DICIONÁRIO. "AURÉLIO ELETRÔNICO". Versão 1.5, 1995.



- D'INCAO, Maria Angela. *O Amor Romântico e a Família Burguesa*. In: Amor e Família no Brasil. São Paulo: Ed. Contexto, 1989, pp.57-71.
- DURHAM, Eunice R. *A Pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: problemas e perspectivas*. In: CARDOSO, R. (Org.). A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- ELIAS, Norbert. *Do Comportamento no Quarto*. In: O Processo Civilizador (uma história dos costumes). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1990.
- ERDMANN, Regina Maria. "Reis e Rainhas no Desterro: Um estudo de caso". Dissertação de Mestrado do Depto de Antropologia da UFSC, 1981.
- FLORENTINO, Cristina de Oliveira. "A Prostituição Travesti em Uberlândia: o bem necessário". Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1993. Mimeo.
- FLAX, Jane. *Pós-modernismo e as Relações de Gênero na Teoria Feminista*. In: HOLLANDA, Heloísa B. (org). Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1991, pp 217-250.
- FONSECA, Claudia. "Cavalo Amarrado Também Pasta": considerações sobre a honra, a reciprocidade e a percepção do tempo na relação conjugal de um grupo popular na região sul". Mimeo.
- FONSECA, Claudia & BRITO, Maria Noemi (org.). Horizontes Antropológicos. Nº 1. Porto Alegre: PPGAS-UFRGS, 1995.
- FONSECA JÚNIOR, Eduardo. Dicionário Yorubá (Nagô) Português. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. Vol. 1. 11ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE COSTA, Jurandir. A Inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro : Ed. Relume, 1992.
- FREIRE, Roberto. Travesti. São Paulo: Edições Símbolo, 1978.
- FRY, Peter. Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- FRY e MACRAE. O que é Homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- GAPA. GAPA informativo. Nº 1, junho de 1994.
- GAPA. *Folder* lançado em 1995.

GAPA. *Folder* lançado em 1996.

GASPAR, Maria Dulce. Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1985.

GEERTZ, Cliford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GGB (Grupo Gay da Bahia). cartilha "ABC dos gays". 2ª ed., 1996.

GIDDENS, Anthony. A Transformação da Intimidade (sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas). São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

GOFFMAN, Erving. O Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GREGORI, Maria Filomena. Cenas e Queixas: mulheres e relações violentas. In: *Novos Estudos CEBRAP*. Nº 23. 1989.

GROSSI, Miriam Pillar. *Trabalho de Campo: Território de Fronteiras de Gênero*. In: FONSECA, Claudia (org.) Fronteiras da Cultura: Horizontes e Territórios da Antropologia na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

\_\_\_\_\_. O Masculino e o Feminino na Educação. In: Paixão de Aprender. Set. 1992. nº 4.

GUATARRI, Felix. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATARRI, Felix e ROLNIK, Suely. Cartografias do Desejo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

HART, John & RICHARDSON, Diane (org.) Teoria e Prática da Homossexualidade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

HEILBORN, Maria Luiza. *De que Gênero Estamos Falando?*. In: Sexualidade, Gênero e Sociedade. Publicação Semestral, ano 1, Nº 2, Dezembro 1994.

\_\_\_\_\_. Homossexualidade e Conjugalidade Igualitária. *Mimeo*. p. 01-21.

JARDIM, Denise Fagundes. "De Bar em Bar: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares." Dissertação de Mestrado do Depto de Antropologia da UFRGS. Porto Alegre, 1991.

KRISTEVA, Julia. *Entretien avec Françoise COLLIN*. In: Cahiers du GRIF nº 32. Hiver 1985.

- LAMAS, Marta. *La Antropologia Feminista y la Categoria "Gênero"*. In: Nueva Antropologia. V. 3, nº 30, 1986, pp. 173-198.
- LEAL, Ondina Fachel (Org.). Corpo e significado: ensaios de Antropologia Social. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- LEAL, Ondina Fachel & BOFF, Adriane. *Insultos, Queixas, Sedução e Sexualidade: fragmentos de identidades masculinas em uma perspectiva relacional*. Seminário Sexualidades Brasileiras. IMS/UERJ, 1994.
- LEITE, Ilka Boaventura. "O Lugar do Não-Cidadão e da Não-Identidade". Trabalho debatido no IV Congresso Afro-Brasileiro. Fundação Joaquim Nabuco. Recife. 17-22/04/1994.
- LEVI-STRAUSS, Claude (Org.). La Identidad: seminário interdisciplinario. Barcelona: Ediciones Petrel, 1981.
- MATHIEU, Nicole-Claude. *Identité Sexuelle/Sexuée/de Sexe*. In: L'Anatomie Politique. Paris: Cote-Feinnes, 1991.
- MAUSS, Marcel. *As Técnicas Corporais*. In: Sociologia e Antropologia. Vol. 2. São Paulo: EPU-EDUSP, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Uma Categoria do Espírito Humano: a noção de pessoa, a noção do "eu"*. In: Sociologia e Antropologia. Vol. 1. São Paulo: EPU-EDUSP, 1974.
- MILLOT, Catherine. Extrasexo: Ensaio sobre o Transexualismo. São Paulo, Editora Escuta, 1992.
- MOTT, Luiz R. B. Dez Viados em Questão: tipologias dos homossexuais da cidade do Salvador. Salvador: Edições Espaço Bleff, 1987.
- \_\_\_\_\_. "Semente de Homem: o esperma na subcultura gay lusobrasileira dos tempos da inquisição à AIDS." *Mimeo*.
- MULLER, Liane. "Etnografia Sobre os Travestis em Porto Alegre". 1992. 17ª ABA. Florianópolis, 1990. Mimeo.
- NAESP. Prostituição em Porto Alegre: mapeamento quantitativo. Pelotas: Editora Universitária – UFPel, 1996.
- NAHOUM-GRAPPE, Veronique. *A Mulher Bela*. In: DUBY, G. & PERROT, M. História das Mulheres no Ocidente. São Paulo: 1991.
- NOVAES, Sylvia C. Jogo de espelhos: imagens da representação de si através do outro. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1993.

- \_\_\_\_\_. "O Lugar do Travesti em Desterro". UFSC, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 1997.
- OLIVEIRA, Neuza Maria de. Damas de Paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.
- OLIVEIRA, Roberto C. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1976.
- \_\_\_\_\_. Sobre o Pensamento Antropológico. Rio de Janeiro/Brasília: Tempo Brasileiro/CNPq, 1988.
- OLIVEN, Ruben George. A Antropologia de Grupos Urbanos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PARK, Robert E. *A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento social no meio urbano*. In: VELHO, O. G. (org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (orgs). Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 1996.
- PERLONGHER, Nestor. *Territórios Marginais*. In: Papéis Avulsos. 1989, Nº 6, CIEC.
- \_\_\_\_\_. O Negócio do Michê: A Prostituição Viril. Brasiliense, São Paulo, 1987.
- PITT-RIVERS, Julian. *A Doença da Honra*. In: CZECHOWSH, Nicole (org.). A Honra - Imagem de Si ou o Dom de Si: Um Ideal Equivocado. Porto Alegre: LPM, 1992. p. 17-32.
- PÓLVORA, Jacqueline Brito. "A sagração do cotidiano: estudos de sociabilidade em um grupo de Batuqueiros em Porto Alegre/RS". Dissertação de Mestrado, PPGAS, UFRGS. Porto Alegre 1994.
- RELATÓRIO. Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do RS, 1994.
- RODRIGUES, José Carlos. Tabu do Corpo. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1975.
- ROSTAGNOL, Susana. *Cultura Masculina, Cultura Feminina: la Importancia de las Diferencias*. In: Fonseca, Claudia (org.). Fronteiras da Cultura: horizontes e territórios da Antropologia na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.
- RUBEN, G.R. *Teoria da Identidade: Uma Crítica*. In: Anuário Antropológico 86. Br. UNB/Tempo Brasileiro. 1988.
- SALEM, Tania. O Casal Igualitário. p. 25 - 36.

- SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. In: Revista Educação e Realidade. Nº 2, vol. 15, Porto Alegre, 1990, pp. 5-22.
- SEEGER, A. O Significado dos Ornamentos Corporais. In: Os Índios e Nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- SELL, Teresa Adada. Identidade Homossexual e Normas Sociais. Santa Catarina: Editora da UFSC, 1987.
- SILVA, Hélio R. S. Travesti: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume Dumará / ISER, 1993.
- \_\_\_\_\_. Certas Cariocas. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1996.
- STOLLER, Robert J. Masculinidade e Feminilidade: Apresentação do Gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- VAINFAS, Ronaldo. Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- VAITSMAN, Jeni. Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- VELHO, Gilberto. O Antropólogo Pesquisando em sua Cidade: sobre conhecimento e heresia. In: O Desafio da Cidade. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- VELHO, Gilberto. Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1986.
- VELHO, Otávio G. (org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (org.). Sociedades Indígenas & Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e ARAÚJO, Ricardo Benzaquem. Romeu e Julieta e a Origem do Estado. In: VELHO, Gilberto(org). Arte e Sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- WERNER, Dennis. Culturas Humanas: comida, sexo, magia e outros assuntos antropológicos. Petrópolis: Vozes, 1987.